

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Fabrício da Costa Trotta

**O afeto entre a psicanálise e as
neurociências**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de
Pós-graduação em Psicologia Clínica do
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Monah Winograd

Rio de Janeiro

Abril de 2015



Fabrício da Costa Trotta

**O afeto entre a psicanálise e as
neurociências**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Monah Winograd

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Flavia Sollero de Campos

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Daniel Correa Mograbi

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Benilton Carlos Bezerra Junior

Instituto de Medicina Social - UERJ

Prof. Elie Cheniaux Júnior

Ciências Médicas – UERJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 06 de abril de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Fabrício da Costa Trotta

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2003. Especialização em Saúde Mental nos moldes de residência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pelo Instituto Municipal Philippe Pinel em 2005. Mestrado em Psicologia na linha de pesquisa Psicanálise, Clínica e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio em 2010. Doutorado em Psicologia, na linha de pesquisa Clínica e Neurociências, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio, em 2015 - com período de um ano de estágio doutoral em Londres, pela University College London, entre 2013 e 2014.

Ficha Catalográfica

Trotta, Fabrício da Costa

O afeto entre a psicanálise e as neurociências / Fabrício da Costa Trotta; orientadora: Monah Winogra. – 2015.

115 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Afeto. 3. Psicanálise. 4. Neurociências. 5. Mente-corpo. I. Winogra, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À Monah Winograd, por aceitar o meu projeto, pela interlocução e discussão estimulante no grupo de pesquisa.

Ao professor Jim Hopkins, pela disponibilidade para ajudar no processo do doutorado sanduíche, pela co-orientação em Londres, e também pelo entusiasmo e generosidade em compartilhar suas ideias.

À CAPES, pelo apoio com a bolsa no mestrado e, principalmente, com a bolsa PDSE, que tornou possível o período de estudos em Londres.

À PUC-Rio, por ter me acolhido ao longo desses anos de mestrado e doutorado, a todos os funcionários e professores, especialmente Monah Winograd, Flavia Sollero-de-Campos, Terezinha Féres-Carneiro, Guilherme Gutman, Carlos Augusto Peixoto Jr. e Marcelina Andrade.

Um *special thanks* para todos aqueles que me ajudaram e participaram do *Projeto Londres*, entre 2013 e 2014: Daniel Mograbi, Jim Hopkins, Sophie Bennett, Leonardo Nascimento, Vitor Hugo Lima Barreto, Paula Barcklay, Nataly Netecheava Mariz e a todos os colegas do grupo de pesquisa da pós-graduação da UCL, além dos novos amigos que a cidade me presenteou.

A todos os amigos e colegas da pós-graduação e aos integrantes do grupo de pesquisa, em especial, Barbara Rosa, Fernanda Aranha, Joana Camelier e Marcia Davidovich, pelo carinho e troca durante o doutorado.

E, finalmente, a minha família e aos meus amigos, pelo suporte, incentivo e carinho ao longo de todos esses anos. A todos vocês, mais uma vez, muito obrigado!

Resumo

Trotta, Fabrício da Costa; Winograd, Monah (Orientadora). **O afeto entre a psicanálise e as neurociências**. Rio de Janeiro, 2015. 115p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo deste trabalho é discutir o tema do afeto na psicanálise e nas neurociências. Partimos do reexame do conceito do afeto na metapsicologia freudiana, identificando os problemas e os impasses na sua construção, da análise dos afetos no campo neurocientífico, nos trabalhos de António Damásio, Jaak Panksepp e Joseph LeDoux, e da discussão envolvendo a relação mente e corpo. Ao final, defendemos a ampliação das pesquisas sobre o afeto a partir de uma perspectiva integradora dos saberes, visando maior compreensão dos mecanismos afetivos envolvidos na vida cotidiana e na prática clínica.

Palavras-chave

Afeto; psicanálise; neurociências; mente-corpo.

Abstract

Trotta, Fabrício da Costa; Winograd, Monah (Advisor). **The affect between psychoanalysis and neurosciences**. Rio de Janeiro, 2015. 115p. Doctoral Thesis – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The aim of this work is to discuss the theme of affect in psychoanalysis and in neuroscience. We start with a review of the concept of affect in Freudian metapsychology, identifying the problems and dilemmas in its construction. We also analyse affect in the field of neuroscience, in works of António Damásio, Jaak Panksepp and Joseph LeDoux and we discuss the debate about mind and brain relation. Finally, we defend more research about the affect from this integrative perspective of knowledge, seeking a better understanding of affective mechanisms involved in everyday life and in clinical practice.

Keywords

Affect; psychoanalysis; neurosciences; mind-brain.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 – O AFETO NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA	14
Sobre o afeto na metapsicologia	15
A teoria das pulsões	20
Sobre o afeto em Freud	28
Sobre o reexame do afeto	31
2 – O AFETO NAS NEUROCIÊNCIAS	36
O cérebro emocional de Joseph LeDoux	38
A neurociência afetiva de Jaak Panksepp	41
Emoções e sentimentos por António Damásio	53
3 – PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS	62
O diálogo Psicanálise e Neurociências	62
Mas por que o cérebro?	65
Freud e as Neurociências	68
Reconciliando as duas abordagens	72
O problema mente-corpo entre a psicanálise e as neurociências	74
O problema mente e corpo em Freud	79
Integrando modelos	83
4 - POR UM MODELO INTEGRADO	86
Em busca da aproximação entre ‘duas culturas’	93
Encurtando pontes, derrubando muros	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

Lista de figuras

Figura 1: Os três processos emocionais: primário, secundário e terciário.

Fonte: Panksepp&Biven, 2012.47

Figura 2: Sobre os níveis de regulação homeostática e os sentimentos. Fonte:

Damásio, 2003. 58

Introdução

Desde o nascimento até a morte, podemos descrever o fenômeno da vida humana compreendido no intervalo entre os extremos de prazer e de dor, numa sucessão contínua de variações afetivas, a partir das diferentes experiências e situações. A cada momento, vivemos a vida na alternância, oscilação e combinação das diversas intensidades e tonalidades afetivas, tantas quantas possamos reconhecer, em nós e nos outros. O nascimento de um filho, a morte de uma pessoa querida, a ansiedade dos primeiros encontros amorosos, a explosão após um gol decisivo numa final de campeonato, a intensidade de um orgasmo e a companhia agradável da pessoa amada e dos amigos mais chegados são alguns exemplos dessas situações e experiências, capazes de gerar intensos estados afetivos. Mas também as experiências menos *ruidosas*, como o tédio de uma tarde de domingo, a leve irritação de uma manhã de segunda, e aquelas vivenciadas na quietude, no aconchego e na tranquilidade de um suave bem-estar, como o relaxamento do final da tarde de sexta e todos os outros momentos, aparentemente neutros, de nossas vidas, do acordar ao adormecer, inclusive durante o sono. Esse é o tema deste trabalho, as experiências afetivas ou, simplesmente, o afeto. Pelo menos deveria ser. Pois, por se tratar de um trabalho teórico, na maioria das vezes, as descrições conceituais não alcançarão a intensidade *colorida* dessas vivências íntimas, subjetivas, com as quais sentimos a vida *acontecer* a cada instante.

O presente trabalho é uma espécie de continuação da investigação desenvolvida na dissertação de mestrado, concluída em 2010 (Trotta, 2010). Nela, realizei um estudo sobre o afeto na obra de Sigmund Freud e Sandor Ferenczi, tentando buscar um entendimento mais aprofundado e ampliado do conceito. Numa pesquisa intuitiva e exploratória, encontrei trabalhos de diferentes autores de fora do campo psicanalítico sobre o tema, como na filosofia e nas neurociências e, naquele momento, concluí a dissertação sugerindo que a solução para os impasses na formulação do conceito do afeto na metapsicologia poderia ser encontrada no diálogo da psicanálise com outros autores de outros campos do saber, entre eles, as neurociências.

Sendo um tema tão central na experiência humana, a dimensão afetiva foi objeto de estudo de incontáveis trabalhos, que contribuíram para a formulação de múltiplas teorias em diferentes campos do conhecimento, como a filosofia, a biologia, a antropologia, sociologia, psicologia e psicanálise. A falta de unidade que marca os estudos sobre afetos, emoções e sentimentos, com uma enorme diversidade no uso destes termos e conceitos e de inúmeras variações de acordo com os autores é, sem dúvida, uma dificuldade em nosso caminho (Ekman & Davidson, 1994, Greeg & Seigworth, 2010, Solms & Zellner, 2012). Por esse motivo, resolvemos circunscrever o nosso objetivo neste trabalho, o de realizar um estudo teórico sobre o tema do afeto nas formulações da metapsicologia de Sigmund Freud e nos trabalhos dos neurocientistas António Damásio, Joseph LeDoux e Jaak Panksepp. Esperamos encontrar as possíveis convergências entre as abordagens, apostando no diálogo entre a psicanálise e as neurociências, na tentativa de buscar uma maior compreensão sobre o nosso tema de interesse específico, o afeto.

Cabe destacar que, apesar de se tratar de um estudo teórico, desde sempre, a questão sobre o problema do afeto se deu, em parte, pela experiência clínica - vivenciada em diferentes contextos institucionais, com uma grande variedade de casos, situações e demandas - e, em parte, pelo problema de sua localização teórica, principalmente, na obra freudiana. Isso sem falar, claro, das minhas próprias vivências afetivas ao longo da vida. Portanto, esse trabalho, desenvolvido no Departamento de Psicologia Clínica da PUC-Rio, é o resultado desse percurso teórico-clínico, no auxílio constante do aspecto recursivo de retorno à clínica e à teoria, com o objetivo de buscar novas formulações teóricas e novas possibilidades de intervenções terapêuticas.

Ao longo deste processo, ao assumir uma posição favorável ao diálogo entre os dois campos e *ousar* pensar numa possível integração entre as duas disciplinas, as acusações e desconfianças vieram de ambos os lados. Do lado psicanalítico, fui acusado de não ter compreendido bem Freud, de haver traído o movimento e, ainda, de fazer um discurso conveniente (e conivente) com os poderosos interesses comerciais de grandes laboratórios e ajudar a instituir o processo de medicalização da vida. Quero deixar claro que, de forma alguma, desconsidero a importância e o perigo dos fortes interesses que acompanham uma idéia, mas considero que, hoje em dia, já existem muitos autores fazendo essa

crítica, e de maneira muito competente. Neste aspecto, pretendemos marcar a diferença existente entre o avanço das técnicas e o seu uso político. E o nosso foco, aqui e agora, é ocupar um espaço, a nosso ver, ainda pouco explorado nas discussões sobre o tema, o de como fazer a integração entre psicanálise e neurociências no plano teórico. Mas, apesar disso, acreditamos que entrar no debate é também uma estratégia para poder influir no seu curso, em diferentes formas de ação (Latour, 1994, Santos, 2000).

Já do lado das neurociências, a desconfiança vinha por manter a pesquisa no campo teórico e abrir mão do trabalho experimental, tido como o grande trunfo dos pesquisadores que pautam seus trabalhos *baseados em evidência*. A esse respeito, considero que a pesquisa teórica é um momento necessário para organização das idéias e planejamento de ações futuras. No caso deste trabalho, contribuir para a ampliação do debate e para a discussão teórica que favoreça a parceria, a colaboração e o trabalho conjunto das duas disciplinas, que sirva ao estudo teórico do afeto, e também à clínica. E que isso sirva também, como causa e consequência, para o *aggiornamento* das discussões sobre os estudos das relações entre a mente e o corpo.

A insistência em afirmar a necessidade de um trabalho teórico para buscar aproximações entre psicanálise e neurociências (e, quem sabe, a possibilidade de uma futura integração entre os dois campos) se revelou ao longo do trabalho de produção do texto, como forma de compor com a afirmação de Mark Solms de que essa integração precisa, em primeiro lugar, de um *método*. Consideramos, porém, que o método a que Solms se refere, e que vem sendo desenvolvido há anos, ainda não conseguiu formular um modelo para abrigar suas valiosas descobertas, de seus colaboradores e de outros pesquisadores.

Do nosso ponto de vista, adquirido ao longo do processo de investigação teórica, esse *gap* acontece porque as pesquisas em neurociências e em psicanálise quando ocorrem em conjunto, ainda seguem caminhos paralelos, tentando estabelecer pontes entre as duas abordagens. Nossa proposta é a de que as iniciativas de aproximação que buscam a integração entre os campos dependem ainda de um esforço reflexivo, de uma *nova ação*, que tenha a intenção de formar e informar novas idéias, com a força de formular, de maneira criativa, novos conceitos, princípios e sistema, contribuindo para a efetiva articulação dos saberes.

Assim, iniciamos o primeiro capítulo a partir do reexame do desenvolvimento do afeto na metapsicologia freudiana ao longo de sua obra. Destacamos a centralidade desta noção para a clínica e o pensamento de Freud, mas também o seu aspecto incerto como conceito metapsicológico. Procuramos, dessa maneira, identificar as suas premissas e estabelecer linhas alternativas para contornar os impasses na sua definição e compreensão. Discutimos, ainda, com o auxílio de alguns de seus comentadores, os problemas relacionados ao aspecto qualitativo, ao conceito de pulsão, às estruturas afetivas inconscientes e ao *acontecimento na encruzilhada psicossomática*.

No segundo capítulo, analisamos o tema do afeto na obra dos neurocientistas António Damásio, Joseph LeDoux e Jaak Panksepp, buscando extrair as convergências no trabalho dos três autores. Ressaltamos que nossa atenção esteve voltada para a compreensão teórica e as definições mais gerais relacionadas ao afeto, emoções e sentimentos e que, por isso, não realizamos um estudo pormenorizado dos aspectos neurofisiológicos presentes nas pesquisas desses autores. Como destaque desse estudo, identificamos a idéia de que a variedade e as múltiplas vivências afetivas humanas estão ligadas à história de nossas culturas, ao desenvolvimento do neocórtex e aos sistemas cerebrais subcorticais, responsáveis também pela regulação da vida do organismo.

No terceiro capítulo, realizamos um breve mapeamento do debate contemporâneo a respeito do diálogo entre as duas disciplinas, identificando os diferentes posicionamentos e argumentos dos diferentes grupos. Em seguida, fazemos um breve histórico sobre a discussão na neurologia do século XIX entre as diferentes formas de compreender a relação entre o funcionamento e as lesões do cérebro com o funcionamento e as alterações da mente. Destacamos Freud e sua obra como herdeiros e credores dessa discussão e enfatizamos algumas passagens que dão legitimidade à proposta atual de integração entre psicanálise e neurociência. Concluimos o capítulo indicando que o enfrentamento do problema mente e corpo deve se dar a partir da invenção criativa de um trabalho teórico, com cuidado e critério, na construção de uma nova linguagem, que permita, no futuro, a formulação de um novo modelo.

E, finalmente, no quarto e último capítulo, apontamos a enorme diversidade no uso de termos e conceitos pelas diferentes teorias afetivas, em diferentes campos. Mas que, a partir de um trabalho orientado por uma

perspectiva integradora dos saberes, de cooperação e parceria entre as disciplinas, essa diversidade pode se transformar em uma compreensão mais completa e interessante sobre os fenômenos afetivos e, sem sombra de dúvida, contribuir para novas estratégias terapêuticas. Com esse objetivo, buscamos realizar uma aproximação dos *estudos afetivos* e da *ciência afetiva* com os trabalhos de Freud, Damásio, LeDoux e Panksepp, contrariando a lógica de compartimentação disciplinar. Ao final, identificamos os pontos de convergência entre psicanálise e neurociências, para a *proposição* de um conceito geral do afeto e das diferentes experiências afetivas, sugerindo ainda uma concepção sobre a abordagem da organização *MenteCorpo*.

O afeto na metapsicologia freudiana

Em boa parte dos trabalhos a respeito do afeto na obra freudiana, quase todos os autores reforçam a importância e a centralidade desta noção, por um lado, e seu aspecto incerto e controverso como conceito metapsicológico, por outro (Green, 1982, Schneider, 1994, Assoun, 1996, Laplanche, 1998, Netto dos Reys, 1998, Birman, 1999, Souza, 2001, Plastino, 2001, Andrade, 2002, Reis, 2004, Ravello, 2009, Solms & Zellner, 2012, Winograd, 2013, entre outros). Em trabalho anterior sobre o afeto em psicanálise (Trotta, 2010), realizei um estudo sobre o tema na obra de Freud, buscando identificar as definições deste conceito na sequência histórica dos textos metapsicológicos, e também as suas imprecisões teóricas. Desta vez, porém, procuraremos passar em revista a conceituação do afeto feita por Freud, através do reexame das suas premissas, na tentativa de estabelecer linhas alternativas para contornar os impasses da própria teoria, de maneira que venham a favorecer uma aproximação teórico-conceitual com as recentes pesquisas em neurociência afetiva.

Outro aspecto igualmente destacado por muitos dos comentadores da psicanálise freudiana é a dificuldade sobre o uso de termos e conceitos utilizados em seus textos. Hanns (1996) aponta para o fato de que, especificamente no caso do afeto, “Freud transita, às vezes, num mesmo parágrafo, de um uso coloquial para um uso técnico, bem como frequentemente emprega os termos de modo que se possa fazer uma dupla leitura (ora como designação nosológica, ora como afeto)” (Hanns, 1996, p. 72). Outro problema geralmente enfatizado, diz respeito à difícil tradução dos termos do alemão para o português como, por exemplo, *Seele* (mente) e *Trieb* (pulsão). Hanns considera que ‘psique’ é uma boa tradução para *Seele*, palavra que no alemão apresenta certa transitividade de sentidos, que se espalha por todo o ser, designando sua vida interna, reunindo idéias como forças afetivas, sentimentos, pensamentos, índole, tendência ou, ainda, a força motriz. *Seele* apresenta, portanto, significados ligeiramente diferentes dos correspondentes em português, como ‘alma’ e ‘mente’, carregados de conteúdos místico-religiosos e intelectuais.

Essa mesma transitividade de sentidos pode ser encontrada em *Trieb*, palavra de uso comum no alemão que compreende uma extensa gama de significados, mas que na tradução para o português, na forma de ‘pulsão’, praticamente se tornou um neologismo do jargão especializado psicanalítico. De acordo com Hanns, *Trieb* pode significar uma força interna que impele; tendência; instinto; força biológica inata; impulso, entre outros. Todos esses sentidos sugerem a ideia de algo que se coloca em movimento, uma força indeterminada que vem de alhures (de algo interno, externo ou da interface entre o externo e o interno). *Trieb* designa também “a fonte externa no momento em que afeta o sujeito e o efeito desse contato ao nível interno e íntimo no sujeito, quando a fonte externa é incorporada” (Hanns, 1996, p. 340) , e ainda possui a característica de ser impessoal e atemporal.

Os termos *Seele* e *Trieb* se misturam de uma forma muito clara e interessante, reafirmando essa idéia de transitividade de sentidos mencionada por Hanns, sobretudo se pensarmos na composição entre ambos na teoria. O que, definitivamente, não é tão imediato e intuitivo quando tratamos dos mesmos termos em português. Talvez isso nos faça perder um pouco do entendimento que Freud procurou dar ao funcionamento psíquico. Mas nossos problemas não param por aí. A tradução brasileira da *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* [ESB] optou pelos termos ‘instinto’, ‘ansiedade’ e ‘repressão’, mas o uso corrente pela psicanálise brasileira consagrou os termos ‘pulsão’, ‘angústia’ e ‘recalque’, respectivamente. O objetivo era nobre, o de tentar ser mais fiel ao texto freudiano, mas será que isso foi realmente alcançado? Não pretendemos entrar aqui nessa discussão, nosso objetivo é, apenas, deixar claro que ela existe e sugerir que, provavelmente, é também uma das responsáveis por contribuir para que tenhamos diferentes entendimentos sobre alguns dos conceitos na obra de Freud. Em nosso trabalho, daqui para frente, trataremos esses termos (ansiedade e angústia, recalque e repressão, pulsão e instintos) como equivalentes.

Sobre o afeto na metapsicologia

O afeto esteve presente nos trabalhos de Freud desde os estudos sobre a histeria, nos textos anteriores ao período psicanalítico, comparecendo como um dos fatores para a formação do trauma, como agente ativo na manutenção do

sintoma, mas também como elemento fundamental na intervenção terapêutica do método catártico. Em 1893, Freud escreveu que existiria “uma experiência afetivamente marcante por trás das maiorias dos fenômenos da histeria, se não de todos” (Freud, 1893, p. 43). E, no mesmo ano, no texto em parceria com Breuer, os autores observam que

A lembrança sem emoção quase invariavelmente não produz nenhum resultado. O processo psíquico que originalmente ocorreu deve ser levado de volta ao seu *status nascendi* e então receber a expressão verbal. (Breuer & Freud, 1893-1895, p. 47, grifado no original).

Dessa forma, como nos diz Schneider, somos levados a pensar que “o afeto não estaria, então, somente do lado do mal sofrido; ele intervém também nos procedimentos que visam expulsar este mal” (Schneider, 1994, p. 24). A ênfase na expressão emocional durante o processo terapêutico se enfraqueceu com o método da livre associação de ideias, porém, o afeto continuou a desempenhar um papel relevante no período psicanalítico, como na análise dos sonhos e em toda a dinâmica que envolve a transferência em análise.

Do ponto de vista teórico, a conceituação do afeto sofreu transformações ao longo da obra, mas sem aniquilar suas formulações iniciais. De acordo com Assoun, Freud construiu sua idéia de um aparelho psíquico composto por um elemento afetivo e um elemento representacional, baseado na psicologia fisiológica de Wundt (1874), e se manteve fiel a ela até o final. Afeto e representação, porém, não constituem unidade indissolúvel, podendo esses dois elementos estar unidos ou separados, dependendo do processo dinâmico do psiquismo.

A partir do artigo *As Neuropsicoses de Defesa* (1894), o termo afeto passa a designar não apenas a qualidade dos estados emocionais e suas diferentes tonalidades afetivas, mas também uma quantidade indeterminada, definida por Freud da seguinte maneira:

Nas funções mentais deve ser distinguida alguma coisa – uma quota de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície do corpo. (Freud, 1894, p. 73)

No modelo neuronal e quantitativo do *Projeto* (1895[1950]), Freud procurou dar conta de solucionar o problema que surge - em decorrência deste modelo - no que diz respeito à *qualidade*. Embora devamos reconhecer a engenhosidade de sua formulação, as hesitações ao sugerir essa possível solução deixam claro que nem ele mesmo estava convencido do seu sucesso. E esse foi um problema que o acompanhou em toda a sua obra. No texto de 1895, Freud afirma que o sistema nervoso está constantemente exposto a estímulos externos (provenientes do ambiente) e internos (vindos do interior do corpo) gerando uma excitação neuronal em estado fluente, a que ele dá o nome de *quantidade* (*Q*). Dois princípios gerais explicariam o funcionamento do sistema, o princípio de inércia e o princípio de constância.

O primeiro destes princípios postula que o sistema nervoso opera com a tendência a se desfazer das quantidades, por um processo de descarga, a fim de evitar o desprazer do acúmulo de excitações. Uma função secundária deste princípio seria a fuga do estímulo – como no movimento reflexo. Porém, como continua Freud, nos organismos mais complexos, as quantidades endógenas, geradoras de necessidades especiais, tais como a fome, a respiração e a sexualidade, o sistema nervoso não dispõe de meios para evitar esse aumento de excitação proveniente do corpo, sendo obrigado a efetuar uma ação específica no ambiente, a fim de satisfazer essas necessidades. Para realizá-la, ele precisa aprender a tolerar um acúmulo de *Q*, e mantê-lo no nível mais baixo possível, suficiente para que o organismo possa satisfazer as exigências da ação. No caso da fome, por exemplo, viabilizar uma ação motora na busca do alimento.

A formulação da concepção quantitativa associada à noção dos neurônios como suporte material e elemento constituinte do aparelho psíquico levou Freud a admitir que existam resistências opostas à descarga, provavelmente localizadas nos encontros entre os neurônios, funcionando como barreiras ao escoamento das excitações. Importante destacar que a diferença proposta entre os neurônios é de ordem funcional e não morfológica. A hipótese das barreiras de contato não só “antecipa em dois anos a descrição das sinapses por Foster e Sherrington, como (...) é base para a explicação da memória, uma das principais funções do aparelho neuronal (ao lado da percepção e da consciência)” (Bezerra Jr, 2013). Quanto à permeabilidade à *Q*, os neurônios são inicialmente classificados em dois tipos: os neurônios ϕ , permeáveis, que permitem a passagem de *Q* como se não existissem

barreiras de contato - retornando ao estado anterior após a passagem da excitação (destinados à percepção), e os neurônios φ , impermeáveis, que permitem a passagem de Q parcialmente e, depois de cada excitação, permanecem em estado alterado, o que lhes possibilita representar a memória.

De acordo com Freud, as alterações nas barreiras de contato favorecem a condução da excitação, tornando os neurônios φ menos impermeáveis, ou seja, mais semelhantes aos neurônios ϕ . Assim, a memória seria representada pelos diferentes graus de facilitação entre as barreiras de contato dos neurônios φ , dependendo da magnitude dos estímulos e de sua frequência. Outra distinção se refere às fontes das quantidades. O sistema de neurônios ϕ é atingido por estímulos do mundo externo, enquanto que o sistema de neurônios φ recebe Q dos neurônios ϕ e dos elementos celulares do corpo. Freud cita o caso da dor como um dos exemplos dos limites de eficiência dos dispositivos do sistema nervoso em manter as quantidades afastadas dos neurônios no processo de descarga, caracterizada pela liberação súbita de excitação, do mesmo modo que o afeto. Porém, seria incorreto associar experiências afetivas a sensações desagradáveis (Garcia-Roza, 2001), visto que elas podem ser também prazerosas. Assim, a concepção quantitativa entendida em termos de aumento (desprazer) e diminuição (prazer) da excitação mostra-se insuficiente para dar conta de aspectos relacionados à *qualidade* e à consciência. Freud propõe, então, outro sistema de neurônios, responsável pela percepção e consciência, o sistema ω , “cujos estados de excitação produziram as diversas qualidades – ou seja, que seriam as *sensações conscientes*” (Freud, 1950[1895], p. 411, grifado no original). O sistema ω também deve ser concebido como investido de Q e orientado para a descarga, assim como os outros sistemas neuronais. Porém, as características dos conteúdos da consciência de mutabilidade e transitoriedade obrigam-no a pensar este sistema como completamente permeável e com total restauração do estado anterior, sem representação de memória.

Freud procura resolver estes impasses relativos à consciência e à qualidade através de outro fator, de natureza não espacial, mas dotado de uma característica temporal, designada *período*, na passagem das quantidades entre os sistemas e, ainda, uma característica qualitativa, que somente em ω produziram sensações, transformando quantidade em qualidade. Segundo Bezerra Jr, os neurônios ω ,

teriam a capacidade de apreender essas diferenças temporais e de se apropriar deste período de excitação.

É esse estado de “afecção pelo período” que o sistema *ômega* transmite para o sistema *psi* sob a forma de signos de qualidade, ou signos de realidade, que Freud indica como o fundamento da consciência. Vê-se que Freud não diz como exatamente se dá o processo por meio do qual o período de excitação faz emergir a qualidade. Ele se contenta em formular uma descrição hipotética (Bezerra Jr., 2013, p.133, grifado no original).

A partir disso, e de todas as formulações posteriores sobre a temática do afeto, podemos inferir que os diferentes estados emocionais (tonalidades afetivas ou, simplesmente, os afetos) seriam os derivados conscientes de uma quota de afeto indeterminada, eles também percebidos pelo sistema ω . Fato é que, como destaquei em Trotta (2010), ao longo de sua obra, em diferentes momentos, quando Freud retornou a esse tópico para tentar estabelecer uma explicação para o problema da qualidade e o fenômeno da consciência, sempre o fez com muita hesitação, como no texto *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924), “talvez seja o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas de quantidade de estímulo. Não sabemos” (Freud, 1924, p. 200).

Como já comentamos, Freud abandonou o modelo do *Projeto* pouco depois de tê-lo concebido, e desde *A Interpretação dos Sonhos* (1900), transformou os sistemas neuronais em sistemas e instâncias psíquicas, mas sem jamais deixar de lado a concepção quantitativa nas formulações sobre o aparelho psíquico. Sobre esse primeiro momento das teorizações psicanalíticas, a respeito do conceito de afeto, Winograd depreende do texto freudiano que

o afeto seria um processo em ato e em movimento que implica: a) um aumento da tensão psíquica; b) o percurso desta tensão dentro do psiquismo; c) o modo específico de descarga dirigida para o interior do corpo; d) a percepção desta descarga; e e) as sensações ligadas a ela (segundo a matriz prazer-desprazer) (Winograd, 2013, p. 95).

Entre os anos de 1914 e 1917, Freud esteve empenhado na avaliação do movimento psicanalítico e na revisão dos conceitos metapsicológicos. Deste trabalho, surgiram novas formulações sobre o afeto em articulação com o conceito de pulsão.

A teoria das pulsões

Podemos considerar que, mais do que sistematizações e reformulações conceituais, há um tom explícito de defesa do método psicanalítico nos textos de 1914-15 (e, ainda, nas Conferências de 1916-17). Neles, Freud procura responder às críticas de seus opositores, afirmando a necessidade de modificações de suas opiniões, com alterações e substituições do seu trabalho por idéias novas. Sublinha, porém, que não há nada de especulativo na produção conceitual psicanalítica. Ao contrário, alicerça suas bases como sendo um sistema empírico, expressão direta das observações clínicas e cotidianas, num processo difícil e exaustivo de trabalhá-las de modo consistente (Freud 1917 [1916-17]).

E é com esse espírito que ele lança o conceito de pulsão no texto *Os instintos e suas Vicissitudes* (1915). Muitas semelhanças podem ser encontradas entre esse texto e o *Projeto* de 1895, principalmente na forma como Freud encaminha a discussão sobre a *economia* dos estímulos. Em primeiro lugar, Freud diferencia os estímulos pulsionais (instintuais), vindos do interior do corpo, de outros estímulos (fisiológicos) que atuam na mente, com os estímulos provenientes do mundo externo. “Por exemplo, a luz forte que incide sobre a vista não é um estímulo instintual; já a secura da membrana mucosa da faringe ou a irritação da membrana mucosa do estômago o são” (Freud, 1915, p. 138). E, como no *Projeto*, a possibilidade de fuga do estímulo externo não se aplica no que diz respeito ao estímulo pulsional. Freud afirma ainda que as pulsões são as verdadeiras forças motrizes do progresso do sistema nervoso, em sua capacidade ilimitada no nosso desenvolvimento atual, e aventa que poderiam ser elas precipitados dos efeitos de estímulos externos que filogeneticamente produziram modificação na substância viva.

Ainda no mesmo texto, pouco depois desse comentário, Freud faz a afirmação que se tornou célebre na conceituação da pulsão:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (Freud, 1915, p. 142).

A fim de evitar algumas confusões a respeito dessa passagem, Christophe Dejours (2007) apresenta algumas considerações importantes. Em primeiro lugar, reconhece que o *corpo* não representa um conceito na metapsicologia freudiana, mas que mesmo assim, a pulsão deve ser entendida não como um conceito na fronteira entre o somático e o psíquico (anímico), mas um conceito-fronteira, entre esses dois outros conceitos da teoria freudiana, o somático e o psíquico. Assim, na tentativa de atenuar uma posição que faça operar uma dualidade entre corpo e psiquismo, Dejours afirma que eles não formam duas substâncias diferentes, nem dois territórios distintos, ambos devem, ao contrário, ser reconhecidos como uma unidade indiscernível (Dejours, 2007). Seguindo um raciocínio semelhante ao de Dejours, Françoise Coblençe argumenta em favor de um *continuum* somatopsíquico, capaz de manter a ideia de uma unidade psicossomática indissociável (Coblençe, 2010).

Mas retornemos ao texto freudiano para trilharmos o modo como ele constrói o conceito de pulsão, através dos termos que se associam a ela, como sua pressão, finalidade, objeto e fonte. Por *pressão*, Freud entende o fator motor de uma pulsão, “quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa” (Freud, 1915, p. 142). Já a *finalidade* de uma pulsão é sempre a satisfação, a fim de produzir a eliminação do estado de estimulação de sua fonte. Vale destacar que, embora apresente essa característica imutável, a finalidade encontra diferentes formas de se realizar, podendo atingi-la de modo intermediário, como satisfação parcial, por exemplo. Por *objeto* de uma pulsão, Freud reconhece como sendo “a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir a sua finalidade” (Freud, 1915, p. 143), todo e qualquer objeto externo e até mesmo partes do próprio corpo, podendo ser infinitamente modificado ao longo da existência, não estando, portanto, originalmente ligado a nada. E, finalmente, por *fonte*, Freud identifica como sendo “o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto” (idem).

Seguindo com sua proposição a respeito do conceito, Freud se interroga:

Devemos supor que os diferentes instintos que se originam no corpo e atuam na mente são também distinguidos por *qualidades* diferentes, e que por isso se comportam de formas qualitativamente diferentes na vida mental? Essa suposição não parece ser justificada; é muito mais provável que achemos suficiente a suposição mais simples – a de que todos os instintos são qualitativamente

semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou talvez, além disso, a certas funções dessa quantidade (idem, p. 144).

Portanto, para Freud, o que distingue os efeitos das pulsões, são aspectos relacionados à quantidade e ao órgão fonte da pulsão. E, reconhecendo o caráter arbitrário de sua proposta, propõe a existência de apenas dois grupos de pulsão, as pulsões do ego (autopreservação) e as pulsões sexuais, admite que essa suposição não tem a força de um postulado, podendo ser substituída por outra e que após o estudo de “outras afecções neuróticas (em especial das psiconeuroses narcisistas, das esquizofrenias) possa obrigar-nos a alterar essa fórmula e proceder a uma diferente classificação dos instintos primordiais” (idem, p.145). Como sabemos, essa descrição foi alterada poucos anos depois.

Em relação às vicissitudes da pulsão, Freud estabelece que elas são de quatro tipos, a reversão ao seu oposto, o retorno ao próprio ego do indivíduo, o recalque e a sublimação. Sobre a mudança de *conteúdo* da pulsão em seu oposto, cita o caso da transformação do amor em ódio, sendo este o exemplo mais importante de ambivalência afetiva (de sentimento), posto que comumente ambos (amor e ódio) estão dirigidos para o mesmo objeto. Outra antítese relacionada ao amor seria a de ‘amar-ser amado’ e, ainda, o par ‘amar-odiar’ em oposição à indiferença ou desinteresse. Com relação à segunda antítese (amar-ser amado), Freud aponta para uma situação anterior, típica do período narcísico, a de *amar a si próprio*. A insistência de Freud em pensar a teoria das pulsões como necessariamente dualista, acaba por impor ao seu próprio pensamento certos problemas. Pois, como entender o amor a partir da divisão entre pulsões de autopreservação e pulsões sexuais, principalmente depois da conceituação do narcisismo¹? A esse respeito, ele comenta:

O caso de amor e ódio adquire especial interesse pela circunstância de que se recusa a ajustar-se a nosso esquema dos instintos. É impossível duvidar de que exista a mais íntima das relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual, mas naturalmente relutamos em pensar no amor como sendo uma espécie de instinto componente específico da sexualidade, da mesma forma que os outros que vimos examinando. Preferiríamos considerar o amor como sendo a expressão

¹ Nas *Conferências* de 1916-17, Freud volta ao tema, e diante das evidências, afirma haver uma corrente afetiva e outra corrente sensual para o amor.

de *toda* a corrente sexual de sentimento, mas essa idéia não elucida nossas dificuldades e não podemos ver que significado poderia ser atribuído a um conteúdo oposto dessa corrente (idem, p.154).

A saída escolhida não soluciona o problema, mas apesar disso, Freud busca uma maior compreensão sobre o amor ao articular com as três polaridades que regem a vida mental: as antíteses sujeito (ego) – objeto (mundo externo), prazer – desprazer, e ativo – passivo. No momento inicial, o ego é investido pelas pulsões e, até certo ponto, é capaz de satisfazê-las em si mesmo, sendo de certa forma indiferente ao mundo externo (idem). Num momento posterior, em função das experiências e sob o domínio do princípio do prazer, o ego acolhe em si os objetos do mundo externo, fazendo a distinção entre aqueles que são fontes de prazer (introjetados no ego do prazer) e aqueles que causam desprazer (assimilados, porém, isolados do seu próprio eu e, dessa forma, projetados para fora de si no mundo externo, sentido como hostil). Com a fase objetal, prazer e desprazer passam a significar a relação entre o ego e os objetos externos. E o amor passa a ser entendido como uma *atração* exercida pelos objetos fontes de sensações agradáveis e prazer, enquanto aqueles que são fontes de sensações desagradáveis e desprazer causam *repulsa* – podendo chegar ao ódio, que pode assumir a forma de agressões a esses objetos em diferentes intensidades, ou até mesmo a intenção de destruí-los (idem).

Freud escreveu um artigo específico para tratar do mecanismo do recalque, visto ser ele a pedra angular de toda a estrutura da psicanálise (Freud, 1914). Partindo da experiência clínica, Freud conclui

que a repressão não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início; que ela só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente; e que a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância (Freud, 1915, p. 170).

E supõe a existência de duas fases na sua instalação: o recalque primitivo que consiste na negação do acesso ao consciente de um representante psíquico (idéia) da pulsão, mantendo, porém, a pulsão ligada a esse objeto no inconsciente; e o recalque propriamente dito, que afeta os derivados mentais da idéia recalçada, mantendo-os afastados do sistema consciente. Freud destaca, ainda, a característica *altamente individual e móbil* do recalque.

A partir desse texto, o afeto aparece mais claramente associado à dimensão pulsional, compreendido como um dos representantes psíquicos da pulsão, a que Freud se refere como “montante de afeto” ou “quota de afeto” - fator quantitativo indeterminado -, distinto da representação (ideia). Laplanche e Pontalis definem representação como “aquilo que se representa, o que forma o conteúdo concreto de um acto de pensamento (..) em especial a reprodução de uma percepção anterior” (Laplanche & Pontalis, 1970, p. 582), enquanto a quota de afeto “corresponde ao instinto na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos” (Freud, 1915, p.177). Quanto a esse fator quantitativo da pulsão, três são os destinos possíveis: ser suprimido, transformar-se em angústia (ansiedade) ou aparecer como um afeto qualitativamente colorido. Estes dois últimos casos são apontados “como sendo uma vicissitude instintual ulterior, a *transformação de afetos*, e especialmente em *ansiedade*, das energias psíquicas dos *instintos*” (idem).

No artigo *O Inconsciente*, especificamente no capítulo intitulado *Emoções Inconscientes*, Freud declara que

faz parte da natureza de uma emoção que estejamos cômnicos dela, isto é, que ela se torne conhecida pela consciência. Assim, a possibilidade do atributo da inconsciência seria completamente excluída no tocante às emoções, sentimentos e afetos (Freud, 1915, p. 203).

Sendo assim, o afeto só se apresenta quando ligado a uma representação na consciência, não podendo haver afetos inconscientes. Mas Freud acentua a confusão ao reconhecer que pode ocorrer da idéia adequada ter sido recalçada, obrigando o afeto a se ligar a outra idéia na consciência. Mas o impulso original, de alguma maneira, permaneceria inconsciente, sob a forma de um fator quantitativo.

Após a repressão, idéias inconscientes continuam a existir como estruturas reais no sistema Ics., ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é um início potencial impedido de se desenvolver. A rigor, (...) não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes. Pode, porém, muito bem haver estruturas afetivas no sistema Ics., que, como outras, se tornam conscientes. A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias – basicamente de traços de memória -, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. No presente estado de nosso conhecimento a

respeito dos afetos e das emoções, não podemos exprimir essa diferença mais claramente. (Freud, 1915, p. 204-205).

Na seqüência desta citação, Freud confere ao sistema consciente o controle não apenas sobre a motilidade (ao desencadear uma ação muscular), mas também sobre a afetividade, no sentido de cercear o desenvolvimento do afeto. Mas, como a experiência clínica e a vida cotidiana comprovam, o controle sobre o afeto é bem menos seguro e certo. Para Freud, na verdade, haveria uma luta constante entre o sistema inconsciente e o sistema consciente sobre a primazia do afeto.

Como já anunciamos, a partir de 1920, Freud empreende nova reformulação da teoria das pulsões e promove uma re-elaboração dos processos psíquicos com a fundação da segunda tópica. No texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud descreve uma nova classificação para os dois grupos de pulsões primordiais dessa forma:

Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre os instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte (Freud, 1920, p. 73, grifado no original).

Apesar de tentar fazer a defesa desta nova classificação invocando a experiência clínica, principalmente, a partir dos sonhos traumáticos e da compulsão à repetição, há na apresentação da “pulsão de morte” um forte caráter especulativo e arbitrário. Freud refaz a trama conceitual por acreditar que os princípios de prazer e de realidade não oferecem as explicações necessárias para esses fenômenos. Desde sua apresentação em 1920 até os dias atuais, a afirmação da pulsão de morte gera numerosos debates e é, em parte, responsável pela divisão entre as mais variadas correntes psicanalíticas (Mezan, 2006). Em *O Ego e o Id*, Freud realiza uma nova configuração da “geografia da mente”, na dissecação e acomodação dentro do aparelho psíquico das instâncias do Id, Ego e Superego, por processos de identificação e diferenciação ao longo do desenvolvimento (Freud, 1923).

Em *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926[1925]), Freud acaba por reformular a sua teoria sobre a angústia, que passa a assumir um papel decisivo no processo de divisão do aparelho psíquico, tornando-se a causa para o recalque e não apenas mais uma de suas conseqüências. Para Freud, angústia é um estado afetivo e, dessa forma, só pode ser sentida pelo ego, energia ‘pura’ desvinculada de qualquer representação, resultante de processos provenientes do id. E mais:

A ansiedade [Angst] tem inegável relação com a expectativa: é ansiedade por algo. Tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto. Em linguagem precisa empregamos a palavra ‘medo’ [Furcht] de preferência a ‘ansiedade’ [Angst] se tiver encontrado um objeto. (Freud, 1926[1925], p. 164).

Freud distingue, ainda, duas modalidades de origem para a angústia. A primeira delas é a angústia automática, involuntária, que surge quando o indivíduo se encontra diante de uma situação traumática, ou seja, de um afluxo de excitações que o ego não consegue dominar. O estado de desamparo do recém-nascido humano, incapaz de satisfazer suas próprias necessidades e de pôr fim às tensões internas, é considerado como o protótipo desta situação traumática. Para Freud, a angústia experimentada ao nascer é entendida como o protótipo de todas as situações posteriores de perigo. A segunda se refere ao sinal de angústia, que pode ser definida como uma reação do ego diante de uma situação de perigo, um sinal (Freud, 1926[1925]).

Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes de ansiedade podem persistir lado a lado e fazer com que o ego a elas reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo (Freud, 1926[1925]), p. 166).

Desta forma, a vivência da angústia também teria o seu caráter *sobredeterminado* em estágios mais avançados do desenvolvimento e na vida adulta. Em seguida, Freud torna a afirmar o papel do ego como a sede da angústia, “pois se o ego não despertasse a instância prazer-desprazer gerando ansiedade, não conseguiria a força para paralisar o processo que se está preparando no id e que ameaça com perigo” (Freud, 1926[1925], p. 169).

No ciclo de conferências do início da década de 30, Freud volta ao tema na *Conferência XXXII - Ansiedade e Vida Instintual* (1933[1932]), anunciando novidades, mas não uma solução definitiva sobre o assunto. Retomando a discussão sobre angústia realística e angústia neurótica, apresenta a sua nova *concepção* (idéias abstratas consistentes sobre o material observado). Na verdade, uma abordagem um pouco mais aprofundada, com alguns pequenos acréscimos em relação ao artigo de 1926[1925].

Freud identifica a ansiedade realística como um medo a um perigo externo, real, enquanto a ansiedade neurótica é, à primeira vista, enigmática. Sobre o seu aparecimento, ela (ansiedade neurótica) é observada sob três condições: primeiro,

um estado de apreensão difusa, *ansiedade expectante*, energia livre de uma excitação não consumada no que diz respeito à economia da libido da vida sexual. Segundo, ela pode estar associada a certas idéias, como no caso das fobias, de um medo exagerado, desproporcional. E, finalmente, na formação dos sintomas neuróticos, sem uma base visível do perigo externo. Essas observações levam Freud a considerar que o que o ego teme é, na verdade, a sua própria libido. Numa apresentação posterior mais detalhada, explicita que é comum os mecanismos coincidirem na angústia neurótica. Freud estabelece, então, uma correspondência entre as três espécies de angústia com as três relações dependentes do ego: ansiedade realística – mundo externo; ansiedade neurótica – id; e ansiedade moral – superego. Assim:

Se nos detivermos um pouco nessas situações de perigo, podemos dizer que, de fato, para cada estágio do desenvolvimento está reservado, como sendo adequado para esse desenvolvimento, um especial fator determinante de ansiedade. O perigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio da imaturidade inicial do ego; o perigo de perda de um objeto (ou perda do amor) ajusta-se à falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao superego, que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência. No decorrer do desenvolvimento, os antigos fatores determinantes de ansiedade deveriam sumir, pois as situações de perigo correspondentes a eles perderam sua importância devido ao fortalecimento do ego. Isto, contudo, só ocorre de forma muito incompleta. Muitas pessoas são incapazes de superar o temor da perda do amor; nunca se tornam suficientemente independentes do amor de outras pessoas e, nesse aspecto, comportam-se como crianças. O temor ao superego normalmente jamais deve cessar, pois, sob a forma de ansiedade moral, é indispensável nas relações sociais, e somente em casos muito raros pode um indivíduo tornar-se independente da sociedade humana. Algumas das antigas situações de perigo também conseguem sobreviver em períodos posteriores, fazendo modificações concomitantes nos fatores determinantes de ansiedade (Freud, 1933[1932], p. 111-112).

Essa citação apresenta alguns pontos novos, mas é bastante semelhante a uma colocação de *Inibição, Sintoma e Ansiedade*. Do ponto de vista teórico, podemos identificar nesses textos uma difícil distinção entre angústia e medo – em sintonia com a linha adotada pela nova tradução da obra de Freud para o português, feita diretamente do alemão (Freud, 2004), e com o comentário do próprio Freud no texto de 1926[1925].

Em um de seus últimos trabalhos, *Análise Terminável e Interminável*, onde trata das limitações do tratamento psicanalítico e do fim da análise, Freud reconhece ter negligenciado a linha de abordagem econômica de sua

metapsicologia e dar muita atenção às linhas dinâmica e tópica (Freud, 1937). Essa negligência a respeito deste ponto de vista da metapsicologia (e pela importância de conceitos envolvidos nele, como pulsão, afeto e angústia) é também apontada por Green, quando identifica que a omissão do lugar inalienável do afeto, “com respeito à teoria, parece-nos ser o signo da forclusão cujo efeito, como se sabe, é o de sempre voltar ao sujeito por via do real” (Green, 1982, p. 228-229).

Sobre o afeto em Freud

Como já é sabido por aqueles que acompanham o desenvolvimento do movimento psicanalítico, desde os seus primeiros momentos e, principalmente, depois da morte de Freud, houve uma significativa difusão do pensamento freudiano e da psicanálise no mundo ocidental. Ao propor a “derrubada da razão e da consciência do lugar sagrado em que se encontravam. Ao fazer da consciência um mero efeito de superfície do Inconsciente” (Garcia-Roza, 1984, p.20), Freud e a psicanálise lograram penetração marcante na cultura, nas artes, nas ciências humanas, sociais e até mesmo na psiquiatria. Porém, com o passar do tempo, a diáspora do movimento acabou por realizar inúmeras deserções e divisões internas.

O campo psicanalítico na atualidade apresenta grande diversidade (geográfica, doutrinária, institucional), fala muitas *línguas*, mas sob a forma de *monólogos cruzados*, sendo difícil a integração entre as suas diversas correntes (Figueiredo, 2002). Mas, apesar da influência de autores e correntes pós-freudianas, todos mantêm uma estreita relação com a matriz e a herança de Freud, referência fundamental do campo, capaz ainda de suscitar interesse e produzir debates apaixonados em torno de sua obra, conferindo ao movimento psicanalítico certa noção de unidade (Bercherie, 1984).

Octavio Souza, em artigo que trata sobre os afetos e suas relações com as pulsões nas diversas orientações teóricas psicanalíticas, afirma que as formulações de Freud sobre conceito de pulsão estão na origem das divergências nos modos de conceber o estatuto do corpo e o lugar dos afetos na constituição do sujeito e as suas diferentes conseqüências na experiência clínica. De acordo com o autor (2001), as correntes pós-freudianas tentaram, cada uma a seu modo, resolver os

impasses da metapsicologia freudiana (Souza, 2001, Trotta, 2010). Para Souza, um desses modos de conceber o lugar do afeto seria o de lhe atribuir um papel expressivo na produção econômica do sentido, em íntima associação com o corpo “pulsional, local de intensa afetividade, diferenciado do corpo biológico mas em continuidade com ele” (Souza, 2001, p. 287). Seguindo essa concepção, Marisa Maia (2004) propõe uma diversidade dos domínios psíquicos e sua dimensão processual, regida pelos movimentos de um corpo afetivo e expressivo, pensado sempre na sua relação com o mundo (Maia, 2004).

André Green, em *O Discurso Vivo* (1982), também considera que as imprecisões e as dificuldades teóricas surgem da definição do conceito de pulsão e de “instrumentos conceituais que não permitem pensar o *acontecimento* que ocorre nesta encruzilhada psicossomática ou somatopsíquica” (Green, 1982, p. 201, grifado no original). Como uma tentativa de tentar buscar novo entendimento sobre a questão, Green propõe um modelo teórico hipotético para abrir novas perspectivas de análise no campo psicanalítico, na tentativa de recolocar o problema do afeto no centro dos debates, guiado pela “indissociável solidariedade da força e do sentido” (idem, p. 266). A proposta de seu trabalho se faz num momento específico da história do movimento psicanalítico, ao estabelecer uma leitura crítica da obra freudiana e de seus sucessores, principalmente Melanie Klein e Jacques Lacan. O esquema apresentado por Green, extremamente complexo, chama a atenção para a necessária articulação entre os termos unidos por um circuito. É na relação indissociável estabelecida entre as categorias do econômico e do simbólico, a força e o sentido, que André Green fundamenta o seu modelo: “à categoria do econômico ligamos a “quantidade movediça”, o motor das distribuições, das trocas, das transformações. À categoria do simbólico ligamos a representação, alimentada pelas forças vivas do corpo pulsional que implicam a linguagem e o pensamento” (Green, 1982, p. 266).

Embora não figure entre os termos do seu esquema, o afeto aparece num lugar privilegiado em seu modelo. De acordo com o autor, ele é o *pivô* do sistema, como força (*quantum*) e como experiência subjetiva. Com essa posição, Green busca equacionar o problema da qualidade na obra freudiana. Em primeiro lugar, ao definir o afeto

um termo categorial que agrupa todos os aspectos subjetivos qualificativos da vida emocional no sentido amplo, compreendendo todas as nuances que a língua alemã (*Empfindung, Gefühl*) ou a língua francesa (*émotion, sentiment, passion*, etc.) encontram sob este tópico. *Afeto deverá portanto ser compreendido essencialmente como um termo metapsicológico, mais do que descritivo* (idem, p. 20, grifado no original).

Para mais adiante, concluir que

o afeto como quantidade e o afeto como qualidade são indissociáveis. A distinção entre aspecto objetivo (quantidade) e subjetivo (qualidade) pode levar a desenvolvimentos relativamente independentes, mas é preciso que as duas dimensões se reúnam. Embora seja verdade que tensões máximas de prazer podem ser desejadas e tensões mínimas de desprazer podem ser temidas, uma quantidade elevada tanto de prazer quanto de desprazer é sempre vivida como uma ameaça para o ego e para o aparelho psíquico. Aquém de um certo limiar, são possíveis combinações entre tensões agradáveis e desagradáveis (idem, p. 198-199).

De acordo com Andrade (2002), muitos autores fizeram contribuições importantes para a temática do afeto, mas nenhum soube dar uma descrição convincente sobre a *gênese* do afeto. Na sua retomada do tema na obra freudiana, ele acentua a necessidade de se tomar o afeto como ponto de chegada (qualidade afetiva, processo de descarga), mas também como ponto de partida (excitação endossomática, pulsão). Andrade mantém as distinções freudianas entre quota de afeto (quantidade) e o afeto (qualidade) e entre idéia e afeto, como os fatores distintivos do psiquismo, mas busca dar sentido a enigmática proposta de *estruturas afetivas* em Freud. De acordo com a sua compreensão, as estruturas afetivas são formadas

pelos registros mnêmicos de percepções das vivências afetivas iniciais, nos primórdios da vida, quando sensações de prazer e desprazer originadas das ‘exigências da vida’ ocupavam todo o psiquismo (...) Estávamos na presença de um psiquismo, pode-se dizer, exclusivamente corporal (...) É mister não perder de vista a noção freudiana de que, sendo a quota de afeto o componente essencial do instinto, do qual é o núcleo quantitativo, qualquer ato mental é animado por essa energia tendente a descarregar-se como um afeto. Desse modo, mesmo o pensamento mais evoluído resulta em descarga, se bem que ocorra de forma tão atenuada que não seja reconhecida como afeto (Andrade, 2002, p. 74-75).

Assim como Andrade e Green, outros autores (Assoun, 1996, Birman, 1999, Kristeva, 2002) indicam a necessidade de se pensar uma atualização do conceito de pulsão e buscar uma nova articulação entre *soma* e *psique*, fazendo operar *traços* e *signos* heterogêneos, em diversos níveis, lingüísticos e

translingüísticos – tais como as expressões faciais, vozes e gestos (Kristeva, 2002). Joel Birman chega a apontar o conceito de pulsão como sendo a problemática central na metapsicologia freudiana, em sua relação íntima com a exclusão do corpo e do afeto. Uma determinada leitura da psicanálise, ao reduzir o corpo a sua dimensão estritamente biológica, promoveu a *desencorporação do psiquismo*, enviando junto o afeto para o registro da natureza e animalidade. E isso teve um alto preço, teórico e clínico, segundo o autor. Birman defende a necessidade de distinguir os registros do *corpo-organismo* e do *corpo como ordem sexual e pulsional*, mas para pensar, assim como fez Freud, em novas relações entre o corpo e o psiquismo (Birman, 1999).

Assoun considera que é necessário encontrar um lugar digno dentro da teoria psicanalítica, tanto para as potências do corpo (o grande desafio) quanto para o afeto, “entre os hinos à afetividade que o “hipostasiam” e as intelectualizações que o desencarnam (Assoun, 1996, p. 151, grifado no original).

Sobre o reexame do afeto

Buscando filiação nessa linha argumentativa, consideramos inadiável para a psicanálise, na atualidade, poder se posicionar de forma crítica sobre o próprio campo e se abrir para estabelecer uma interação contínua com outras formas de pensar (Peixoto Junior, 2008), realizar uma revisão da *extraterritorialidade* que marcou a sua história (Castel, 1978) e fazer o *homo sapiens psychanalyticus* dialogar com outros campos e saberes para decifrar os enigmas que cercam a experiência humana (Pontalis, 1972). Foi com esse espírito que busquei empreender considerações sobre a temática afetiva e sugerir a importância de se pensar uma pluralidade na teorização dos afetos, para além da sua ênfase sobre a angústia e em maior sintonia com o conjunto e a evolução no desfile exuberante de afetos que marcam a experiência clínica e nossa vida cotidiana (Trotta, 2010). Porém, essa tentativa esbarrou no obstáculo dos elementos de fundação da metapsicologia e dos seus arranjos.

Laplanche e Pontalis definem a metapsicologia como o “conjunto de modelos conceptuais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo de recalçamento, etc.” (Laplanche & Pontalis, 1970, p.361-362). De acordo com

Plastino, a metapsicologia freudiana se construiu a partir dos pressupostos centrais do paradigma moderno, fundado a partir da separação do homem e da natureza, formadora de outras separações como, por exemplo, corpo e psiquismo, sujeito e objeto (Plastino, 2001). No entanto, o autor ressalta que ao tomar a clínica como o lugar privilegiado de produção de conhecimento, a psicanálise não se constituiu apenas como um novo saber, mas como uma nova forma de saber, “produzido no interior de um campo empírico singular, constituído por uma *relação intersubjetiva* caracterizada por *relações de afeto*, isto é, por resistências, transferências e contratransferências” (Plastino, 2001, p. 22, grifado no original). Nesse mesmo sentido, Green reconhece o alcance revolucionário e o enorme valor da obra freudiana, ao desarrumar as categorias do pensamento ocidental moderno, mas também aponta para o problema de haver um descompasso entre a teoria e a prática clínica (Green, 1982).

E, assim, baseados nos autores supracitados, resolvemos nos colocar a tarefa de empreender o reexame das premissas que orientam a teoria psicanalítica do afeto na obra freudiana, reconhecendo o seu valor, mas também identificando os problemas da ficção freudiana e apontando para necessidade de superação da dualidade corpo e psiquismo (mente), a fim de alcançar maior refinamento e clareza na compreensão da relação mente e corpo e, conseqüentemente, dos processos afetivos.

Para o caso específico do afeto, escolhemos analisar o problema da qualidade e das estruturas afetivas inconscientes, na sua articulação com o problema da pulsão. Reafirmamos a intenção de compreender corpo e mente como uma unidade indiscernível (ou unidade psicossomática indissociável) e de pensar a articulação entre afetos e pensamentos, na solidariedade também indissociável entre força e sentido. Assim, tanto quanto possível, buscamos realizar uma visão integrada na compreensão dos conceitos, pois a divisão conceitual e didática entre mente-corpo, quantidade-qualidade, afeto-ideia não nos permite explorar a transitividade e a pluralidade dos sentidos e dos afetos. Pois, como disse Green, é necessário que quantidade e qualidade se reúnam, e não apenas na consciência.

Na formulação de sua teoria, Freud insiste em afirmar que afetos e emoções são processos de descarga, que só se tornam conhecidos pela consciência quando ligados a uma ideia (sensações conscientes das tonalidades afetivas), não

podendo haver, assim, afetos ou emoções inconscientes. Entretanto, ao se referir ao mecanismo do recalque de uma ideia, sugere que alguma parte da pulsão, ou sua quota de afeto, deve permanecer ligada ao representante ideativo no inconsciente. Logo, podemos supor que uma quantidade presa a uma idéia confere a esta unidade um sentido afetivo, uma qualidade, mesmo que ela (ainda) não seja consciente. Mas Freud recusa essa possibilidade e lança a idéia de estruturas afetivas inconscientes, com a potencialidade para se desenvolver e se transformar em afeto. Na apreciação de Andrade sobre essa enigmática expressão no texto metapsicológico, o autor considera que as estruturas afetivas seriam registros mnêmicos de percepções das vivências afetivas, numa época em que o psiquismo seria basicamente corporal (2002). A possibilidade de se pensar o registro mnêmico de uma vivência afetiva já é suficiente para levarmos em consideração algo sutil, mas capaz de fazer alguma diferença. Em primeiro lugar, sugerimos considerar que o registro das vivências afetivas não é exclusivo do período inicial do psiquismo, mas um processo que não cessa de ocorrer ao longo de toda a vida. Segundo, que não é na consciência que o afeto ganha sua qualidade ao se ligar a uma idéia, mas sim que uma quantidade-qualidade afetiva pode *emergir* à consciência, ou ainda, que uma emoção venha a se tornar conhecida pela consciência. Para não efetuarmos um afastamento muito grande da hipótese freudiana, precisaríamos reconhecer que essa quantidade-qualidade afetiva se daria, talvez, em algum lugar na fronteira entre o id e o ego, como no caso da angústia, mas de maneira inconsciente num primeiro momento (ênfatizando a idéia de não equivaler o ego à consciência), para num momento posterior ter acesso (ou não) à consciência, a depender de sua magnitude e de sua qualidade.

Sobre a consciência, Freud considera que ela também funcionaria no sentido da descarga, porém, sem a capacidade de representar memória, dada suas características de mutabilidade e transitoriedade. Apesar disso, ela teria a capacidade de apreender sobre as diferenças temporais da excitação, das diferentes funções e fontes da quantidade na passagem entre os sistemas, característica designada *período*. Se prosseguirmos com a idéia de que a qualidade emerge à consciência, não precisaremos manter a consciência dotada desta característica. Assim, poderemos reservar a idéia de quantidade para a sua relação com a magnitude de uma excitação e poderemos utilizar o termo período para designar o intervalo temporal em que ocorre o processo dinâmico do ritmo das

elevações e quedas das diferentes quantidades-qualidades, das forças pulsionais da unidade corpo-mente na sua relação indissociável com os estímulos do mundo externo. Mais uma vez, a fim de evitarmos responder ao mistério da consciência, teríamos que reconhecer essa característica como sendo mais uma das funções do ego.

Consideramos que a negligência de Freud em relação ao ponto de vista econômico de sua metapsicologia se deu, em parte, por não ter empreendido uma atualização aprofundada da temática das pulsões e dos afetos na nova configuração psíquica da segunda tópica, extraindo dela todas as suas possibilidades. Acreditamos que essa linha de investigação pode ser interessante para a teoria dos afetos, mas ainda pouco explorada pela psicanálise. Um exemplo desse desdobramento foi o estudo sobre a noção do amor na obra freudiana, realizado por Ana Lila Lejarraga. No livro *Paixão e Ternura* (2002), Lejarraga comenta que ao associar as pulsões a Eros na segunda tópica, Freud abre a possibilidade de entender o amor com outras significações, para além da descrição do amor romântico. A autora afirma a positividade e a diversidade das diferentes modalidades afetivas, sugerindo outras construções teóricas para a ternura, a paixão, o amor e a sexualidade, numa trama conceitual que articula narcisismo e a segunda teoria das pulsões.

As relações entre os estados afetivos e os diferentes estágios do Eu parecem ser um caminho a ser seguido. Daniel Stern, autor importante para o estudo dos afetos, apresenta em *O Mundo Interpessoal do Bebê* (1992) sua pesquisa sobre a vida subjetiva dos bebês, numa aproximação entre a psicologia do desenvolvimento e a psicanálise. Ao longo do desenvolvimento do bebê, Stern identifica uma característica especial da qualidade da experiência que pode surgir do encontro com pessoas, as relações intersubjetivas (e *interafetivas*) do bebê. O autor faz uma distinção interessante a respeito dos afetos, uma nuance em relação ao estudo dos afetos categoriais clássicos, a que chama de *afetos de vitalidade*. Esse conceito ganha enorme importância para o seu estudo da experiência subjetiva dos bebês, mas também pode se tornar um aspecto interessante para repensarmos as pesquisas e o entendimento sobre os afetos, seja na clínica, seja na vida cotidiana.

De acordo com Stern, a necessidade de um novo conceito para descrever as qualidades de sensações existentes na experiência humana vem em razão da

insuficiência de exprimir essa qualidade indefinível a partir das categorias de afeto conhecidas. Assim, os afetos de vitalidade expressam as formas e qualidades de sensações dos processos vitais da experiência humana, “mais bem capturados por termos dinâmicos, cinéticos, tais como “surgindo”, “desaparecendo”, “passando rapidamente”, “explosivo”, “crescendo”, “decrecendo”, “explodindo”, “prolongado”, e assim por diante” (Stern, 1992, p. 47, grifos do original). Segundo Stern, os afetos de vitalidade estão sempre presentes, na presença ou ausência dos afetos categóricos. Anos mais tarde, em *O momento presente* (2004), Stern define de modo mais resumido o conceito, ao dizer que ele se refere a experiências subjetivas, “da dinâmica temporal das alterações nos sentimentos, consistindo em mudanças analógicas, fração de segundo a fração de segundo em tempo real, em afetos, pensamentos, percepções ou sensações” (Stern, 2007, p. 271).

Essa proposta, porém, foge aos objetivos do nosso trabalho. Talvez possamos dizer que ainda nos encontramos um passo atrás (ou ao lado), o de tentar buscar as aproximações conceituais mais gerais sobre os afetos, de modo que favoreçam o diálogo conceitual entre a psicanálise e as neurociências, possibilitando uma descrição mais compatível com a articulação entre corpo (matéria objetiva) e mente (experiência subjetiva). Essa é a intenção do trabalho de Mark Solms e Margaret Zellner (2012) ao exortar os pesquisadores a trabalharem na perspectiva de uma crescente consiliência, como forma de construir uma aproximação consistente entre a teoria afetiva freudiana e a teoria em neurociência afetiva. Os autores acreditam que existem fortes correlações entre o modelo freudiano e as novas descobertas das recentes pesquisas em neurociência afetiva. Solms e Zellner afirmam ainda que este é o único ramo da neurociência a considerar com seriedade a importância das vivências afetivas para o funcionamento da mente, por não negligenciar a experiência subjetiva. No capítulo seguinte deste trabalho analisaremos alguns dos aspectos teóricos da neurociência afetiva defendida por Jaak Panksepp e, no quarto capítulo, esperamos realizar essa articulação entre as duas abordagens.

2

O afeto nas neurociências

O século XX assistiu a um espantoso desenvolvimento acerca do conhecimento do sistema nervoso e do cérebro. Em grande parte, esse desenvolvimento foi possibilitado pelo incremento constante das pesquisas e pelo avanço surpreendente de tecnologias capazes de gerar informações e “imagens” do cérebro em atividade, em diversos níveis. A partir da década de 60, o termo neurociências se consagrou, passando a designar o campo de saber interdisciplinar que buscava a articulação entre as pesquisas sobre o funcionamento cerebral e os estudos de diferentes disciplinas, como, por exemplo, a antropologia, a lingüística e a psicologia cognitiva. De acordo com Alain Ehrenberg (2009), o que houve foi um agrupamento de disciplinas que tratavam do social, do cerebral e do mental sob a etiqueta das “neurociências”, fundidas nesta nova ciência.

Nas últimas décadas, testemunhamos uma proliferação de sociedades e institutos neurocientíficos em diversos países do mundo, bem como a formação de centros e linhas de pesquisas em inúmeras universidades, favorecendo o crescimento exponencial do conhecimento sobre as propriedades celulares e moleculares dos mecanismos cerebrais e as redes e sistemas neurais de funções como a memória e as emoções. E esse movimento não se restringiu aos espaços científicos e especializados, pois as neurociências se popularizaram a ponto de ganharem as capas de revistas, cadernos de jornais e programas de TV, se infiltrando de maneira decisiva na cultura contemporânea e contribuindo para a formação de um novo vocabulário sobre a condição humana, onde o cérebro assumiu uma notável centralidade, ganhando *status* de ator social.

Neste capítulo, nossa atenção estará voltada para o trabalho de três neurocientistas que escolheram os afetos, as emoções e os sentimentos como temas centrais de suas pesquisas: o americano Joseph LeDoux, o estoniano Jaak Panksepp e o português António Damásio. A escolha desses autores tem um interesse muito claro para os propósitos deste trabalho. Todos os três desenvolveram ao longo de seus estudos algum tipo de interlocução com a psicanálise (principalmente com a obra freudiana) e, apesar de concentrarem suas

pesquisas nos mecanismos cerebrais, não descartam a influência das dimensões sócio-cultural e subjetiva na experiência humana.

Nosso objetivo é buscar a convergência entre o trabalho dos três, esperando tirar algum proveito deste empreendimento para ajudar no esboço das linhas alternativas para o diálogo da psicanálise com as neurociências sobre o afeto - tema de discussão do último capítulo deste trabalho. Contudo, não nos aventuraremos a identificar e descrever os detalhes dos aspectos neurofisiológicos de suas pesquisas. Nosso foco será o de tentar extrair delas as suas linhas gerais e a visão global sobre afetos, emoções e sentimentos, no trabalho de cada um desses autores. Acreditamos que, neste momento, esse é um caminho mais seguro para buscarmos a aproximação entre psicanálise e neurociências.

No desenvolvimento deste trabalho, fomos confrontados com a convicção de que não seria adequado tratar o tema do afeto em neurociências dividido por autores, já que as pesquisas em neurociências se baseiam em evidências científicas. Em favor desta divisão, argumentamos que, em primeiro lugar, a condução de uma pesquisa e a interpretação de dados não são tão *objetivas* como gostariam de acreditar alguns cientistas. Em segundo lugar, pelo simples fato de o conhecimento neurocientífico sobre o afeto ser ainda insuficiente para dar um panorama geral consensual, consistente e definitivo, o que encoraja os *pesquisadores-autores* a buscarem conclusões e reflexões para além do que as suas pesquisas revelam e *comprovam*. Por isso, muitas vezes, diferentes autores apresentam interpretações distintas sobre os resultados das pesquisas, com abordagens e esquemas conceituais distintos. Panksepp e Damásio são bons exemplos disso. Com muito cuidado, os autores apresentam suas propostas como *hipótese de trabalho*, ou ainda como *tarefa inacabada*, e fazem questão de sinalizar a diferença entre os seus pontos de vista (Damásio, 2009, Panksepp&Biven, 2012). Há, ainda, um terceiro aspecto que seria o de considerar que há uma diferença que não deve ser desprezada entre o que se consegue medir, quantificar e identificar em um ambiente laboratorial e experimental e os acontecimentos complexos e imprevisíveis da vida (LeDoux, 1998).

O cérebro emocional de Joseph LeDoux

Joseph LeDoux iniciou seus estudos sobre os mecanismos cerebrais das emoções no final da década de 70. Em seu livro *O Cérebro Emocional* (1998), ele comenta que nessa época havia poucas pesquisas envolvendo as emoções nas ciências em geral, pelo pensamento corrente de que era um tema complexo demais e inacessível à abordagem científica que envolve a experimentação e o manejo e controle de variáveis. No intervalo de aproximadamente 20 anos, entre o início de seus estudos e o lançamento do seu livro, o autor saúda a mudança no panorama, com o aumento significativo de pesquisas e publicações sobre a vida emocional e identifica grandes progressos.

A partir das pesquisas sobre as conseqüências psicológicas em pacientes que passaram por cirurgias cerebrais de cisão do corpo caloso, LeDoux identificou um paciente em que a apresentação de estímulos com conotações emocionais não respeitava a cisão cerebral desta informação. Apesar do rompimento das conexões nervosas entre os dois hemisférios cerebrais, neste paciente em particular, o significado emocional parecia conseguir, de alguma maneira, ser transmitido para o outro hemisfério (LeDoux, 1998, Lestienne, 2013b). A descoberta deste *achado* da pesquisa é apontada pelo neurocientista como um fator decisivo para direcionar seus estudos para o tema das emoções. Porém, as limitações éticas e técnicas para o estudo do cérebro humano o levaram também a estudar o cérebro em animais. LeDoux apresenta e resume alguns tópicos importantes a partir das conclusões de suas pesquisas, mas também como resultados de suas reflexões a respeito da emoções.

Em primeiro lugar, considera que a *emoção* não existe no cérebro como um sistema isolado, bem como a memória e a percepção. Essas são palavras usadas para descrever, de maneira geral, aquilo que acontece numa série de sistemas neurais específicos e distintos no cérebro. A divisão em segmentos funcionais, argumenta, é útil para organizar informações e definir campos de pesquisa, mas não deve ser entendida como se fossem verdadeiras funções. Os sistemas cerebrais ativados numa situação de perigo são diferentes daqueles que entram em ativação numa situação de aproximação para a cópula, por exemplo. Portanto, é categórico ao afirmar que

não existe a faculdade da “emoção”, e tampouco existe um único sistema cerebral encarregado dessa função fantasma. Se quisermos entender os vários fenômenos aos quais atribuímos a palavra “emoção”, teremos de aprofundar as classes específicas de emoção. Não devemos misturar descobertas referentes a emoções distintas, sem tomarmos em conta a emoção que produziu tais descobertas (LeDoux, 1998, p. 17).

Em segundo lugar, o autor identifica a semelhança entre os diferentes animais (humanos incluídos) no que diz respeito a certos imperativos biológicos (tais como obter alimento, proteção e abrigo) e também de sistemas cerebrais geradores de atitudes emocionais e comportamentais, reconhecendo a manutenção de determinados aspectos em diversos níveis da história evolutiva. Quando esses sistemas entram em atividade, manifestam-se reações emocionais conscientes. Porém, parte das metas comportamentais de um organismo pode ocorrer na ausência de consciência e as reações emocionais são produzidas por processos inconscientes. Assim, o autor sustenta que, ou devemos reconhecer que as reações emocionais conscientes devem estar presentes também em certos animais, ou que não precisamos delas para justificar os comportamentos emocionais em humanos. Por esse motivo, LeDoux comenta que os sentimentos conscientes são, ao mesmo tempo, pistas e desvios no estudo científico das emoções. Na defesa da pesquisa em neurofisiologia das emoções, ele afirma que a sensação consciente do medo é parte de uma reação geral ao perigo, que incluem respostas fisiológicas e comportamentais, como tremores, palpitações, suor, fuga etc.

Precisamos conhecer não tanto o estado consciente de medo ou as reações decorrentes, mas sim o sistema que detecta o perigo em primeiro lugar. Sensação de medo e corações descompassados são uma consequência da atividade desse sistema, cuja atuação é inconsciente – literalmente, antes mesmo de sabermos que de fato corremos perigo. O sistema que detecta o perigo é o mecanismo fundamental do medo, e as manifestações conscientes, fisiológicas e comportamentais constituem as reações superficiais orquestradas por esse sistema. Isso não significa que os sentimentos não tenham importância (idem, p.17-18).

Guiado pela idéia de que compartilhamos sistemas subjacentes comuns com outros animais e que, quando em atividade, esses sistemas produzem reações e sentimentos emocionais, LeDoux identifica como necessário e útil o estudo das emoções em animais, como forma de ajudar a entender as reações emocionais humanas. Outro aspecto importante na sua descrição sobre a emoção é o de considerar que os sentimentos conscientes (felicidade, raiva, medo, por exemplo)

não diferem tanto de outros estados conscientes, como a percepção. O autor compreende que os sistemas de processamento inconscientes quando colocados em atividade informam o sistema responsável pela percepção (consciente) desta atividade, instalando, assim, os estados de consciência. Para LeDoux, “existe um único mecanismo da consciência, o qual pode ser preenchido por situações cotidianas ou emoções intensas” (idem, p. 18). Essas emoções intensas podem facilmente eliminar da percepção as situações cotidianas, mas o contrário não parece acontecer de maneira tão simples, ou seja, atividades de pensamento não conseguem deslocar da *tela mental* os estados emocionais mais intensos. Todos esses tópicos são apresentados de maneira interconectada pelo autor, o que nos leva à conclusão de que as emoções são *sensações* que nos acometem, podendo invadir a consciência sem terem sido convidadas e que, a partir disso, o controle sobre elas não é algo garantido, pois, não basta desejar que sensações desagradáveis desapareçam, nem querer que estados prazerosos aconteçam.

Embora as pessoas estejam sempre criando situações para regular suas emoções – ir ao cinema e a parques de diversão, desfrutar uma refeição apetitosa, ingerir bebidas alcoólicas e outras drogas estimulantes –, nestes exemplos os acontecimentos externos simplesmente são organizados de modo que os estímulos que automaticamente produzem emoções estejam presentes. O controle direto sobre as reações emocionais é muito pequeno (idem).

Emoções são, portanto, estados de consciência subjetivamente experimentados e afetivamente carregados e, embora conscientes, emergem de processos emocionais inconscientes, ou ainda, de processos de avaliação emocionais não conscientes. Essa idéia de avaliação emocional é importante para o autor, pois identifica a importância do significado afetivo de um estímulo como sendo também um processo inconsciente (LeDoux, 1994a). No caso específico do medo, em respostas condicionadas a situações de perigo, o foco de suas pesquisas, o neurocientista sugere que esse processo de avaliação é mediado de alguma maneira pela amígdala. Para fazer essa afirmação, ele se baseia em pesquisas realizadas por diversos autores. De acordo com LeDoux, apesar de ser um fator que pode influenciar a memória, uma informação emocional também pode ser armazenada como memória. E, por serem armazenadas em regiões distintas e por diferentes sistemas cerebrais, elas podem ocorrer simultaneamente, em paralelo e, dessa forma, não coincidirem.

É importante distinguir uma memória emocional de uma memória de uma emoção. A última é declarativa, memória consciente de uma experiência emocional. É armazenada como um fato sobre um episódio emocional. Memória emocional (mediada pela amígdala) e memória de uma emoção (mediada pelo hipocampo) podem ser reativadas em ocasiões posteriores, fornecendo desse modo uma tonalidade emocional a novas memórias declarativas (LeDoux, 1994b, p. 312)

Portanto, seja em função de diferentes *inputs* cerebrais, seja por que as memórias declarativas podem ser transformadas por outros tipos de informação, temos aqui um elemento de conflito importante para pensarmos futuramente as conseqüências teóricas e clínicas desses processos. LeDoux acrescenta ainda outro elemento interessante para o nosso trabalho, a inclusão do fator temporal na experiência subjetiva. Pois, uma vez ocorrida uma experiência emocional, ela terá importância sobre as manifestações subseqüentes na experiência consciente do episódio emocional, afetando o curso desse processo (Ledoux, 1994c).

Mais uma vez, chamando a atenção para a necessidade de estudos que nos ajudem a avançar na compreensão das emoções, LeDoux observa que ao analisarmos a rede de circuitos cerebrais no estágio atual de nosso desenvolvimento evolutivo, somos obrigados a reconhecer que as conexões dos sistemas emocionais para os sistemas cognitivos são mais intensas do que as conexões em sentido contrário. O autor identifica ainda a existência de diferentes vias (principais, secundárias e acessórias) no cérebro (corticais e subcorticais) de informação, processamento e transmissão das emoções, responsáveis por mediar a memória e o aprendizado emocional. Como conseqüência deste processo, as emoções são fundamentais para engendrar comportamentos úteis e produzir a motivação para estabelecer estratégias para ações futuras, por outro lado, mas pelo mesmo motivo, elas também estão na raiz das reações patológicas. De acordo com o neurocientista, “a saúde mental depende da higiene emocional e, na grande maioria, os problemas mentais refletem o colapso da organização emocional” (Ledoux, 1998, p. 19).

A neurociência afetiva de Jaak Panksepp

Há décadas, o neurocientista Jaak Panksepp desenvolve pesquisa sobre a neurobiologia das emoções. No livro *Affective Neuroscience* (1998), ele investiga as relações entre o cérebro e a mente, a partir dos processos emocionais

compartilhados por diferentes espécies de mamíferos. O argumento do autor, endossado também por LeDoux, é de que o conhecimento sobre o cérebro animal pode nos ajudar a entender melhor a natureza afetiva da mente humana. Neste trabalho, Panksepp lamenta a enorme distância que separa as diferentes disciplinas que se ocupam do cérebro e da mente. E, apesar de reconhecer que o conhecimento neste campo ainda é fragmentado e insatisfatório, ele não se limita a realizar uma colagem das teorias existentes sobre o assunto, mas avança no sentido de lançar as bases de uma *psicobiologia* das emoções e oferecer-lhe um mapa de navegação para futuros pesquisadores.

Essa espécie de síntese proposta por Panksepp busca construir suas fundações na parceria e colaboração entre disciplinas (evolutiva, neurocientífica, comportamental, afetiva, cognitiva...), partindo da premissa de que

o cérebro é um ‘órgão simbólico’ que reflete uma epistemologia evolutiva codificada em nossos genes. O cérebro de mamíferos não apenas representa o mundo exterior em códigos simbólicos com base nas propriedades de seus sistemas sensoriais e perceptivos, mas também tem sistemas operacionais intrínsecos que governam tendências psico-comportamentais arraigadas para lidar com desafios a que os nossos antepassados foram confrontados na sua evolução. Muitos desses sistemas operacionais despertam estados emocionais, o que provavelmente se fazem sentir internamente por outros animais de maneiras não tão diferentes dos humanos (Panksepp, 1998, p. 83, tradução minha).

Panksepp baseia sua proposta em pesquisas sobre o cérebro de distintos tipos de animais (como ratos, cachorros, gatos, pássaros e macacos) e em estudos sobre seres humanos tratados com hormônios e drogas psicoativas, além de pacientes com lesões cerebrais. Sem deixar dúvidas sobre sua posição, o autor defende a idéia de que muitos dos processos psicológicos tais como as emoções básicas, podem ser estudados e entendidos em termos neuroanatômicos, neurofisiológicos e neuroquímicos (Panksepp, 1998). Neste livro, Panksepp descreve a existência de quatro emoções básicas, entre elas: SEEKING (BUSCA, expectativa), RAGE (RAIVA, ódio), FEAR (MEDO e ansiedade) e PANIC (PÂNICO, luto, angústia de separação), destacando-as em relação às emoções sociais e aos sentimentos.

Em recente trabalho intitulado *The Archeology of Mind, neuroevolutionary origins of human emotions* (2012), publicado em parceria com a psicoterapeuta Lucy Biven, Panksepp reafirma a importância de mecanismos anatômico-fisiológicos subcorticais como sendo a chave para o entendimento dos processos

afetivos, fundamentais para compreender a complexidade de nossa vida subjetiva. Nesse livro, os autores defendem a idéia de que existem sete circuitos (sistemas) subcorticais primários que dão forma e moldam nossos sentimentos e motivações. São eles os sistemas de SEEKING (BUSCA), RAGE (RAIVA), FEAR (MEDO), LUST (DESEJO), CARE (CUIDAR), PANIC/GRIEF (PÂNICO/LUTO/TRISTEZA) e PLAY (BRINCAR). Optamos por manter os termos em inglês e em maiúsculas para mantermos a ideia original do autor. A tradução que oferecemos é apenas uma sugestão, para ajudar na orientação da leitura, já que os sete sistemas afetivos primários não equivalem exatamente ao sentido de cada palavra. E essa é a explicação de Panksepp para se referir a elas, sempre que possível, desta maneira, para não haver confusão do conceito com o uso comum das palavras.

De acordo com os autores, uma síntese coerente dos estudos sobre a emoção deve partir da compreensão desse processo primário de organização das experiências afetivas. Contudo, vale ressaltar que os dois não ignoram, de forma alguma, a importância das estruturas neocorticais na experiência afetiva humana. A tese central de *The Archeology of Mind* é a de tentar estabelecer que os fundamentos da vida emocional estão concentrados em regiões subcorticais do cérebro, em redes de sistemas ancestrais que remontam ao cérebro primitivo. Para Panksepp e Biven, nós, humanos, compartilhamos estas regiões cerebrais com outros mamíferos, algumas espécies de pássaros e, até mesmo, répteis, apresentando semelhanças anatômicas e funcionais nos sete sistemas afetivos/emocionais (que detalharemos a seguir). Cada um desses sistemas está associado a diferentes tipos específicos de comportamento e a mudanças fisiológicas características.

Essas regiões cerebrais formam parte de um sistema, conhecido como o *sistema límbico*. A definição das regiões cerebrais que integram o sistema límbico pode variar de acordo com diferentes autores, mas, normalmente, incluem a amígdala, o hipocampo, o giro do cíngulo, tronco cerebral e área tegmental ventral (Machado, 1993, LeDoux, 1998, Solms & Turnbull, 2002). Mas as semelhanças entre os mamíferos não são apenas anatômicas, são também químicas e de tipos de conexões neurais estabelecidas nos sete sistemas afetivos, o que parece indicar mais uma prova incontestável em favor da teoria de ancestrais comuns na evolução das espécies. Os autores salientam, porém, que esses sistemas não são

idênticos em todas as espécies, pois a evolução adicionou elementos diferentes aos princípios gerais, responsáveis, portanto, pela enorme diversidade da vida em nosso planeta. Mas eles são, sem dúvida, verdadeiros *tesouros arqueológicos*, os substratos cerebrais afetivos incorporados da mente que nos oferecem a capacidade de termos *experiências afetivas* (Panksepp&Biven, 2012).

Outra grande diferença entre outros mamíferos e humanos é a expansão extraordinária alcançada pelo cérebro superior (neocórtex), que nos permite regular nossa experiência, pensar sobre nossa natureza e realizar diferentes formas (opções criativas) de agir no mundo, dado ao aprendizado fornecido pela cultura. E, por conta dessas expansões do neocórtex, nós, humanos, experimentamos a vida em termos cognitivos de maneira impensável e impossível para outros animais, pelo menos até o presente momento da história evolutiva. A enorme variedade das múltiplas vivências emocionais humanas (vergonha, culpa, orgulho, inveja, ciúme e muitas outras variações e combinações) é também consequência desse processo. Panksepp e Biven consideram que, apesar das nossas sutilezas e riquezas cognitivas, o cérebro superior humano continua enraizado no seu passado ancestral e evolutivo, o subcórtex. O neuropsicólogo Douglas Watt, colaborador de Jaak Panksepp, considera pertinente estabelecer a equação HOMEOSTASE–EMOÇÃO – COGNIÇÃO para identificar essas diferenças evolutivas, sendo a emoção a extensão evolucionária da homeostase e a cognição a extensão evolucionária da emoção. Segundo Watt, o cérebro seria o órgão responsável por regular e integrar essas diferentes dimensões (Watt, 2005). Essa equação de Watt encontra ressonância com a consideração de António Damásio a respeito do salto evolutivo da homeostase para as regulações superiores do cérebro humano (Damásio, 2011). Por homeostase, compreendemos a capacidade do organismo de produzir e manter constantes as suas propriedades internas, garantindo a sua sobrevivência.

Panksepp e Biven seguem apresentando, pouco a pouco, os esquemas explicativos do argumento que defendem e desenvolvem ao longo do livro. Um destes esquemas é o que define a *Abordagem Triangular da Neurociência Afetiva*, uma tentativa de articular a mente afetiva humana ao cérebro animal, permitindo, assim, melhor compreender as emoções primitivas do homem, tendo como foco a análise de estudos acerca dos: 1) estados mentais subjetivos (mais facilmente estudados em humanos), análise psicológica, incluindo os relatos verbais, em

primeira pessoa, sobre experiências afetivas vivenciadas subjetivamente; 2) funções cerebrais (mais facilmente estudadas em animais); e 3) comportamentos emocionais *naturais*-instintivos (estudos de mamíferos jovens). Eles incluem, ainda, o termo *MenteCérebro* (ou *CérebroMente*) para enfatizar a visão monista da abordagem em neurociência afetiva. As duas palavras, unidas sem espaço e com letras maiúsculas formam o termo-conceito que

destaca a necessidade de ver o cérebro - "carne da mente", como alguns gostam de chamá-lo - como um órgão unificado com nenhum resíduo da perspectiva dualista que prevê mente e cérebro como entidades separadas, uma tradição intelectual que só tem dificultado o nosso entendimento (Panksepp&Biven, 2012, p. 8).

Esse é um ponto importante para compreender a posição dos autores, pois, ao se colocarem contrários ao dualismo cartesiano, apontam para o que teria sido o outro *erro* de Descartes, o de considerar que os animais não têm consciência. Panksepp e Biven sustentam que as “sensações afetivas, que psicólogos e filósofos tentam entender principalmente em termos ideativos, são, de fato, funções do cérebro” (idem, p. 8). Essa afirmação está apoiada em pesquisas com animais - pois o teste em humanos esbarraria em questões éticas - e revelam evidências suficientes para não serem descartadas. Os autores dão o nome de *consciência afetiva* às sensações carregadas de intensidade afetiva, capazes de criar enérgicas formas de consciência, que não dependem de deliberações ou de uma suposta inteligência. Esses afetos primitivos são memórias ancestrais registradas no cérebro, extremamente úteis para lidar com o mundo e aprender sobre ele. Assim, apresentam dois tipos diferentes de consciência, uma cognitiva, outra afetiva, caracterizadas por eles da seguinte maneira:

- 1) Afetiva: mais subcortical, ação para a percepção, de intenções em ato.
- 2) Cognitiva: mais cortical, percepção para a ação, de intenções para o ato.

A essa distinção sobre os tipos de consciência, complementam outra, os três níveis de controle no cérebro: o processo primário e os três tipos gerais de afetos (1); o processo secundário e os três tipos de mecanismos básicos de aprendizagem (2); e, finalmente, o processo terciário e as três funções representativas de consciência (3) (idem, p. 10).

Níveis de Controle do Cérebro Afetivo-Emocional

1. Processo Primário. Afetos Básicos (subcortical).

- 1.1 afetos emocionais (sistemas de emoção e ação; intenções em atos)
- 1.2 afetos homeostáticos (interoceptivo; fome e sede, por ex.)
- 1.3 afetos sensoriais (exteroceptivo – sensações de prazer, desprazer e aversão)

2. Processo Secundário. Emoções (via aprendizagem).

- 2.1 condicionamento clássico (ex. MEDO)
- 2.2 condicionamento operante (ex. BUSCA)
- 2.3 hábitos comportamentais e emocionais (basicamente não-conscientes)

3. Processo Terciário. Afetos e Funções Conscientes ‘Neocorticais’.

- 3.1 funções cognitivas executivas (pensamentos e planejamento)
- 3.2 ruminações e regulações emocionais (emoções sociais)
- 3.3 livre-arbítrio (memória de trabalho; intenções para o ato)

Outra maneira de descrever os diferentes níveis dos processos emocionais é apresentada no divertido quadro a seguir (Figura 1). Ela pode parecer um pouco tosca e, certamente, não é muito fiel à complexidade da proposta de Panksepp, mas serve como uma ilustração simplificada da idéia que o autor pretende transmitir.

O importante a ser considerado na figura é o início inespecífico das excitações que ganham integração e coerência nas estruturas subcorticais, nos circuitos afetivos do processo primário. As interações dessas estruturas com outras regiões do cérebro, como por exemplo, determinadas áreas do neocortex, são responsáveis pela experiência e expressão das emoções sociais e dos sentimentos. Os autores insistem em sublinhar a existência, em nossa linguagem, de inúmeros termos emocionais que expressam elaborações cognitivas, mas reafirmam que eles são construídos a partir das emoções básicas, ou melhor, da excitação destes processos afetivos primários e, talvez, de uma combinação entre eles.

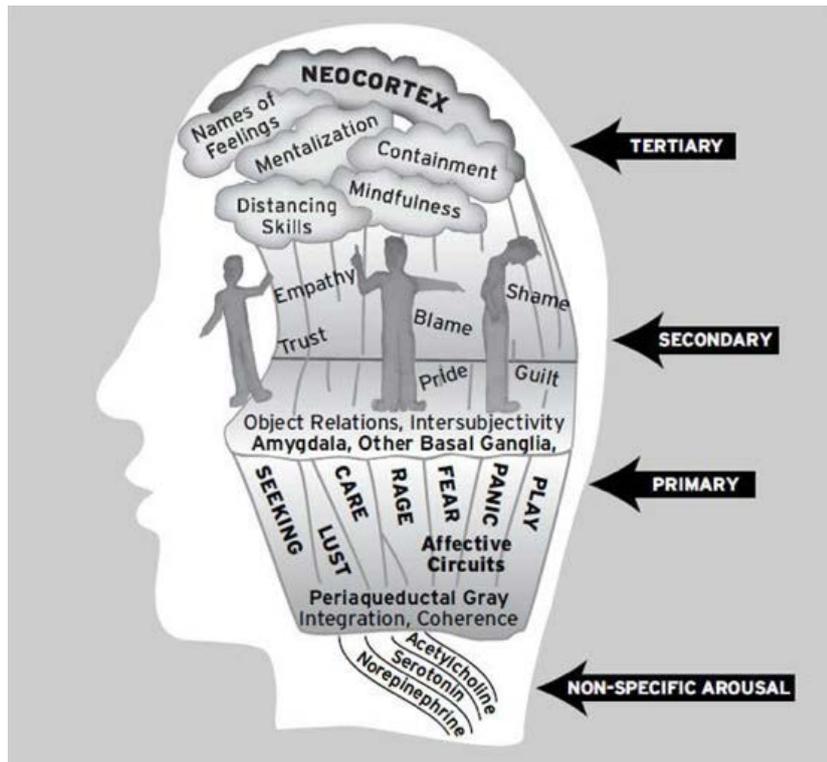


Figura 1. O processo emocional primário e as conseqüências sobre os processos superiores e suas complexidades. Fonte: Panksepp&Biven, 2012, p. 35.

Ao nascer, o bebê apresenta, em grande medida, os estados afetivos do processo primário. Com as vivências e as experiências no decorrer da vida, a formação da memória, os processos de aprendizagem sócio-cultural e o desenvolvimento cognitivo, adquire estados mais avançados, destacados nos processos secundário e terciário. Na idade adulta, ao atingir a maturidade da organização *MenteCérebro*, o processo afetivo terciário encontra-se plenamente desenvolvido, enquanto os processos primários, embora ainda presentes, encontram-se inibidos. Esse esquema é apresentado pelos autores em outro quadro, sobre os “perfis emocionais no desenvolvimento e na maturidade” (idem, p.16).

Assim, para Panksepp e Biven, afetos são experiências primárias, que incluem uma variedade de sensações emocionais *naturais*, comportamentos emocionais instintivos, acompanhados de respostas viscerais orquestrados por, pelo menos, sete sistemas subcorticais *relativamente* distintos. A ênfase em relativizá-los é por haver uma sobreposição de atividades e controles entre eles e pela mediação dos mesmos neurotransmissores envolvidos. E também porque o SEEKING é o maior sistema e tem papel crucial para por em operação os outros

sistemas emocionais do processo primário. Esses sistemas também envolvem as mesmas regiões cerebrais que regulam as atividades das vísceras e a secreção de hormônios, além da capacidade para a atenção e a ação. Sobre os afetos homeostáticos, Panksepp reconhece que eles não são propriamente *emocionais*, mas que existe a representação no cérebro de vários estados corporais, como a fome, a sede e, ainda, a *vontade* de urinar e defecar. Já os afetos sensoriais, como citado acima, envolvem tanto a série de sensações prazerosas e desprazerosas, como a dor causada por algum objeto externo e também as sensações de nojo e aversão. A seguir, descreveremos em mais detalhes os sete sistemas básicos da visão de Jaak Panksepp.

SEEKING (BUSCA)

O sistema SEEKING (de busca ou de expectativa) é um sistema ancestral que automaticamente realiza a mediação das ‘intenções em ato’ – que são essenciais para as realizações cognitivas mais elaboradas como as ‘intenções para a ação’ em seres humanos. De acordo com Panksepp, a excitação do sistema faz com que animais passem a apresentar curiosidade em relação ao mundo e intensa atividade exploratória sobre o ambiente, demonstrando interesse em relação a lugares, objetos e situações. Essa ativação produz uma sensação agradável, uma expectativa prazerosa ou uma euforia antecipatória – diferente da experiência de prazer obtida pela consumação. Como dissemos, esse sistema tem um lugar de destaque em relação aos outros, pois serve de suporte para todas as outras emoções, sejam elas positivas ou negativas, principalmente nas fases de *apetite* inicial, com as inúmeras conseqüências e diferenças cognitivas para cada uma das experiências. Sua ativação também se dá de modo acentuado quando há qualquer tipo de desequilíbrio homeostático (sede, fome, frio, desejo...) através de receptores espalhados pelo corpo - os *detectores de necessidade*-, tornando o sistema mais responsivo à possibilidade de recompensa, a fim de promover uma resposta comportamental adequada (como, por exemplo, a busca por água, comida, abrigo, parceiros...). Panksepp considera a hipótese de SEEKING ser o principal sistema do que se convencionou chamar de “sistema de recompensa” no cérebro.

RAGE (RAIVA)

O sistema RAGE é também um sistema ancestral que ajuda na auto-proteção do indivíduo, mas pode facilmente evoluir para o ódio ou o ciúme. A excitação deste sistema trabalha no sentido de dar aos animais o impulso em direção a objetos e indivíduos ofensivos ou perigosos, e desferir golpes, mordidas e arranhões. No caso dos humanos, sob a influência dessas paixões arrebatadoras, o abundante espaço cerebral do nosso neocórtex permite o desenvolvimento de elaborados planos de vingança, com o objetivo de punir nosso inimigo ou alguém que responsabilizamos por ter-nos feito algum mal. É fundamentalmente um afeto negativo, mas pode vir a se tornar positivo em função de alguns padrões cognitivos, como a experiência de vitória sobre um oponente, ou a imposição de controle ou submissão. Porém, a raiva pura, de acordo com Panksepp, não precisa estar relacionada a esses componentes cognitivos ou a um objeto externo (processo secundário). A restrição física, a irritação da superfície da pele, o desequilíbrio homeostático como a fome ou a frustração de uma recompensa esperada são exemplos de situações que podem provocar essa emoção. Mas Panksepp faz uma observação a respeito de que nem todos os comportamentos aparentemente agressivos são manifestações do sistema RAGE. Um desses comportamentos seria a *agressividade predatória*, quando um predador parte em busca comida, vai à caça e mata a sua presa. Outro, bastante controverso, seria a *agressividade sexual predatória* (como em casos de estupros). Em ambas, de acordo com o autor, ao invés da estimulação do sistema RAGE, seria o sistema SEEKING que estaria inicialmente ativado. E, ainda, outros dois casos, o infanticídio e a dominação social. Mas sobre estes, Panksepp afirma não haver, até o momento, evidências suficientes para determinar a ativação de um único sistema emocional básico.

FEAR (MEDO)

O medo também é um estado afetivo negativo, onde humanos e todos os outros animais apresentam o desejo de escapar de determinada situação ou objeto. Engendra tensão corporal e tremores imobilizadores em estados moderados de excitação, podendo ganhar intensidade e irromper num padrão de fuga,

movimento em projeção para sair das situações que identificam como potencialmente perigosas. A dor, quase sempre, ativa o sistema FEAR, mas experimentos comprovam que o contrário não se verifica em casos extremos de medo. Há situações em que o medo intenso pode inibir a dor. Panksepp afirma que a emergência de uma ansiedade crônica (ou o medo sem objeto) poderia estar relacionada com a hiper-estimulação do processo primário de FEAR. A intensidade de situações geradoras do medo ou a longa exposição a essas situações podem deixar marcas indeléveis em indivíduo, tornando-os extremamente sensíveis para a manifestação dessa emoção. Como em situações de guerra ou em casos de pessoas com sintomatologia compatível com os quadros de transtornos de estresse pós-traumático. Para Panksepp, o sistema afetivo FEAR, assim como todos os outros sistemas emocionais, funciona como os músculos do nosso corpo: quanto maior o uso, mais forte eles ficam; quanto menor o uso, mais fracos eles se tornam.

LUST (DESEJO)

Quando sob as influências do sistema LUST, animais (humanos inclusive) exibem comportamento de corte e atividade de aproximação a um parceiro receptivo. Para Panksepp, LUST é uma das fontes de amor e uma das mais poderosas experiências afetivas positivas que a vida pode proporcionar e, apesar disso, permanece sendo muito pouco compreendido. Existem inúmeras teorias, mas pouco consenso. Ele acredita que, também neste caso, as pesquisas sobre os as pulsões físicas básicas (afetos sexuais) em modelos animais (mamíferos) podem ajudar no entendimento da sexualidade humana. De um desejo intenso até a ternura amorosa, as tendências eróticas não participam de modo crucial para a sobrevivência do indivíduo, porém, elas estão entre as principais motivações em quase todos os mamíferos. Por outro lado, uma vida sexual satisfatória, principalmente quando vivenciada dentro de um relacionamento amoroso feliz, revela-se um *tonificante* poderoso, contribuindo para o bom funcionamento do sistema imunológico e permitindo uma vida mais saudável e longa. A excitação sexual pode causar uma tensão prazerosa no organismo quando a possibilidade de satisfação é iminente (por exemplo, o caso do orgasmo). Por outro lado, pode se tornar uma tensão estressora, afetivamente negativa, quando a satisfação estiver

impedida. Panksepp inclui ainda nesse sistema afetivo toda a complexidade e diversidade de comportamentos sexuais e identidades de gênero nos humanos, dos processos primários aos terciários da organização *MenteCérebro*, e acrescenta que as diferenças “psicológicas” entre homens e mulheres a esse respeito também estão presentes em seus cérebros, tanto quanto nas formas de seus corpos – o que parece indicar um papel importante dos hormônios sexuais nessas diferenças, entre outros. Nesse tópico, ele aproveita para marcar as suas diferenças em relação a Freud, assinalando a necessidade de se reconsiderar as clássicas teorias psicanalíticas sobre as pulsões e também as formulações freudianas sobre o desenvolvimento psicosssexual.

CARE (CUIDAR)

Pessoas ou animais quando experimentam o despertar da excitação do sistema CARE apresentam o impulso de envolver com ternura e carinho os objetos e os indivíduos *amados*. De acordo com Panksepp, é a ativação desse sistema que permite, por exemplo, que o cuidado de membros adultos para com os seus filhos e filhotes possa ser vivenciado como um estado afetivo positivo, gratificante e relaxante, ao invés de se tornar um fardo. Sem isso, a sobrevivência de mamíferos na Terra seria impossível, dada a prematuração dos bebês. Segundo o autor, CARE é outra fonte do amor e um dos sistemas afetivos que tornam possíveis os laços sociais. Nos processos secundário e terciário, em estados mais avançados do desenvolvimento, o sistema CARE é a base para o altruísmo, a empatia, a compaixão.

PANIC/GRIEF (PÂNICO/LUTO/TRISTEZA)

Sob a influência do sistema PANIC/GRIEF, associado em seu estado inicial à angústia de separação, os indivíduos apresentam uma experiência psicológica de dor, uma profunda ferida psíquica, sem aparente causa física. O comportamento comum desse sistema, especialmente em mamíferos jovens, é o choro ou vocalizações intensas que, nas palavras de Panksepp, seriam a tentativa de buscar de modo urgente e agoniado a atenção e a reunião com os agentes de cuidado, especialmente a mãe. Assim, a facilitação para a formação de laços

sociais é o efeito secundário desse sistema. Porém, se esse objetivo não é alcançado, o bebê, gradualmente, passa a experimentar sentimentos de tristeza e desespero, podendo oscilar do pânico para a *depressão*. Mas se consegue o reencontro com os cuidadores, experimenta alívio, conforto e sensação de pertencimento, de ser cuidado. Por essa razão, comenta Panksepp, crianças e filhotes valorizam e *amam* os adultos encarregados do seu cuidado. Gozar da segurança desses laços afetivos com outros indivíduos faz com que pessoas e animais apresentem uma sensação relaxada de contentamento. A flutuação desses sentimentos é outra fonte do *amor*. O autor comenta que o maior exemplo da ligação amorosa, a relação mãe-bebê, é a associação da ativação do sistema CARE da mãe com o sistema GRIEF do bebê, que precisa sentir a proximidade e o calor da mãe ou do cuidador, não apenas do ponto de vista homeostático, mas também emocional, de aconchego e segurança. No caso de indivíduos adultos, a perda ou o afastamento dessas ligações afetivas produzem o luto e a tristeza. Em humanos, esse sistema está envolvido nos casos de depressão e em certos tipos de ansiedade crônica, sendo um aspecto fundamental para a saúde mental dos indivíduos.

PLAY (BRINCAR)

O sistema PLAY é, definitivamente, um circuito afetivo positivo presente no cérebro dos mamíferos. De acordo com Panksepp, em seu processo primário, PLAY pode ser caracterizado pelo comportamento alternado de movimento em que os participantes brincam de se bater, morder, rolar uns sobre os outros, observados especialmente em filhotes (podendo ser estendido também às brincadeiras de adultos com crianças). À primeira vista, a brincadeira pode parecer agressão, ou insinuar violência, mas uma observação mais atenta revela que esses movimentos são suaves, e que os participantes demonstram prazer na atividade, com a expressão de risadas e vocalizações que confirmam essa percepção, o que poderia ser chamado de alegria social. É uma atividade espontânea, com infindáveis variações, onde o objetivo é simplesmente obter a experiência de prazer com a brincadeira. Panksepp identifica, porém, a evidente consequência da formação de laços sociais a partir dessas atividades e considera o sistema PLAY como uma das fontes daquilo que consideramos a amizade. Em

adultos humanos, as atividades desse sistema, que envolvem os processos secundário e terciário, compreendem uma série de manifestações, em que o autor sublinha as trocas verbais. Panksepp comenta também a relação deste sistema com o sonhar e afirma que um contexto de afetos positivos pode induzir transformações em memórias traumáticas, podendo ter influências terapêuticas poderosas, mas ainda pouco utilizadas. Essa é a idéia que está presente na expressão popularmente conhecida e aceita de que “rir é o melhor remédio”, ou pode ser.

As pesquisas de Jaak Panksepp e os seus estudos em neurociência afetiva reforçam a importância das experiências ao longo da vida, principalmente nos primeiros anos, para a formação do indivíduo. O campo de investigação é vasto e extremamente complexo, e Panksepp insiste em afirmar que ainda são muitas as perguntas sem respostas, havendo a nossa frente um longo caminho a ser percorrido para conseguirmos compreender com mais clareza os fenômenos comportamentais, afetivos e cognitivos que formam a experiência humana. E, assim como LeDoux, reforça a necessidade de estudos aprofundados e específicos para cada um desses estados afetivos.

Emoções e sentimentos por António Damásio

O neurologista português António Damásio desenvolve pesquisas sobre o cérebro humano há cerca de três décadas. Em *O erro de Descartes* (1996), Damásio apresentou, pela primeira vez para o grande público, sua visão pouco convencional sobre as relações entre as emoções e os processos de raciocínio e tomadas de decisão, a partir do estudo de casos de pacientes com diferentes tipos de lesões nos córtices pré-frontais. Neste livro, o autor classifica as emoções entre primárias (iniciais) e secundárias (adquiridas). As primeiras constituem os mecanismos básicos do comportamento emocional humano e dependem da ativação de uma rede de circuitos neurais presentes no sistema límbico, responsável também pela regulação biológica do organismo. Já as emoções secundárias são adquiridas ao longo da vida, em função das experiências do indivíduo, através de ligações sistemáticas entre as emoções primárias e as diferentes categorias de objetos e situações vivenciadas, ampliando as redes de estruturas das quais também participam o córtex pré-frontal e o córtex

somatossensorial. As respostas emocionais ocorrem a partir das considerações conscientes sobre objetos e situações, quando encontram expressão em imagens mentais (idéias ou pensamentos, verbais ou não-verbais), reagindo de forma automática, não-consciente e involuntária aos sinais resultantes do processamento das imagens mentais (Damásio, 1996).

Damásio também classifica os sentimentos em duas categorias distintas, os sentimentos emocionais e os sentimentos de fundo. Os primeiros se referem à percepção consciente das alterações dos estados do corpo (tais como as alterações das vísceras, dos vasos sanguíneos, dos músculos voluntários e das articulações) que são constantemente informadas ao cérebro. Para o autor, a ocorrência de um sentimento dependeria da justaposição de uma imagem do corpo com uma imagem mental. A percepção muscular e das articulações (propiocepção) e a percepção das vísceras (interocepção) são as informações utilizadas para a construção da imagem corporal. Os sentimentos de fundo são estados do corpo que revelam estados agradáveis ou desagradáveis, ocorrem entre as emoções e, para Damásio, não se alteram com o fluxo do pensamento, contribuindo para o que poderíamos chamar de humor, mas ao mesmo tempo se diferenciado deste.

Assim, emoções e sentimentos formam o circuito do corpo e são caracterizados pela “viagem neural” das inúmeras sinapses entre neurônios ao longo de todo corpo, que atingem a medula, o tronco cerebral e o neocórtex, e pela “viagem química”, a liberação na corrente sanguínea de hormônios e peptídeos que alcançam o cérebro, informando-o, em tempo real, sobre os estados do corpo. De acordo com Damásio, paralelamente ao circuito do corpo, existe o circuito “como se”, quando o cérebro simula uma imagem mental de um estado emocional. Os mecanismos do circuito “como se” também se desenvolvem ao longo da vida, como resultado das experiências individuais, na associação entre uma imagem mental e um substituto de um estado do corpo (Damásio, 1996). A ação conjunta desses circuitos é importante para os processos de raciocínio e tomada de decisão, mas não a única. A partir do estudo de casos clínicos de pacientes com tumores e lesões no córtex pré-frontal, Damásio apresenta a hipótese dos “marcadores-somáticos” (Damásio, 1996). Eles seriam capazes de garantir respostas mais eficientes e precisas nos processos decisórios. De acordo com o autor, essa hipótese se contrapõe ao senso comum e a teses racionalistas que acreditam que, em condições adequadas, a *razão pura e nobre* nos guiaria

através de uma lógica formal a encontrar a solução de um problema, avaliando qual poderia ser o melhor resultado.

Para Damásio, o indivíduo nasce com uma maquinaria neural necessária à criação de estados somáticos em resposta a categorias de estímulo. Porém, a maior parte dos marcadores-somáticos que usamos para nossa tomada de decisões é adquirida pela experiência, *sob o controle de um sistema interno de preferências e sob a influência de um conjunto externo de circunstâncias* que incluem uma série de fenômenos do organismo, mas também as convenções sociais e regras éticas da cultura. O elemento decisivo é o tipo de estado somático e de sentimento produzido no indivíduo, em uma dada situação, em algum ponto de sua história singular. Assim, a experiência provoca um aumento do repertório de marcadores-somáticos que serão marcados automaticamente, criando uma espécie de rede neural para os marcadores-somáticos. A definição desta hipótese-conceito é a mais simples possível, sendo *somático* por que se refere a uma sensação corporal (visceral ou não), um estado somático, e *marcador* por que esse estado *marca* (registra) uma *imagem*.

Esta rede conta com a atuação dos córtices pré-frontais, que recebem sinais de setores biorreguladores do cérebro e de todas as regiões sensoriais onde se formam as imagens que constituem o pensamento, em que os estados do corpo (passados e presentes) são constantemente mapeados e representados. Eles atuam na categorização das situações e na classificação das contingências da experiência individual, formando zonas de convergência de representações dispositivas das contingências categorizadas. As contingências categorizadas formam a base para a produção de imagens de diferentes cenários e resultados futuros, necessários para a elaboração de previsões, planejamento e concretização de metas. Segundo Damásio, eles se encontram diretamente ligados às vias de respostas motoras e químicas existentes no cérebro, interligando-se harmoniosamente aos pisos inferiores e superiores do edifício neural. Pois, como adverte Damásio, ao longo do processo evolutivo, o neocórtex não se desenvolveu apenas por cima dos instrumentos de regulação biológica, o subcórtex, mas também a partir dele e com ele (Damásio, 1996, Trotta, 2010). A importância destes marcadores está em fornecer respostas imediatas ao indivíduo, pois “o sinal automático protege-o de prejuízos futuros, sem mais hesitações, e lhe permite depois *escolher entre um número menor de alternativas* (Damásio, 1996, p. 205, grifado no original).

Ao longo de sua obra, Damásio empreendeu algumas pequenas transformações e acréscimos sobre os seus pontos de vista. A hipótese dos marcadores-somáticos, por exemplo, deixou de ocupar o lugar de destaque e parece ter sido incorporada a outros elementos de sua formulação. No livro *Em busca de Espinoza* (2003), ele forneceu a sua explicação mais detalhada a respeito das emoções e dos sentimentos, principalmente sobre o significado humano dos sentimentos propriamente ditos, “como neurologista, neurocientista e consumidor habitual” (Damásio, 2003, p.14). Baseado na filosofia de Espinoza e partindo de uma descrição mais geral, Damásio apresenta os afetos como o processo unificado e, aparentemente, singular que compreende desde os sentimentos de prazer e dor até a discriminação sutil entre emoções e sentimentos (do qual participam mecanismos corporais e cerebrais) surgidos a partir de uma determinada circunstância. Os sentimentos de dor e prazer são, para o autor, os alicerces da mente, numa proposição semelhante ao quadro de Panksepp sobre os processos emocionais primários. Os diversos estados corporais e afetivos das diferentes emoções e sentimentos, desde o nascimento até a morte, dia-a-dia estão, de alguma maneira, sempre compreendidos nesta série qualitativa entre o prazer e a dor em todas as experiências da vida. Por essa centralidade na experiência humana e na esfera da vida em geral, o autor afirma que o estudo sobre a biologia das emoções e dos sentimentos abre um novo panorama para a relação mente e corpo e pode contribuir para a compreensão de certas fontes do sofrimento humano, como, por exemplo, a dor, a depressão e o uso abusivo de substâncias.

Como já havia reconhecido anteriormente, apesar de pertencerem a uma cadeia complexa de acontecimentos, Damásio propõe pensar a divisão entre os dois termos (emoções e sentimentos) como objetos separados. Mais uma vez, ao buscar uma re-entrada para o tema, identifica as emoções como o processo *público* desta cadeia, tais como as ações e movimentos do corpo, as alterações na expressão facial, na voz e a exibição de comportamentos específicos. E, com o auxílio das pesquisas em neurociência cognitiva, também a detecção de alterações nos padrões neurais e as variações dos níveis hormonais. Já os sentimentos são a parte *privada* do processo, como as outras imagens mentais, propriedade do indivíduo na primeira pessoa, excluída da visão do público (Damásio, 2003).

Outro aspecto da diferença entre os dois termos da cadeia afetiva revela uma descrição conceitual importante nos trabalhos de Damásio, a de que as

emoções precedem os sentimentos. E a defesa de seu argumento se dá amparado na evolução biológica, pois, como já vimos, as emoções foram construídas a partir de reações simples, que pudessem ocorrer *automaticamente* para garantir a sobrevivência do organismo, sem ter que recorrer a nenhum tipo de raciocínio para resolver os problemas da vida, mas também em pesquisas desenvolvidas por seus colaboradores (Rudrauf et al., 2009).

O equipamento inato e automático, a *máquina homeostática*, envolve desde respostas simples, como aproximação e afastamento de um organismo em relação a um objeto, até respostas mais sofisticadas, como cooperação e competitividade. O autor destaca que essas reações simples são parte componente das reações mais complexas e que o conjunto das reações não apresenta, necessariamente, uma hierarquia simples e linear (idem). Essa idéia fica mais clara se levarmos em conta a figura apresentada por Damásio para descrever esses fenômenos.

Como vimos, a homeostase se refere à manutenção no interior do organismo das condições favoráveis à vida e, para Damásio (2003, 2011), as faixas homeostáticas associadas à regulação ótima da vida em organismos mais complexos gerariam sensações agradáveis, sentimentos de prazer e bem-estar. Assim,

quando o cérebro humano passou a engendrar a mente consciente, o jogo sofreu uma mudança radical. Passamos da simples regulação, voltada para a sobrevivência do organismo, a uma regulação progressivamente mais deliberada, baseada em uma mente dotada de identidade e personalidade e agora empenhada ativamente não apenas na mera sobrevivência, mas também na busca de certas faixas de bem-estar (Damásio, 2011, p. 81).

Isso se torna importante, pois os diferentes níveis de regulação homeostática automática participam dos processos das emoções propriamente ditas e também dos sentimentos, sendo estes a expressão mental (e corporal, evidentemente) de todos os outros níveis de regulação homeostática e do estado da vida dentro de um organismo. Como podemos ver na figura abaixo (Figura 2):

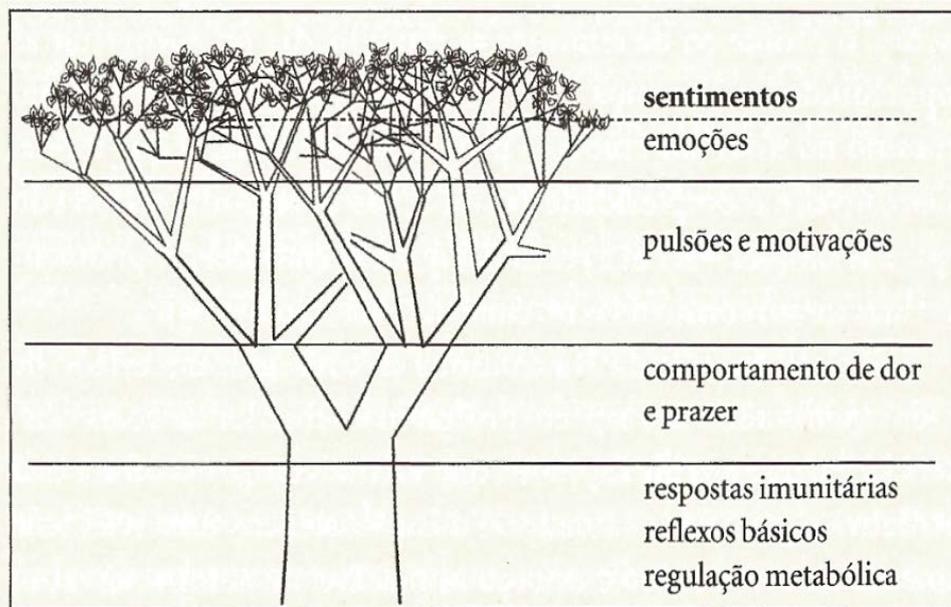


Figura 2. Sobre os níveis de regulação homeostática e os sentimentos. Fonte: Damásio, 2003, p. 44.

Desta maneira, nos ramos mais baixos da *árvore*, encontram-se as respostas imunológicas, a regulação metabólica e os reflexos básicos, onde estão incluídos os processos metabólicos, as secreções hormonais, o ritmo cardíaco, a pressão arterial, o reflexo de *startle* (reflexo de susto ou alarme), os tropismos (capacidade de alguns organismos se moverem em reação a certos estímulos ambientais, como as de buscar a luz, ao invés do escuro, evitar temperaturas extremas de calor e frio, entre outras) e, ainda, as defesas do sistema imunológico contra a invasão de vírus e bactérias que ameaçam a vida do organismo.

Nos ramos médios, Damásio distingue os comportamentos de dor e prazer das pulsões e motivações. Nos comportamentos de dor e prazer, respectivamente associados nos seres humanos como punição e recompensa, ele identifica as reações de aproximação e retraimento - respostas automáticas do organismo a partir de certos sinais. O conjunto das reações e dos sinais químicos tem como resultado a experiência de dor (neste caso, sem alterar muito o sentido da formulação de Damásio, considero possível também nos referirmos ao desprazer) e a experiência de prazer. Ou seja, as experiências não são a causa dos comportamentos, já que elas nem mesmo são necessárias para que os *comportamentos* aconteçam. No comportamento de dor, as ações são no sentido de restaurar o equilíbrio biológico, como retrair o corpo para se afastar de um

objeto ameaçador ou proteger uma parte do próprio corpo. No caso do prazer, ao contrário, a aproximação encontra-se facilitada, podendo ser compreendido também como uma tentativa de aumentar a faixa de bem-estar, na busca por satisfação.

Fome, sede, curiosidade, comportamentos exploratórios, comportamentos lúdicos e sexuais são os exemplos de pulsões e motivações para Damásio. Outra vez inspirado no trabalho de Espinoza, o autor utiliza os termos *apetite* e *desejo* do filósofo para diferenciar e compor o quadro geral das emoções e dos sentimentos. A palavra *apetite* designa um “estado comportamental de um organismo afetado por uma pulsão; a palavra *desejo* refere-se ao sentimento consciente de um apetite e à consumação ou frustração de um apetite” (Damásio, 2003, 41). O primeiro relacionado à emoção e o segundo relacionado ao sentimento.

E, por fim, nos ramos mais altos e próximos ao cume, temos as emoções e os sentimentos, com todas as suas peculiaridades. A classificação das emoções propriamente ditas (felicidade, raiva, medo, tristeza, vergonha) depende de três categorias: as emoções de fundo, as emoções primárias e as emoções sociais. Damásio faz questão de reconhecer que essas categorias são porosas, e por vezes inadequadas, porém, um mal necessário para ajudar a compreensão e a descrição dos fenômenos.

Como o próprio nome indica as emoções de fundo não são tão evidentes, mas são especialmente importantes. São manifestações compostas e imprevisíveis do desencadeamento simultâneo de processos regulatórios que ocorrem a cada momento, em razão de mudanças nas situações externas. Elas são as demonstrações sutis dos movimentos do corpo, dos membros, da cabeça, incluindo a amplitude, a frequência e a intensidade desses movimentos, como também das expressões faciais, da prosódia, do tom da voz e da cadência do discurso. Referem-se ao grau de *energia* de um indivíduo, da lassidão ao entusiasmo e diferem do humor que, de acordo com Damásio, é o estado emocional que se mantém por longos períodos, medidos em horas e dias (*idem*). Medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza e felicidade formam as bem estabelecidas emoções primárias (ou básicas), pela tradição inaugurada por Charles Darwin e pela facilidade com que são identificadas em seres humanos de diferentes culturas. Já as emoções sociais, de acordo com Damásio, incluem

a simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração, e o espanto, a indignação e o desprezo. Numerosas reações regulatórias, bem como componentes das emoções primárias, são parte integrante, em diversas combinações, das emoções sociais. O encaixamento de componentes mais simples é observável, por exemplo, quando o desprezo utiliza as expressões faciais do nojo, uma emoção primária, que evoluiu em associação com a rejeição automática e benéfica de alimentos potencialmente tóxicos. Até mesmo as palavras que utilizamos para descrever situações de desprezo e indignação moral – confessamo-nos enojados ou desgostosos em relação a certas situações sociais – giram à volta desse princípio de encaixamento e incorporação. Ingredientes de dor e de prazer são igualmente bem evidentes na profundidade das emoções sócias. (idem, p. 54)

Damásio comenta que a palavra social para caracterizar essas emoções, pode nos levar a pensá-las como humanas, e somente humanas – o resultado do aprendizado de nossa cultura e sociedade. Mas ele ressalta que os exemplos de manifestação dessas emoções em diversos mamíferos (como chimpanzés, cães e gatos) são abundantes, o que indica uma disposição do organismo, *gravada* no cérebro, de prontidão para ser utilizada no momento adequado e, ainda, a confirmação de que comportamentos sofisticados podem ocorrer na ausência de linguagem ou de instrumentos de cultura, sendo colocados na conta dos mecanismos inatos de regulação automática da vida. O autor acrescenta que as emoções podem ser inteiramente inatas, em alguns casos, enquanto que em outros há exigência de uma exposição apropriada ao ambiente para que elas possam ocorrer.

Antes de passarmos para a definição de Damásio sobre os sentimentos, consideramos que seria proveitoso, nesse momento, explicitar o resumo da hipótese sobre o que é uma emoção:

1. Uma emoção propriamente dita é uma coleção de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto.
2. As respostas são produzidas quando o cérebro normal detecta um estímulo-emocional-competente (EEC), o objeto ou acontecimento cuja presença real ou lembrada desencadeia a emoção.
3. O cérebro está preparado pela evolução para responder a certos EEC com repertórios de ação específicos. Mas a lista dos EEC não se limita àqueles que foram prescritos pela evolução. Inclui muitos outros adquiridos pela experiência individual.
4. O resultado imediato dessas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e do estado das estruturas cerebrais que mapeiam e sustentam o pensamento.
5. O resultado final das respostas é a colocação do organismo, direta ou indiretamente, em circunstâncias que levam à sobrevivência e ao bem-estar. (Damásio, 2003, p. 61).

Como representado na figura da árvore, os sentimentos estão no cume, convenientemente articulados aos ramos inferiores, e consistem na expressão mental que emerge dos estados do corpo (nos diferentes níveis homeostáticos) num dado momento e numa certa situação, e que diferem de qualquer outro tipo de pensamento. Para Damásio, “o sentimento de uma emoção, no seu mais puro e estreito significado, era *a idéia do corpo funcionando de uma certa maneira*” (idem, p.91), que se associam a temas de pensamento e a determinadas formas de pensar, dependendo da história de vida do indivíduo e da tonalidade afetiva em questão. Aqui, a palavra ideia pode ser substituída por pensamento ou percepção.

Mais adiante no texto, Damásio avança em sua definição, ao afirmar que sua proposta é a de pensar os sentimentos como percepções que dizem respeito a mapas cerebrais do estado do corpo, que emergem quando o acúmulo de detalhes desse mapeamento atinge um determinado nível, uma *frequência crítica*, pois não temos como ter acesso a todos os incalculáveis mapeamentos feitos pelo corpo, como por exemplo, o nível da tensão muscular em cada grupo de músculos, dos estados das vísceras ou, ainda, do nível de glicose no sangue. Aqui, considero que poderia ser interessante também pensar num aspecto quantitativo desse mecanismo, o incremento de uma excitação ou a variação de magnitude dos estímulos. Mas os sentimentos também são percepções interativas que, além de estarem ligadas aos estados do corpo, também estão em interação com objetos emocionalmente competentes de seu exterior (ambiente). Assim, os sentimentos são o resultado da *experiência integrada* que temos desses mapas.

Psicanálise e Neurociências

Antes de avançarmos na proposição de aproximações entre a teoria freudiana e a teoria da neurociência afetiva (objetivo central deste trabalho), consideramos necessário situar o momento histórico dessa proposta, identificando alguns aspectos que julgamos importantes para os nossos objetivos. A seguir, apresentaremos um breve panorama do debate atual entre psicanálise e neurociências, para melhor nos localizarmos nesta discussão.

O diálogo Psicanálise e Neurociências

A aproximação entre psicanálise e neurociências vem se desenhando desde o início da década de 80, mas foi a partir do início do século XXI que o movimento ganhou mais expressão, a ponto de se institucionalizar. O caso mais emblemático foi a fundação da Sociedade Internacional de Neuropsicanálise, mas também podemos apontar espalhados ao redor do mundo a formação de muitos grupos de pesquisas em diferentes instituições e universidades. No entanto, mesmo depois de décadas, desde o início das primeiras iniciativas, o que ainda se vê hoje em dia, é muita energia sendo gasta em discussões a respeito da pertinência desta articulação, se devemos ou não devemos fazer dialogar psicanálise e neurociências.

As iniciativas de diálogo das últimas décadas fizeram ressurgir antigos embates a respeito da constituição e do percurso das duas disciplinas. Entre críticos e entusiastas deste diálogo, identificamos uma pluralidade de propostas e uma curiosa referência à obra freudiana na justificativa e na busca de legitimação dos diferentes pontos de vista.

No artigo *Psicanálise e Neurociências: um mapa do debate* (2010), Davidovich e Winograd procuram estabelecer o cenário contemporâneo da (im)possibilidade de articulação entre os dois campos, onde definem a existência de três grupos com posicionamentos divergentes em relação ao tema em debate. São eles: o grupo de autores contrários ao diálogo, a que chamam do grupo do

isolamento; um segundo grupo que defende o diálogo, mas sem uma perspectiva de fusão ou integração de modelos e metodologias, a que chamam de grupo da *interlocução*; e, finalmente, o grupo da *hibridação*, favoráveis à integração das abordagens. Desde o início dos meus estudos a respeito do tema, pude constatar também a existência de um quarto grupo, o dos *indiferentes* e *indecisos*. A meu ver, eles representam um contingente ainda bastante significativo. Mas, daqui para frente, seguiremos apenas com os três primeiros grupos, os que se apresentam com uma posição definida para o debate.

Do lado psicanalítico, entre os críticos do diálogo, é comum encontrarmos argumentos em favor da manutenção dos limites epistemológicos e da legitimidade do método clínico psicanalítico, onde a recusa se baseia no temor de “diluição da herança freudiana e uma submissão epistemológica e ética aos ditames da cultura cientificista e biotecnológica atual” (Davidovich & Winograd, 2010, p.805). Em *Psicanálise e Neurociência: dos monólogos cruzados ao diálogo possível* (2001), Sollero-de-Campos também chama a atenção para as críticas deste grupo contrário ao diálogo entre as disciplinas, a respeito do risco de um reducionismo biológico, de naturalização do pensamento e da psicanálise e, ainda, da medicalização do sofrimento humano com o uso de psicofármacos. Para a autora, os defensores do isolamento buscam marcar a originalidade da abordagem psicanalítica, preservar a singularidade dos estados mentais e reafirmar a sua irredutibilidade aos estados fisiológicos cerebrais (Sollero-de-Campos, 2001). Importante destacar que essas defesas, muitas vezes extremadas em favor da independência metodológica da psicanálise, são resultado da crítica à desatualização do campo psicanalítico em relação aos avanços das ciências e também da falta de métodos empíricos para testar suas hipóteses. Em defesa da psicanálise, Davidovich e Winograd (2010) afirmam, porém, que a falta de homogeneidade institucional, teórica e metodológica deve ser resolvida dentro do próprio campo psicanalítico.

Entre aqueles autores e pesquisadores favoráveis ao diálogo, duas propostas podem ser encontradas. Um primeiro grupo considera que o diálogo seria benéfico para a formulação de novas hipóteses no interior dos dois campos, desde que mantidas as especificidades epistemológicas de cada disciplina. Na defesa dessa interlocução, há uma recusa da visão reducionista do fisicalismo e uma afirmação do pluralismo teórico e metodológico, de colaboração e respeito

entre os diferentes campos de saber na produção do conhecimento (Bezerra Jr., 2006, Davidovich & Winograd, 2010, Cheniaux et al., 2011, Winograd, 2013). De acordo com Winograd (2013), deste debate entre psicanálise e neurociência tem surgido alguns desdobramentos interessantes como, por exemplo, a pesquisa clínica em psicanálise com pacientes neurológicos. Em artigo onde expõem o desenvolvimento desta pesquisa, Sollero-de-Campos e Winograd ressaltam a especificidade do manejo clínico de pacientes com lesões cerebrais, pois para além dos aspectos neurológicos e cognitivos, a clínica destes casos envolve também aspectos sensoriais, psíquicos, intersubjetivos e sociais. As autoras sugerem a importância de buscar integrar, entre outras coisas, “tanto a construção de um *setting* empático quanto o conhecimento da vida pré-acidente do indivíduo” (Sollero-de-Campos&Winograd, 2012, p. 121, *grifado no original*).

Outro grupo de autores, mais do que interesse no diálogo, está envolvido no projeto de integração dos modelos psicanalítico e neurocientífico, por ver no desenvolvimento das recentes pesquisas do campo neurocientífico a possibilidade de superar alguns dos impasses e limitações da psicanálise, seja do ponto de vista teórico-conceitual, metodológico ou clínico e, ainda, a retomada do *Projeto* freudiano, hoje em dia viável por conta dos avanços tecnológicos que permitiram o estudo da atividade cerebral em organismos vivos, sendo possível aprender sobre suas propriedades, moléculas, células e sistemas, ampliando o entendimento sobre as funções do cérebro e, conseqüentemente, sobre o funcionamento da mente (Sollero-de-Campos, 2001, Rose, 2005).

Entre as diferentes iniciativas de integração psicanálise e neurociências, destacamos o movimento neuropsicanalítico, iniciado na virada do século XX para o século XXI. O movimento conta, hoje em dia, com diferentes grupos de pesquisa espalhados por diversas cidades, em diferentes continentes, com destaque para as atividades do grupo americano de Nova Iorque e do grupo de pesquisa de Londres, onde o movimento tem a sua sede, a Sociedade Internacional de Neuropsicanálise (NPSA). Um dos nomes de maior projeção internacional do movimento é o do psicanalista e neurocientista sulafricano Mark Solms, atual copresidente da NPSA, ao lado do também neurocientista Jaak Panksepp. Há algumas décadas, Solms defende a idéia de integração das duas abordagens através do método de correlação anatomoclínico de Aleksandr Romanovich Luria, a que este chamou de abordagem em neurologia dinâmica. Mas o próprio Solms

reconhece que esta não é, e nem deve ser, a única maneira de buscarmos a desejável aproximação, e afirma: “um enorme esforço científico se coloca diante de nós; então, não preciso dizer que, quanto maior o número de pessoas dentre nós que aderirem a esse projeto, tanto melhor” (Kaplan-Solms & Solms, 2004, p. 42).

Na última década, os projetos de integração entre a psicanálise e as neurociências passaram a interessar também alguns filósofos, como Slavoj Žižek e Adrian Johnston, que entraram no debate discutindo criticamente a obra de autores como Damásio, Panksepp e LeDoux. Adrian Johnston argumenta em favor de uma reconciliação da psicanálise com as ciências da vida em geral, permitindo modificações mútuas em ambas as disciplinas, numa delicada calibragem que envolva as dimensões teóricas e empíricas (Johnston, 2010a, 2010b).

Mas por que o cérebro?

A idéia de que o cérebro é o órgão responsável pelo funcionamento da mente teve muitos adeptos ao longo da história da medicina, mas um relativo consenso a respeito do tema só veio a se confirmar a partir de meados do século XVII (Bezerra Jr., 2013, p.78, grifado no original), a partir de observações clínicas, de casos em que traumas localizados na cabeça causavam alterações na mente dos indivíduos, tais como comprometimento da memória, alterações da personalidade e da expressão das emoções, limitações na racionalidade, entre outras. Ao longo da história, muitos casos se tornaram famosos e contribuíram para a aceitação de que lesões cerebrais seriam as responsáveis por alterações mentais e de funções psicológicas. Um em particular se tornou célebre, pelas próprias condições do acidente, a repercussão do acontecido, mas, principalmente, por ter sido revisitado, há cerca de duas décadas, pelo neurocientista português António Damásio, em seu *best seller O erro de Descartes: o caso Phineas Gage*.

No ano de 1848, na Nova Inglaterra, o empregado da construção civil Phineas Gage, à época com 25 anos, envolveu-se num acidente grave e surpreendente durante as obras para a construção de uma estrada de ferro na região. Após a explosão para a fixação dos trilhos na rocha, o vergalhão, numa trajetória inesperada, foi arremessado a uma distância de trinta metros do local onde havia sido preparado. Antes, porém, a barra de ferro atravessou a parte

anterior do cérebro de Gage, do lado esquerdo da área frontal (Damásio, 1994, Solms & Turnbull, 2002). A história causou assombro entre os colegas de Gage, a comunidade médica e os jornais locais. Apesar de ter perdido sangue e uma porção de seu cérebro, Phineas Gage permaneceu consciente e, minutos depois, foi capaz de pronunciar as primeiras palavras. John Harlow foi primeiro médico a atender Gage depois do acidente e encarregado de acompanhá-lo durante sua recuperação. Contrariando todas as possibilidades de sobrevivência, em menos de dois meses, Gage foi declarado curado (a única seqüela física foi a perda da visão no olho esquerdo). Porém, Harlow relatou também significativas mudanças na personalidade de seu paciente. De uma pessoa responsável, confiável, de hábitos moderados, que gozava da admiração dos colegas, Gage se transformou num tipo irreverente, indisciplinado, sem respeito por certas convenções sociais e, por vezes, passou a se utilizar de um linguajar inapropriado e obsceno. A constatação de seu médico e de todos que o conheciam desde antes do acidente era de que “Gage já não era mais Gage” (idem).

Importante destacar que, naquela época,

o diagnóstico de doenças internas era baseado no exame de sinais e sintomas que indiretamente informavam sobre o funcionamento do organismo. Por causa da ausência de instrumentos que permitissem a inspeção do interior do organismo, só se chegava a uma certeza diagnóstica quando ela já não era mais necessária – com o laudo *post mortem* do anatomopatologista. (Bezerra Jr., 2013, p.79, grifado no original).

Ao longo da segunda metade do século XIX, a correlação entre as observações clínicas e as alterações somáticas na necropsia (o método anatomoclínico) permitiu o desenvolvimento da neurologia e a consistência dos diagnósticos em medicina, tornando possível a associação das alterações mentais com lesões cerebrais e, assim, inferir a localização cerebral das funções mentais (Bezerra Jr, 2013). Em 1861, o médico francês Pierre Broca identificou uma lesão no hemisfério cerebral esquerdo em um de seus pacientes com afasia, provocada pela sífilis. Eugène Leborgne, ou simplesmente “Tan”, como ficou conhecido este paciente - por ter se tornado o único som que conseguia produzir com o agravamento de sua doença –, perdeu a capacidade de pronunciar palavras, embora pudesse compreendê-las (Bezerra Jr, 2013, Solms & Turnbull, 2002). Com a análise de dados de outros casos semelhantes, em que pacientes perderam a

capacidade de usar as palavras, essa pequena parte do lobo frontal esquerdo “ficou conhecida como área de Broca, ou área motora da linguagem, cuja destruição provoca a chamada afasia motora” (Bezerra Jr, 2013, p. 81). Poucos anos depois de Broca, foi a vez de Karl Wernicke identificar em outra região do córtex cerebral outro tipo de afasia, desta vez sensorial, em que os pacientes eram capazes de proferir as palavras, contudo, estavam impedidos de compreendê-las. A essa área deu-se o nome de área de Wernicke. Outros neurologistas nesta época estavam empenhados em fazer essas correlações com outras funções mentais, tais como o reconhecimento de objetos, a capacidade de realizar as operações de cálculos, e assim por diante. A tarefa de tentar estabelecer diferentes regiões cerebrais com a particularidade de certas funções mentais ficou conhecida como *localizacionismo*.

O localizacionismo foi um movimento importante na neurologia da segunda metade do século XIX, mas não o único. Havia aqueles que discordavam desta proposta, como os defensores do *equipotencialismo*. Solms e Turnbull afirmam que para os partidários desta abordagem alternativa, não importava tanto onde o cérebro foi afetado, mas quanto. Sendo assim, argumentavam que quanto maior o dano cerebral, maior seria o dano à *mente*. Outra divisão no campo neurológico desta época era a rivalidade entre as escolas francesa e alemã. Enquanto a escola francesa dava ênfase sobre o aspecto clínico da equação anatomoclínica, a ênfase da escola alemã recaía sobre o lado anatômico da equação. Para os franceses, principalmente Jean-Martin Charcot e o grupo do *Hospice de la Salpêtrière*, “a tarefa primária da ciência neurológica não era tanto explicar os vários casos clínicos, e sim identificá-los, classificá-los e descrevê-los” (Kaplan-Solms & Solms, 2004, p. 19). Já para a escola alemã, o objetivo dos estudos neurológicos “não era simplesmente reconhecer que síndromes se correlacionam com quais lesões mas, sim, explicar o mecanismo dos fenômenos clínicos – e, portanto, das funções mentais correspondentes – em termos anatômicos e fisiológicos” (idem). Kaplan-Solms e Solms reconhecem que ambas as escolas se complementavam na maioria das doenças em neurologia, porém, no caso das neuroses, em geral, e da histeria, em particular, as diferenças se apresentavam de maneira mais emblemática. Pois, sem uma lesão anatômica identificável, a neurose se tornava um problema para os alemães, ou até mesmo uma doença “inexistente”, enquanto que para a escola francesa, a histeria não

diferia tanto assim das outras doenças “nervosas”, pois o foco estava na descrição da síndrome clínica e em sua terapêutica. Um personagem com trajetória singular no meio dessa história foi, justamente, Freud, como veremos a seguir.

Freud e as Neurociências

Como dissemos na introdução deste capítulo, as diferentes abordagens a respeito do diálogo entre psicanálise e neurociências encontram os argumentos para a legitimação de seus posicionamentos na obra freudiana. Reconhecemos a legitimidade dos três projetos e a maneira como consideram mais interessante dar continuidade ao que entendem ser o legado de Freud. Mais do que a busca de eliminação de alguma delas, em favor do triunfo de uma ou duas propostas, também acreditamos que a convivência entre os diferentes grupos e a tensão estabelecida entre eles são extremamente estimulantes e capazes de ajudarem no desenvolvimento do conhecimento. Reafirmamos o compromisso e a posição dos autores que buscam garantir a pluralidade dos discursos e das diferentes formas de investigação no meio acadêmico.

A seguir, procuraremos destacar nos textos de Freud elementos e passagens que forneçam a legitimidade necessária para os objetivos deste trabalho, o de se inserir entre aqueles que consideram o diálogo entre as duas disciplinas desejável e que buscam a construção de modelos e métodos que permitam a integração psicanálise/neurociências.

Sigmund Freud nasceu em maio de 1856, em Freinberg, antiga cidade do Império Austríaco. Aos 4 anos de idade, mudou-se com a família para Viena, onde fixou residência até o ano de 1938. Para os estudiosos da biografia de Freud, suas experiências familiares e pessoais, além da vida sócio-política de Viena, foram decisivas para a construção do seu pensamento (Perestrello, 1996). Formou-se médico e especializou-se em neurologia, num meio acadêmico “marcado por uma atmosfera de cientificismo positivista centrada nos postulados naturalistas” (Bezerra Jr, 2013, p. 82). De seus mestres, entre eles Helmholtz, Brücke, Meynert, Herbart, Freud adquiriu “a convicção de que os processos psíquicos não são de modo algum independentes dos processos fisiológicos do cérebro” (idem, p. 83).

Em 1885, Freud foi à Paris com o auxílio de uma bolsa de estudos. De outubro de 1885 a março de 1886, trabalhou no Salpêtrière, onde teve o contato científico e pessoal com Charcot, além do acesso a inúmeros casos clínicos de histeria e à técnica hipnótica (Freud, 1886). Na volta a Viena, Freud se dividiu entre o estudo da neurologia e da psicopatologia, ainda sob forte influência de Charcot. Anos depois, passou a trabalhar em parceria com o colega Josef Breuer, combinando a hipnose com o método catártico de Breuer no tratamento de pacientes histéricos. Aos poucos, porém, foi se afastando tanto das idéias de Charcot quanto das de Breuer, desenvolvendo uma produção teórica mais autoral e suas próprias inovações técnicas. Freud estava convencido da complexidade dos fenômenos psíquicos, de caráter dinâmico e natureza funcional específica, e acreditava ser necessário abandonar a busca por lesões anatômicas em regiões específicas do cérebro. Não por deixar de acreditar na base neural da vida psíquica, mas por considerar que as alterações mentais eram resultados de modificações fisiológicas dinâmicas do sistema nervoso. Muitos vêm nessa mudança do pensamento de Freud, a influência do neurologista inglês Hughlings Jackson, um dos precursores da neurologia dinâmica (Bezerra Jr, 2013, Solms & Turnbull, 2002, Winograd, 2013).

O primeiro esforço de Freud em produzir um modelo teórico para o funcionamento psíquico foi o texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, escrito em 1895 e nunca publicado pelo autor. Como é sabido por todos que estudam o desenvolvimento do movimento psicanalítico e a biografia de Freud, o texto tem um lugar controverso na história da obra freudiana. Na introdução do texto, o autor não deixa dúvidas sobre suas intenções:

A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco. (Freud, 1950[1895], p. 395).

Embora alguns autores afirmem que o *Projeto* foi um último suspiro do Freud neurologista e de sua formação científica positivista (Garcia-Roza, 2001), devemos reconhecer que ele manteve essa convicção ao longo de sua vida. Pribram e Gill (1976) chegam mesmo a afirmar que o *Projeto* seria a *pedra de Roseta* da psicanálise, reconhecendo que a sua publicação, mais de dez anos depois da morte de Freud, transformou-se numa *descoberta arqueológica* que

permitiu a compreensão do desenvolvimento da metapsicologia através dos seus *hieróglifos*, na tradução da linguagem neuronal e anatômica para a psíquica. Mesmo depois de consolidada a psicanálise, em uma de suas últimas publicações - *Algumas Lições elementares em psicanálise* (1940[1938]) -, num trecho sobre a natureza do psíquico, Freud afirmou que “a psicanálise constitui uma parte da ciência mental da psicologia. (...) Também a psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser?” (Freud, 1940[1938], p.316-317).

Victor Manoel Andrade reforça a ideia de que isso, na verdade, nunca foi um problema para Freud. Em seu livro *Um diálogo entre a Psicanálise e a Neurociência* (2003), o autor comenta que a tarefa de apartar completamente a psicanálise de suas raízes biológicas foi de uma parte de seus seguidores, que assumiram como definitivos os conceitos psicológicos considerados *provisórios* por Freud. De acordo com Andrade, “esse distanciamento se radicalizou de tal maneira, que a maioria dos psicanalistas deixou de ver a psicanálise como ciência natural, havendo boa parte que passou até mesmo a repudiar a idéia de ser ela uma ciência” (Andrade, 2003, p. 20).

Ao longo de toda sua obra, principalmente em alguns momentos-chave, onde discutiu a teoria psicanalítica, Freud fez questão de sublinhar essa relação. Em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) advertiu que

devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. (...) Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituímos as substâncias químicas por forças psíquicas especiais (Freud, 1914, p. 95).

Pouco depois, no texto sobre *O Inconsciente*, nos *Artigos sobre Metapsicologia* (1915), disse:

a pesquisa nos tem fornecido provas irrefutáveis de que a atividade mental está vinculada à função do cérebro como a nenhum outro órgão. Avançamos – não sabemos até que ponto – com a descoberta da importância desigual das diferentes partes do cérebro e de suas relações especiais com partes específicas do corpo e com atividades mentais específicas. Mas todas as tentativas para, a partir disso, descobrir uma localização dos processos mentais, todos os esforços para conceber idéias armazenadas em células nervosas e excitações que percorrem as fibras nervosas, têm fracassado redondamente. O mesmo fim aguardaria qualquer teoria que tentasse reconhecer, digamos, a posição anatômica do sistema Cs. – atividade mental consciente – como estando situada no córtex, e localizar os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro. Verifica-se aqui um hiato que, por enquanto, não pode ser preenchido, e não constitui tarefa da psicologia preenchê-lo. Nossa topografia psíquica, *no momento*, nada tem a ver com a

anatomia; refere-se não a localidades anatômicas, mas a regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam situadas no corpo (Freud, 1915, p.200-201, grifado no original).

E, ainda, em *Além do Princípio do Prazer* (1920):

a biologia é, verdadeiramente uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de *anos*, às questões que lhe formulamos. Poderão ser do tipo que ponham por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses (Freud, 1920, p. 81, grifado no original).

Em *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]), referindo-se à terapia psicanalítica e sobre as limitações do tratamento, realizou uma *profecia* indiscutivelmente atual:

O futuro pode ensinar-nos a exercer influência direta, através de substâncias químicas específicas, nas quantidades de energia e na sua distribuição no aparelho mental. Pode ser que existam outras possibilidades ainda não imaginadas de terapia. De momento, porém, nada temos de melhor à nossa disposição do que a técnica da psicanálise, e, por essa razão, apesar de suas limitações, ela não deve ser menosprezada (Freud, (1940[1938]), p.210).

Como forma de minimizar essas inquestionáveis afirmações de Freud, os defensores da proposta de que a psicanálise deve permanecer afastada da ciência, da biologia e/ou das neurociências e, assim, desconsiderar toda e qualquer referência ao organismo, vêm nestas declarações de Freud concessões necessárias, na tentativa de buscar maior aceitação da psicanálise pela comunidade científica de sua época. Outros, ao contrário, insistem em afirmar que Freud só não foi adiante em seu *Projeto*, pela inconsistência dos métodos e do conhecimento da neurologia de seu tempo. Voltamos a afirmar que, ao longo da vasta e complexa obra freudiana, diferentes posicionamentos podem ser captados, dando legitimidade a cada uma das abordagens citadas acima.

E, como Freud não está mais entre nós para se defender e assumir posição entre os diferentes grupos, consideramos essa discussão, neste ponto específico, pouco interessante. Particularmente, acredito que se Freud ainda fosse vivo estaria bastante interessado nesse diálogo. Mas isso não vem ao caso, porque, afinal, não temos como garantir com segurança quem está *certo*.

A verdade é que, definitivamente, não julgamos ser necessário buscar legitimidade na obra de Freud para nosso projeto. Há muito tempo, seu trabalho já

se tornou de domínio público, possibilitando o desenvolvimento e a articulação da psicanálise com diversos campos do saber, como a filosofia, as ciências humanas e sociais e, agora, com as neurociências (por que não?). Acreditamos que já reunimos motivos suficientes para prosseguir com a ideia de buscar aproximações entre psicanálise e neurociências, com a possibilidade de, no futuro, poderem se reconciliar e se integrar em uma abordagem alternativa às duas tradições, entre tantas outras possíveis abordagens.

Reconciliando as duas abordagens

De acordo com Solms e Turnbull, ao longo do século XX, o estudo da vida mental pode ser considerado como o objetivo e o tema central da psicanálise. Com os avanços nas pesquisas e o desenvolvimento de novas tecnologias e metodologias nas últimas décadas, esse passou a ser também um tema de interesse das neurociências. Ainda segundo os autores, ao criar a psicanálise (e, principalmente, pelo sucesso obtido com sua criação), Freud foi um dos responsáveis por termos hoje em dia dois campos interessados no mesmo estudo da mente, a abordagem “subjetiva” da psicanálise e a abordagem “objetiva” das neurociências.

Se por um lado, a psicanálise ainda representa a mais coerente e satisfatória visão que temos sobre o funcionamento da mente, como salientou Kandel (1999), por outro lado, as descobertas obtidas com as pesquisas neurocientíficas têm se revelado fascinantes para aqueles que têm o interesse voltado para temas como a memória, os sonhos, as emoções e os processos inconscientes. Eis o porquê de considerarem o momento histórico em que vivemos como uma grande oportunidade para se investir na reconciliação das duas abordagens, com o lucro sendo dividido para os dois lados. Porém, reconhecem que a tarefa de superar o preconceito e a desconfiança que separam os dois grupos não é fácil.

A neuropsicóloga Aikaterini Fotopoulou, uma das organizadoras do livro *From the Couch to the Lab*, lançado em 2012, também identifica que uma das condições necessárias para promover o intercâmbio de idéias entre psicologia, neurociências e psicanálise é o de, primeiro, mitigar preconceitos profissionais e, a partir daí, conseguir estabelecer um diálogo respeitoso e construtivo entre os

campos envolvidos, *sem a imposição de um acordo, nem exclusão da diferença*. Fotopoulou organiza há mais de dois anos uma série de seminários mensais em Londres onde a proposta principal é a de tentar clarear a compreensão interdisciplinar de conceitos centrais dentro de cada campo, e também entre eles (Fotopoulou, 2012). Tive a oportunidade de participar de alguns desses encontros em Londres, entre 2013 e 2014, e pude constatar como essa tarefa é difícil. Pois, mesmo nesses ambientes e encontros, onde poderíamos esperar encontrar a simpatia dos participantes em relação à perspectiva de diálogo e integração entre os dois campos, constatamos a presença de vozes dissonantes e contrárias ao esforço da interlocução. No Brasil também contamos com iniciativas dessa natureza, como o ciclo de conferências sobre Psicanálise e Neurociências promovido pelo Grupo Verde da cidade de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. E aqui também pude testemunhar a dificuldade de efetivar o diálogo. Mas, não nos deixemos enganar, para além das iniciativas de domar o desdém, o desinteresse e as atitudes pouco amistosas, é também necessário reconhecer que estamos diante de importantes questões metodológicas e epistemológicas, sobre as quais, outros antes de nós se debruçaram na tentativa de superá-las (Solms & Turnbull, 2002, Fotopoulou, 2012).

Esse é um dos pontos abordados por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, em *A Nova Aliança: metamorfose da ciência* (1997), sobre a necessidade de desfazer as compartimentações disciplinares e os preconceitos construídos. Para Prigogine e Stengers, a ciência deve sempre permanecer aberta à experimentação e à inovação, na busca ativa de comunicações inéditas entre os saberes, na produção de novas alianças “desde sempre firmadas, durante muito tempo ignoradas, entre a história dos homens, de suas sociedades, de seus saberes e a aventura exploradora da natureza” (Prigogine & Stengers, 1997, p. 226). De modo semelhante, Edgar Morin afirma a proposta do seu pensamento complexo a partir da relação de inseparabilidade de todo acontecimento, informação ou conhecimento com o ambiente (natural, social, cultural, político, econômico) que o cerca, e da busca de *inter-retro-ações* entre fenômeno e contexto, da reciprocidade todo-partes. Para Morin “o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento” (Morin, 2004, p.25).

O problema mente-corpo entre a psicanálise e as neurociências

Seguindo o caminho que trilhamos até aqui, a pergunta a ser respondida é: como o cérebro, então, *produz* a mente? Ou ainda, de que maneira essa experiência de sermos nós mesmos no mundo nesse exato momento tem relação com o nosso cérebro? Como isso acontece? “Como a matéria se transforma em mente” (Solms & Turnbull, 2002, p. 45)? Essa é a questão-chave, razão da inquietação de muitas gerações, que atravessa o pensamento ocidental desde a antiguidade grega (quicá, antes ainda) até os dias atuais (Marcondes, 1996, Xavier, 2012, Pessoa Jr, 2013). Na história das sociedades humanas ocidentais, muitas respostas foram dadas, por vezes, com posições diametralmente opostas. E, dependendo do domínio disciplinar, essa discussão pode tomar formas e composições muito diferentes. Como, por exemplo, o confronto entre teses *reducionistas* e *emergentistas* na filosofia, na matemática, na física ou na biologia.

Lembramos, porém, que nosso interesse aqui é apenas o de tentar situar essa discussão em torno do problema mente e corpo em nossa proposta. E o fazemos de dentro do campo psicológico (na sua dimensão clínica e teórica), abrindo a discussão para os outros campos, principalmente, com as neurociências. Em nosso trabalho, essa discussão tem um caráter introdutório, sem definições deterministas que excluam a possibilidade de se rever a posição adotada futuramente, mas consideramos necessário não perdê-la de vista em nenhum momento quando o debate envolvendo a aproximação entre psicanálise e neurociência estiver sendo levantado, visto que, a todo instante, o que se coloca em questão é *como* devemos conceber a relação mente e corpo. E, não por acaso, os autores que tomamos para conduzir a discussão em torno do diálogo entre as duas disciplinas sempre destacam essa questão em seus estudos.

Solms e Turnbull passeiam pela história das correntes em filosofia da mente, identificando as diferentes abordagens nas tentativas de solução do problema, discutindo resumidamente cada um de seus argumentos centrais (Solms & Turnbull, 2002). No artigo *O diálogo entre psicanálise e neurociências: o que nos diz a filosofia da mente?*, Cheniaux e Lyra (2014) também discutem a posição de cada uma das correntes, porém, de modo um pouco diferente. A seguir, faremos um recorte desta ampla discussão destacando aquilo que nos parece ser

mais relevante para o nosso trabalho, seguindo, em parte, roteiro da contribuição destes autores.

Na primeira divisão, entre dois pontos de vista opostos na filosofia – de materialistas e idealistas -, os autores definem a corrente materialista como uma posição que defende a idéia de que tudo é, em última instância, reduzível à matéria. Nesse caso, a ‘mente’ seria uma ‘ilusão’, ou considerada apenas como um aspecto, ou função, da matéria (seja o cérebro ou o corpo, nesse caso). Do outro lado, atribuem à corrente idealista a consideração de que tudo o que realmente existe é a mente e os produtos dos nossos processos mentais. Ou, como nos diz Marcondes, para os idealistas, “a única realidade de fato capaz de ser conhecida é o pensamento, o mundo interior, sendo que tudo o mais é conhecido através dele” (Marcondes, 1996, p. 177). Solms e Turnbull, ambos partidários da ciência cognitiva atual, rechaçam a posição idealista, porém, acatam com cuidado a visão materialista, pois, como dizem, “materialistas vêm em diferentes formas e tamanhos” (Solms & Turnbull, 2002, p.51). E podemos dizer isto também de monistas, dualistas e de todos os outros *istas e ismos*.

Outra dicotomia, tão fundamental quanto a primeira, é aquela que opõe o monismo ao dualismo. De forma bastante didática, Cheniaux e Lyra constroem um quadro com as principais correntes em filosofia da mente, separando-as entre monistas de substância e dualistas de substância. No primeiro grupo, o dos monistas, encontram-se, entre outros, o materialismo redutivo ou fisicalismo, o materialismo eliminativista, e o emergentismo. Já no grupo dos dualistas, os autores destacam o interacionismo, o paralelismo psicofísico e o epifenomenalismo (Cheniaux & Lyra, 2014).

Em linhas gerais, podemos dizer que a visão dualista advoga em favor da idéia de que mente e corpo são duas *substâncias* distintas. Esta visão é muito frequentemente associada ao nome de René Descartes, filósofo do século XVII, referência para o pensamento moderno e de grande penetração na ciência ocidental. Para Descartes, a mente humana seria uma substância, sem extensão espacial ou materialidade física. Assim, o *Eu* cartesiano estaria mantido num isolamento em relação ao mundo externo e ao próprio corpo, podendo até mesmo sobreviver à morte do corpo. Em *As paixões da Alma*, Descartes afirma: “pelo fato de não reputarmos que o corpo pense de alguma maneira, temos motivo para acreditar que toda sorte de pensamento em nós existente pertence à alma”

(Descartes, 1999, p.). Como sabemos, essa perspectiva não encontra muitos adeptos hoje em dia nos ambientes científicos e acadêmicos, mas Damásio ressalta que, “apesar de suas limitações científicas, a perspectiva identificada com Descartes corresponde bem à admiração e ao espanto que, justificadamente, temos pela nossa mente” (Damásio, 2003, p. 199), pelas características especiais atribuídas a ela, como nossa capacidade de sentir dor e prazer, amar e perdoar, memorizar, simbolizar, e pelo ‘dom’ da linguagem, da narrativa, na compreensão do universo e na produção do conhecimento e de cultura (idem).

Já para a visão monista, normalmente associada a outro filósofo do século XVII, Baruch de Espinoza, mente e corpo (matéria) são uma única e mesma substância, indefinida, característica específica que serve justamente para dissolver essa distinção. Portanto, para Espinoza, é evidente a união entre mente e corpo. Mas o que ele aponta é para a necessidade de estabelecer a compreensão de *como* se dá essa união, e para esse objetivo é fundamental se interrogar sobre as potencialidades do corpo (Espinoza, 2008).

Solms e Turnbull também comentam as outras perspectivas, como reducionismo, interacionismo e paralelismo. De modo um tanto simplificado, descrevem-nas da seguinte maneira: na visão reducionista, não importa tanto a posição adotada, senão a sua ênfase em cada proposta, no sentido de *reduzir* um problema tão complexo como algo *simplesmente* físico, ou *nada mais do que* psíquico, como por exemplo, no provocativo comentário do ganhador do prêmio Nobel, Francis Crick, aventando a hipótese de que nós mesmos, nossas alegrias, tristezas, memórias, ambições, nosso “senso de identidade pessoal e livre-arbítrio são, de fato, nada mais do que o comportamento de uma vasta assembléia de células nervosas e suas associações moleculares” (Crick, 1994, p.3). Cabe destacar que Solms e Turnbull descrevem o reducionismo mais como uma postura do que como uma corrente em filosofia da mente, ao contrário de Cheniaux e Lyra, que o identificam como uma das correntes monistas, o reducionismo materialista ou fisicalismo (Cheniaux & Lyra, 2014).

Para os interacionistas, embora corpo e mente sejam considerados substâncias separadas, elas podem se afetar mutuamente. Assim, tanto os eventos físicos podem gerar efeitos psíquicos, quanto os eventos psíquicos podem gerar efeitos físicos. Considero que essa seja, talvez, a forma mais comum das pessoas responderem a essa questão entre mente e corpo. O perigo está na forma como

eles a descrevem, pois, facilmente podemos ser levados a uma concepção dualista deste ponto de vista, ou ainda de uma causalidade implícita. Outra variedade de dualismo, de acordo com os autores, é o paralelismo (consagrado na expressão paralelismo psicofísico). Baseados nesta idéia, seus defensores se protegem dos riscos da relação de causalidade, sugerindo que as séries de fenômenos físicos e psíquicos ocorrem simultaneamente, paralelamente e numa correlação misteriosa. Dessa maneira, quando algo específico acontece no cérebro, alguma coisa igualmente específica ocorreria na mente, e vice e versa (Solms & Turnbull, 2002, Cheniaux & Lyra, 2014).

Solms e Turnbull destacam, ainda, outra visão, mais comumente aceita pelos cientistas cognitivos hoje em dia, a de que a mente é uma propriedade emergente do cérebro. Ambos são igualmente *reais*, porém, existem em diferentes níveis de complexidade. Assim, o fenômeno mental emergiria de uma atividade particular do cérebro humano. Em artigo sobre o paradigma da emergência, Remy Lestienne (2013a) apresenta a máxima aristotélica de que *o todo é maior do que a soma de suas partes* como um lema do ideário emergentista. Porém, destaca a contribuição posterior de George Henry Lewes e Conwy Llord Morgan que acrescentaram dois pontos importantes para o desenvolvimento metodológico desta corrente. O primeiro está em compreender a natureza caracterizada “por construções em níveis sucessivos diferenciados, de complexidade crescente” (2013a, p.20). Já o segundo se refere a reconhecer que, em muitos destes níveis, existe a possibilidade de aparecerem estruturas e propriedades novas (as propriedades emergentes), “que não podem ser antecipadas pela consideração dos elementos presentes no nível inferior e suas interações” (idem). Em seu livro *Evolução Emergente* (1932), Morgan afirma:

Eu acredito em um mundo físico que está na base da pirâmide e que está envolvido em todos os níveis superiores; eu acredito que em todos os níveis da pirâmide há atributos correlacionados a estes níveis e que existe um processo de evolução psicofísico emergente; e eu acredito que esse processo é a manifestação de uma atividade espaço-temporal imanente que é a fonte última desses fenômenos interpretados pelo naturalismo evolucionário (Morgan, 1923, p.309).

Assim, a explicação do nível superior não pode ser definida, ou reduzida, à explicação do fenômeno a partir do nível inferior. No caso da relação mente e corpo, por exemplo, seria um erro afirmar o nível psicológico a partir da descrição

objetiva da atividade neuronal, embora eles estejam evidentemente correlacionados. Para Osvaldo Pessoa Jr. (2013), a concepção emergentista na filosofia da mente oferece a possibilidade de conciliar o materialismo com o não reducionismo. Cheniaux e Lyra (2014) vão além, ao afirmarem que somente o emergentismo é compatível com uma visão capaz de promover a aproximação entre as abordagens psicanalíticas e neurocientíficas.

Embora não endossem totalmente essa posição, Solms e Turnbull demonstram certa simpatia com a idéia de uma propriedade emergente, até porque sua articulação com a posição que eles parecem assumir é mais fácil, da forma como entendemos o problema. Trata-se da visão conhecida como monismo de duplo aspecto. De acordo com esta abordagem, corpo e mente são considerados uma mesma substância, porém, percebidas de duas maneiras distintas. O que, segundo os autores, implica admitir que o *corpo* (ou o cérebro) tem uma aparência *física* quando visto *de fora*, enquanto a *mente* vista *de dentro*, na perspectiva da primeira pessoa, é uma *experiência subjetiva* (idem). Descrever a relação mente e corpo nesses termos não soluciona inteiramente o problema, mas traz alguns novos elementos interessantes para a discussão.

Nas trincheiras atuais da neurociência, esse problema teria duas frentes, de acordo com Solms e Turnbull sobre a assertiva de David Chalmers: uma mais *fácil*, outra mais *difícil*. A primeira seria identificar e detalhar todos os mecanismos neuronais no cérebro, determinando onde eles ocorrem e correlacioná-los com os diferentes aspectos do funcionamento mental, como a consciência, a memória, os sonhos, as emoções. Esse é o lado fácil do problema, pois é o que as pesquisas em neurociência vêm desenvolvendo, e com certo êxito. Mas outra coisa bastante diferente é responder às perguntas que fizemos anteriormente, no início desta seção, sobre como esses aspectos do funcionamento mental *emergem* da matéria cérebro (ou corpo), ou ainda, como as associações moleculares das assembléias de células nervosas se *transformam* na experiência subjetiva de alegrias, tristezas, memórias e ambições. Essa é ainda uma questão difícil para as (neuro)ciências e, para muitos, um limite para o nosso conhecimento, um problema insolúvel por princípio. Portanto, mais uma vez insistimos com a idéia de que não deve haver posicionamentos certos ou errados, mas sim, diferentes estratégias epistemológicas e metodológicas para lidar com o *problema*.

O problema mente e corpo em Freud

Antes de prosseguir, gostaríamos de retornar a Freud para esmiuçar a questão relacionada ao problema mente e corpo em sua obra. Para isso, recorreremos ao minucioso trabalho de Winograd (2013) sobre o tema, nos textos freudianos anteriores ao texto *A Interpretação dos Sonhos* (1900), onde a autora conclui:

Para Freud, somente uma coisa era certa: as cadeias material e psíquica são concomitantes dependentes, paralelas e de ação recíproca. Quaisquer afirmações sobre o modo como se dá essa conexão entre elas eram – e até hoje ainda parecem ser – apenas hipóteses (Winograd, 2013, p. 52).

Essa afirmação se faz a partir da análise de textos como *Histeria* (1888), *Tratamento Psíquico* (1890) e *Contribuição a concepção das afasias* (1891), onde Freud comenta, por exemplo, que

a histeria é uma anomalia do sistema nervoso baseada numa distribuição diferente das excitações, provavelmente com formação de um excedente de estímulo dentro do órgão anímico. Sua sintomatologia mostra que esse excedente de estímulo é distribuído por representações conscientes e inconscientes. Tudo quanto varie a distribuição das excitações dentro do sistema nervoso é capaz de curar perturbações histéricas; tais intervenções são em parte de natureza física, em parte de natureza psíquica (Freud, 1888, p.62-63).

Dois anos depois, em uma passagem igualmente clara e reveladora, afirma:

É verdade que a medicina moderna teve ocasião suficiente de estudar os nexos entre o corporal e o anímico, nexos cuja existência é inegável; mas, em nenhum caso, deixou de apresentar o anímico como comandado pelo corporal e dependente dele. Destacou, assim, que as operações anímicas supõem um cérebro bem nutrido e de desenvolvimento normal (...) A relação entre o corporal e o anímico (no animal, tanto quanto no homem) é de ação recíproca; mas, no passado, o outro flanco desta relação, a ação do anímico sobre o corpo, encontrou pouca honra aos olhos dos médicos. Pareciam temer que, se concedessem certa autonomia à vida anímica, deixariam de pisar o terreno seguro da ciência (Freud, 1890, p.116).

E, finalmente, no artigo sobre as afasias, no ano seguinte, escreve:

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não se encontra provavelmente, numa relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não se interrompem ao iniciarem-se os processos psíquicos. Ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que a partir de um certo momento, um fenômeno psíquico corresponde a um ou mais de seus elos. O

processo psíquico é, assim, paralelo ao processo fisiológico ('a dependent concomitant') (Freud, 1891, p. 105).

Consideramos necessário passar em revista esse tema, por acreditarmos ser ele central para o nosso trabalho. Quando tomamos essa discussão como dada, ou negligenciamos alguns de seus aspectos mais sutis, abrimos caminho para uma boa dose de confusão, e é isso, justamente, o que queremos evitar. Como afirmam Prigogine e Stengers, no desenvolvimento das ciências, as questões abandonadas ou negadas, ou ainda, os problemas aparentemente resolvidos, ressurgem em uma paisagem intelectual transformada, em contextos histórico-teóricos distintos, renovam-se e tornam a insistir com as novas interseções entre as disciplinas (Prigogine & Stengers, 1997).

Não pretendemos entrar na discussão se devemos identificar Freud como um autor monista ou dualista, até mesmo porque ele não parecia estar inclinado a se envolver de modo aprofundado nesse tema. E, ainda, porque etiquetá-lo como um autor com cada um desses rótulos é, sem dúvida, reduzir a riqueza e a complexidade de sua obra (Cândido, 2003, Winograd, 2004). Mas o que buscamos identificar é que a idéia de uma ação recíproca na relação entre corpo e mente pode favorecer leituras e interpretações que concebem a *independência* dos processos psíquicos, até mesmo em contradição com a biologia, o que nos parece um grande equívoco (Cheniaux et al., 2011). Pois, dependendo da maneira como são apresentadas e trabalhadas, podem sugerir um flerte com um tipo de visão dualista. O que Freud não se cansou de afirmar foi a sua convicção sobre processos psíquicos inconscientes, insistindo em não equivaler sua compreensão sobre os fenômenos psíquicos à consciência (Freud, 1914, 1933[1932]). Mesmo sendo um processo paralelo, concomitante e dependente, essa idéia abre espaço para certa autonomia dos fatores psíquicos em sua manifestação e, principalmente, no seu *retorno* ao processo fisiológico. Mas como dissemos, isso não resolve o problema, apenas recoloca a questão sobre *como* devemos compreender a relação mente e corpo.

Pois, se quisermos trabalhar com a perspectiva de aproximação entre psicanálise e neurociências, julgamos fundamental romper com todo e qualquer resquício dualista na explicação do problema mente e corpo. Ou, como nos diz Damásio (2003), "para chegar a uma solução, mesmo a uma solução parcial, é

necessário mudar a perspectiva. (...) Mudar a perspectiva, por si só, não vai resolver o problema, mas duvido que se encontre a solução se não mudarmos de perspectiva” (Damásio, 2003, p 201-202).

Assim, o reconhecimento da importância do *cérebro* no funcionamento da *mente* tornou-se obrigatório para nosso trabalho. Porém, é necessário também não perdermos de vista a importância do corpo como um todo, ou do indivíduo em sua totalidade, para não incorreremos no erro de elidir das nossas considerações aspectos que podem se mostrar relevantes no futuro. A esse respeito, aproveito para invocar, mais uma vez, uma citação de Damásio, de 1996, que me parece bastante pertinente para esse ponto em especial e que retomaremos mais adiante:

Pode parecer exagero sugerir que a mente depende das interações cérebro-corpo em termos de biologia evolutiva, ontogenia (desenvolvimento individual) e funcionamento atual. Mas o leitor não deve desanimar. O que estou sugerindo é que a mente surge da atividade nos circuitos neurais, sem sombra de dúvida, mas muitos desses circuitos são configurados durante a evolução por requisitos funcionais do organismo. Só poderá haver uma mente normal se esses circuitos contiverem representações básicas do organismo e se continuarem a monitorar os estados do organismo em ação. Em suma, os circuitos neurais representam o organismo continuamente, à medida que é perturbado pelos estímulos do meio ambiente físico e sociocultural, e à medida que atua sobre esse meio. Se o tema básico dessas representações não fosse um organismo ancorado no corpo, é possível que tivéssemos alguma mente, mas duvido de que fosse a mente que agora temos. Não estou afirmando que a mente se encontra no corpo. Mas que o corpo contribui para o cérebro com mais do que a manutenção da vida e com mais do que efeitos modulatórios. Contribui com o conteúdo essencial para o funcionamento da mente normal (Damásio, 1996, p. 256-257).

Nessa passagem, Damásio chama a atenção para o perigo de focarmos nosso interesse apenas no cérebro e perdermos de vista o quadro geral da discussão, como os aspectos evolutivos, o corpo e os aspectos ambientais (não apenas físico, mas também sócio-cultural) e as experiências do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. Bezerra Jr. também critica essa postura reducionista e a identifica como sendo uma “*falácia mereológica* (atribuição a uma parte de uma entidade [o cérebro] de propriedades que dizem respeito à sua totalidade [o ser vivo])” (Bezerra Jr., 2013, grifado no original), principalmente quando não se trata de um descuido argumentativo, mas de uma fundamentação filosófica, comum a determinados setores das neurociências.

Alguns anos mais tarde, no livro *Em busca de Espinosa* (2003), Damásio buscou descrever sua perspectiva sobre o problema mente-corpo, articulando

certos achados de sua pesquisa com pacientes neurológicos com a temática das emoções e dos sentimentos, buscando conciliar uma formulação teórica com a realidade humana. Afirmando:

- que o corpo (o corpo-propriadamente-dito) e o cérebro formam um organismo integrado e interagem mutuamente através de projeções químicas e neurais. –que a atividade cerebral se destina primariamente a ajudar a regulação dos processos de vida do organismo, tanto através da coordenação interna das operações do corpo como pela coordenação das interações entre o organismo no seu todo e os aspectos físicos e sociais do ambiente. – que o resultado primário da atividade cerebral é a sobrevivência com bem-estar; e que um cérebro capaz de produzir um tal resultado primário pode também produzir outros resultados desde escrever poesias até desenhar naves espaciais. – que em organismos complexos como o nosso, as operações regulatórias do cérebro dependem da criação e da manipulação de imagens mentais (idéias ou pensamentos) num processo a que chamamos de mente. – que a percepção de objetos e situações, quer ocorram no interior do organismo ou no seu exterior, requer imagens. Exemplos de imagens relacionadas com o exterior incluem as imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas e gustativas. A dor e a náusea são exemplos de imagens do interior. Para ser capaz de responder a um estímulo, de forma automática ou deliberada, o organismo necessita de imagens. A capacidade de antever e planejar o futuro também requer imagens. – que a interface entre as atividades do corpo propriamente ditas e os padrões mentais a que chamamos imagens consiste em regiões cerebrais específicas que utilizam vários circuitos nervosos para construir padrões neurais dinâmicos e contínuos que correspondem às atividades do corpo, ou seja, que mapeiam essas atividades à medida que ocorrem. – que o mapeamento não é um processo passivo. As estruturas em que os mapas são formados têm influência no processo de mapeamento, contribuem para ele, resistem-no por vezes. Essas estruturas são influenciadas pelos sinais do corpo, como é evidente, mas também recebem influências de outras estruturas cerebrais. (Damásio, 2003, p. 205-206)

Sendo assim, a visão de Damásio, pela qual nutrimos grande simpatia, nos convida a considerar corpo, cérebro e mente como manifestações de um organismo vivo na sua relação com o ambiente, já que a mente emerge de um cérebro, que é parte integrante do organismo. Nossa proposta tem como objetivo o desafio de não ser reducionista e de buscar conciliar a experiência subjetiva (mente) com a matéria objetiva (corpo), tomando essa subjetividade não como “uma substância etérea, não material, e sim como primordialmente corporificada” (Serpa Jr., 2007, p. 13). Pois o cérebro não está num vaso, nem o organismo vivo no vácuo.

Integrando modelos

Uma possível futura integração entre psicanálise e neurociências não se trata de uma tarefa simples e, como já nos referimos anteriormente, no momento, não deve se resumir a um único modo de fazer surgir essa integração. A proposta metodológica de Mark Solms, com inspiração no modelo de Luria, a que se convencionou chamar de neuropsicanálise é uma delas (Kaplan-Solms & Solms, 2004). Outra proposta vem sendo desenvolvida por Aikaterini Fotopoulou, também a partir de estudos com pacientes neurológicos, realizando uma releitura de conceitos da metapsicologia psicanalítica com as pesquisas em neurociência cognitiva, um novo campo de investigação que a neuropsicóloga denomina *neurociência psicodinâmica* (Fotopoulou, 2012b).

Também em Londres, Karl Friston e seus colaboradores vêm desenvolvendo pesquisa sobre o paradigma do cérebro preditivo, na formulação de uma hipótese que possibilite descrever o funcionamento global do cérebro, incluindo a mente, a consciência e a percepção, em articulação com os conceitos freudianos de ego, id, processo primário, secundário e, ainda, o de *energia livre* (Carhart-Harris & Friston, 2012, Hopkins, 2012). De acordo com esse grupo de pesquisadores, devemos compreender o cérebro como um órgão de representação, não apenas dos objetos do mundo, mas também do *self* corporal. Essas representações são construídas a partir das experiências sensoriais e da experiência consciente, favorecendo uma avaliação dos estados atuais, mas também das ações (preditivas) futuras, intencionais. Os modelos de representações são usados pelo cérebro levando em consideração as necessidades e desejos do indivíduo, num processo contínuo, na tentativa de minimizar o erro de predição. Pois, nesse caso, o erro levaria a um aumento da energia livre (desprazer), obrigando o cérebro a ajustar suas hipóteses (gasto de energia) na construção de uma ação mais adequada, capaz de garantir a experiência de satisfação (prazer).

Já o neurocientista Jaak Panksepp investiga as bases neuronais das emoções em estudos comparativos entre humanos e outros animais, mamíferos principalmente, no campo que batizou de *neurociência afetiva* – com o objetivo de enfatizar a importância dos afetos nos processos cognitivos (Panksepp, 1998). Embora a pesquisa de Panksepp não tenha como objetivo a articulação entre

psicanálise e neurociências, os resultados de seus estudos trazem algumas importantes questões a serem lançadas para a teoria e a clínica psicanalítica. Não por acaso ele divide atualmente a coordenação da Sociedade Internacional de Neuropsicanálise com Mark Solms. Existem, ainda, grupos que estudam os efeitos mentais decorrentes do uso de substâncias psicoativas, entre tantas outras pesquisas (Solms & Turnbull, 2002). Consideramos bem-vindas todas essas iniciativas, por atuarem em conjunto no sentido de consolidar e desenvolver a integração entre as duas disciplinas. Porém, convém salientar que elas ainda se encontram incipientes e que existe um risco intrínseco dessas propostas de cometer mais um equívoco na busca desta aproximação: “o *erro categorial*- a atribuição de conceitos próprios de uma categoria (mental) a uma entidade, o cérebro, pertencente a outra categoria (física)” (Bezerra Jr, 2013, p. 191), tão comum em algumas leituras.

Acreditamos que o enfrentamento deste problema deve se dar pelo reexame das premissas que norteiam a teoria psicanalítica, na invenção de um trabalho teórico que combine audácia e a desconfiança do arbitrário, como escreveu Assoun (1996), na construção de uma nova linguagem capaz de dar origem, futuramente, a um novo modelo – exatamente como fez Freud há mais de cem anos (Fotopoulou, 2012a). Pois, se quisermos avançar para além das imposições e limitações dos pressupostos teóricos psicanalíticos, precisamos assumir uma postura não dogmática em relação aos seus cânones (Trotta, 2010) e ousar, com cuidado e critério, na elaboração e no desenvolvimento de um pensamento mais articulado aos fenômenos contemporâneos, que possa vir a se constituir em uma ferramenta mais útil e coerente para a nossa realidade (Freud, 1915), “não só na esfera básica da produção de conhecimento, como também na área clínica, ou seja, relativamente à compreensão dos processos envolvidos na intervenção terapêutica” (Winograd, Sollero-de-Campos & Landeira-Fernandez, 2007, p. 26). Dito ainda de outra maneira, consideramos necessário investir constantemente na reinvenção e reformulação de saberes e práticas, o verdadeiro antídoto contra a “burocratização das práticas e fetichização das teorias” (Bezerra Jr. 1999).

Ao realizarmos o estudo teórico sobre o afeto na metapsicologia freudiana e nas neurociências, encontramos as fortes correlações a que se referiam Solms e

Zellner (2012), o que nos incentiva a dizer que a aproximação entre psicanálise e neurociências não é apenas possível, como é extremamente desejável.

4

Por um modelo integrado

Como salientamos na introdução deste trabalho, os estudos sobre as emoções e os afetos são temas recorrentes nas sociedades humanas desde a antiguidade. Mas alguns autores se destacaram ao longo da história, e suas obras se transformaram em verdadeiros *testamentos intelectuais* sobre o tema, como *As Paixões da Alma* de René Descartes, a *Ética* de Baruch de Espinoza, *A expressão das Emoções no Homem e nos animais* de Charles Darwin, os *Princípios de Psicologia* de William James e também os livros e artigos de Sigmund Freud. Entre todos esses trabalhos e autores, a obra de Darwin é, sem dúvida, a mais citada nos estudos sobre as emoções. Esse destaque, por si só, já é suficiente para merecer nossa atenção e, por esse motivo, não nos parece arriscado afirmar que os estudos sobre ciência afetiva apresentam um antes e depois de Darwin. Nas palavras do próprio Freud, a obra de Darwin no século XIX foi responsável por efetuar o segundo golpe narcísico na história da humanidade, pondo fim às presunções humanas de criar um abismo entre a nossa natureza e a dos animais (Freud, 1917).

Charles Robert Darwin era ainda um jovem naturalista (com 23 anos incompletos) quando embarcou a bordo do HMS Beagle, em 27 de dezembro de 1831, para realizar sua viagem ao redor do mundo. Em seu relato sobre a viagem, ele admite o seu entusiasmo pela oportunidade de estudar a história natural em diferentes países (Darwin, 1860). A viagem marcada para durar inicialmente dois anos, estendeu-se por quase cinco e veio a se tornar uma das expedições científicas mais importantes na história das ciências.

De volta a sua casa, após muitos anos de trabalho e amadurecimento, refletindo pacientemente sobre as suas idéias, reavaliando seus achados e notas pessoais, Darwin se convenceu das afinidades mútuas que uniam os seres vivos, levando em consideração, entre outras coisas, a sua embriologia e a distribuição geográfica. Após um longo e difícil processo, pode enfim afirmar que as diferentes espécies sobre a Terra não foram criadas independentemente, mas são descendentes de outras espécies que as precederam. E que, na luta pela

sobrevivência, num processo de evolução e seleção natural, enquanto umas prevaleceram muitas outras foram extintas (Darwin, 1859). Essa é a tese central que o nobre cientista apresenta no célebre *Sobre a Origem das Espécies*, escrito em 1859.

Mas é no livro *A expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (1899), publicado pela primeira vez em 1872, que reside o interesse para os propósitos de nosso trabalho. Podemos considerar esse livro como um desdobramento das pesquisas de Darwin ao longo de décadas sobre o tema da evolução e o estudo do homem. Neste livro, de modo minucioso e a partir de uma pesquisa extremamente cuidadosa, ele reúne o trabalho dos principais autores de sua época a respeito do assunto, além de suas próprias observações (Darwin, 1899). Darwin afirma que o estudo das expressões é difícil, pela sua natureza fugidia e pela sutileza de certos movimentos, porém, o que mais prejudicava o avanço dos estudos e impedia a investigação das possíveis causas das expressões era a posição de muitos autores e pesquisadores, ao considerá-las, de saída, inexplicáveis. Ou ainda, a resistência em admitir que o homem e os *outros* animais não são criações independentes e que, provavelmente, evoluíram e descenderam de um ancestral comum.

A fim de buscar uma fundação consistente e verificar de modo independente da opinião comum de que maneira determinadas características de gestos, movimentos e expressões são realmente a expressão de certos estados mentais, Darwin pôs-se a observar bebês, animais, a estudar a anatomia e a fisiologia de grupos musculares de expressões faciais, fotografias, pinturas e esculturas (idem). Ele contou ainda com o auxílio de diferentes observadores que o informavam sobre descrições de pacientes internados em asilos e a contribuição de muitos missionários a serviço em diferentes regiões do mundo, sobre diversos grupos humanos (*raças*), da China à África, da Índia a regiões do Nilo, e ainda da Austrália, Nova Zelândia, Bornéu e de tribos do oeste norte-americano. Darwin enviou questionários com perguntas relativas à expressão de certas emoções, tais como: 1. A surpresa é expressa com a abertura de olhos e boca e com o levantamento das sobrancelhas? 2. A vergonha causa rubor? 3. A gargalhada extrema pode levar às lágrimas? 4. A expressão de culpa ou ciúme pode ser reconhecida? Entre muitas outras, a respeito do medo, nojo e atitudes desafiadoras, de desdém, dúvida, reflexão... para, enfim, concluir:

Sempre que os mesmos movimentos faciais ou corporais expressam as mesmas emoções em várias diferentes raças humanas, podemos inferir com muita probabilidade, que essas expressões são as verdadeiras – isso é, são inatas ou instintivas. Gestos e expressões convencionais adquiridos pelo indivíduo no início da vida, podem provavelmente diferir em diferentes raças, da mesma maneira que suas línguas (Darwin, 1899, p. 19).

Sobre este livro de Darwin, Maria Ângela Feitosa comenta que ele foi um grande sucesso de venda quando publicado, mas amargou longos 90 anos de esquecimento, até ser recuperado, há cerca de cinquenta anos. Apoiada na discussão proposta por Paul Ekman (coordenador da edição em inglês pela Oxford University Press, de 1998), Feitosa refere uma conjunção de fatores que favoreceram sua redescoberta e cita o ambiente mais favorável dos anos 60 e 70 para uma compreensão mais abrangente do comportamento humano, a aceitação da universalidade das emoções e o desencanto com o Behaviorismo. Identifica também o rápido crescimento do conhecimento em genética e sobre o cérebro, o Projeto Genoma Humano e a legitimidade dos estudos sobre o pensamento e emoções pela ciência cognitiva. A autora considera a importância desta obra para o entendimento da perspectiva evolucionária na teoria psicológica e argumenta em favor da releitura dos clássicos para compreendermos a origem dos conceitos e a evolução das idéias no campo científico, mas também dos problemas contemporâneos que nos cercam (Feitosa, 1999).

Foi nesse ambiente de redescoberta do trabalho de Darwin, destacado por Feitosa, que o zoólogo Desmond Morris escreveu o livro *O Macaco Nu, um estudo do animal humano* (1967), buscando examinar aquilo que considera o seu comportamento básico. A justificativa do autor é a de que

Apesar de se ter tornado tão erudito, o *Homo sapiens* não deixou de ser um macaco pelado e, embora tenha adquirido motivações muito requintadas, não perdeu nenhuma das mais primitivas e comezinhas. Isto causa-lhes muitas vezes certo embaraço, mas os velhos instintos não o largaram durante milhões de anos, enquanto os mais recentes não têm mais de alguns milhares de anos – e não resta a menor esperança de que venha a se desembaraçar-se da herança genética que o acompanhou durante toda a evolução. Na verdade, o *Homo sapiens* andaria muito menos preocupado e sentir-se-ia muito mais satisfeito, se fosse capaz de aceitar esse fato (Morris, 1967, p. 11).

Com ironia e coragem, Morris considera que não é sensato sobrestimar as abordagens sociológicas, psicanalíticas e psiquiátricas para chegar a conclusões sobre a natureza biológica do homem. Em vez disso, propõe que a natureza

complexa da *extraordinária, insólita e próspera* espécie humana deve ser buscada em seu passado ancestral, no estudo comparado sobre o comportamento animal e também na observação simples e direta dos comportamentos mais básicos do homem. Uma proposta que, a exemplo da neurociência afetiva de Panksepp, também se apóia num tripé (ou numa estrutura triangular). O autor reconhece as limitações e os defeitos de sua empreitada, mas afirma uma perspectiva interdisciplinar interessante para o estudo da experiência humana, em sua complexidade *cultural e animal*, em sintonia com a postura que defendemos em nosso trabalho, e também com a dos autores que escolhemos para realizar a nossa discussão.

Atualmente, porém, poucos são os pesquisadores que seguem investigando a expressão facial das emoções e o comportamento que acompanha as vivências emocionais. Paul Ekman é, talvez, um dos seguidores mais identificados com essa tradição darwiniana (Ekman, 2003). Em 1984, Ekman escreveu junto com Klaus Scherer um livro sobre as diferentes abordagens a respeito das emoções. Os dois elaboraram uma lista de sete perguntas, às quais tentaram responder a partir do estudo de pesquisadores da área (Ekman & Scherer, 1984). Dez anos depois, em *The nature of Emotion, the fundamental questions* (1994), desta vez em parceria com Richard Davidson, Ekman e Davidson organizaram uma coletânea com a participação de 24 pesquisadores e estudiosos em *ciência afetiva*, para os quais foram endereçadas 12 perguntas (entre elas, seis das sete perguntas do livro com Scherer). Das doze, destacamos cinco: Existem emoções básicas? Como podemos distinguir as emoções do humor, do temperamento e dos outros constructos afetivos? Quais os pré-requisitos cognitivos mínimos para a emoção? Podem as emoções ser inconscientes? Podemos controlar as emoções? Essas e todas as outras perguntas da lista continuam a ser extremamente importantes para os estudos sobre as emoções e constituem, na opinião dos autores, a agenda para esse campo de pesquisa (Ekman & Davidson, 1994), pela falta de consenso entre os estudos. E, pelo que podemos observar, ainda hoje, mais de vinte anos depois, parece haver pouca concordância a respeito de cada um dos tópicos citados acima.

Apesar disso, Ekman e Davidson se esforçam para buscar alguma unidade entre as respostas dos 24 autores e propõem uma lista com esses elementos: 1. Existe uma avaliação e um processamento de informação dos eventos que provocam uma emoção; 2. Existem mudanças fisiológicas e expressivas que são,

de alguma maneira, diferentes para cada emoção; 3. Existe uma recuperação de memórias para lidar com um evento que provoca uma emoção; 4. Emoções envolvem experiências subjetivas, estados afetivos, que incluem a consciência de alguns (ou a totalidade) de seus elementos; 5. Emoções têm propriedades motivacionais, que funcionam no sentido de minimizar experiências (emoções) negativas e maximizar as positivas; 6. Emoções organizam padrões fisiológicos e comportamentais para lidar com diferentes situações. Em níveis de extrema intensidade, porém, podem desorganizar o planejamento e as ações no comportamento; 7. Os sinais emocionais de um indivíduo podem ser informados a outros indivíduos; e 8. A experiência emocional afeta o bem-estar do indivíduo podendo ter implicações sobre sua saúde física (idem).

Em *Emotions Revealed* (2003), Ekman também aponta outro aspecto importante para o futuro das pesquisas sobre as emoções, o aspecto universal e particular presente na experiência subjetiva de uma emoção e a sua expressão pelos indivíduos. O autor afirma que os estudos não revelam um padrão claro sobre as respostas emocionais, havendo enorme diferença entre as pessoas. Essa diferença pode ser classificada em relação a sua intensidade (episódios intensos, moderados e leves), mas também em relação à rapidez da instalação de uma emoção-expressão e, ainda, à duração da resposta até o retorno ao estado basal anterior, *neutro*. Esses pontos são relevantes para a produção de um perfil emocional individual, que levaria em conta a frequência com que uma pessoa experimenta uma emoção, a maneira como ela a experimenta (subjetivamente, como ela se sente) e também como os outros a percebem. Outra característica diz respeito ao relativo controle pessoal sobre as mudanças “incontroláveis” de uma emoção, como, por exemplo, o tom de voz e as expressões faciais.

Podemos considerar que a herança darwiniana sobre as emoções está presente nas pesquisas atuais em *ciência afetiva* (expressão de Ekman e Davidson) e, de certa maneira, também no campo da neurobiologia das emoções ou da neurociência afetiva (a gosto do freguês). A diferença é que essas últimas têm o seu foco sobre os mecanismos cerebrais, para além do comportamento e das expressões. Já o campo dos *estudos afetivos*, que inclui pesquisas em antropologia, sociologia, filosofia e estudos culturais, apesar de também prestar referências a Darwin, busca filiação com outros autores, que favorecem pensar a experiência subjetiva dos afetos, a partir da capacidade corporal de modulação de

ritmos e modalidades afetivas, que nos impele ao movimento, à ação, a pensar e a nos relacionar, numa íntima associação do sentir com o pensar, responsável inclusive por certos padrões éticos e estéticos (Gregg & Seigworth, 2010). Um desses autores, referência para as pesquisas sobre os estudos afetivos, é William James. Em seu livro *Princípios da Psicologia* (1890), o autor desenvolve a teoria de que a emoção é a sensação de uma alteração do estado corporal causada por uma percepção de um fato, contrariando a lógica do senso comum de que a percepção mental de um fato é a responsável por incitar a sensação mental (emoção) e que, a partir desta, as mudanças corporais seriam processadas. A ideia central na proposta de James é a de que, quando da percepção de um objeto, ou de um acontecimento, as modificações corporais seriam o aspecto necessário para a sensação das emoções, de forma aguda ou obscura, no momento em que ocorrem, pois “uma emoção humana inteiramente desencarnada é uma não-entidade” (James, 2008 [1890], p. 672).

Antonio Damásio considera a ideia de William James de uma importância incalculável. Embora discorde da forma como ele buscou diferenciar emoções e sentimentos, Damásio reconhece a ousadia do autor ao contrariar o pensamento de sua época e interpor o corpo entre o estímulo causador e a experiência da emoção (Damásio, 2009), ou entre a consciência e o mundo (Gutman, 2008). Em seu estudo sobre a obra de William James, Gutman considera que seria inadequado buscar, na obra do autor, uma definição para o afeto como algo mais físico do que psíquico, ou ter que optar entre a fisicalidade ou a espiritualidade de uma experiência afetiva. Para Gutman, “ao contrário, (...) seria particularmente característica das emoções a ambiguidade necessária a qualquer tentativa de classificá-las como experiências físicas ou psíquicas” (idem, p.665).

Baseado no argumento de Vinciane Despret sobre as ideias de William James de que “ter um corpo é *aprender a ser afectado*, ou seja, “efetuado”, movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas” (Latour, 2008, grifado no original, p. 39), Bruno Latour define o corpo como “aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo”. O autor pretende com essa definição dinâmica de corpo, desobrigar-se da necessidade de ter que defini-lo em sua essência, acreditando com isso, ser possível superar o dualismo mente-corpo. Bruno Latour parece fazer coro a essa ideia ao afirmar que “se mudarmos a

concepção de ciência e levarmos a sério o papel articulador das disciplinas, será impossível acreditar no dualismo de um corpo fisiológico em confronto com outro fenomenológico” (Latour, 2008, p. 57). Assim, para este autor, é necessário abandonar a distinção entre fenômenos objetivos e subjetivos e estender as linhas de combate e debate para dentro das próprias ciências.

De acordo com o Latour, as diferentes partes do corpo “são adquiridas progressivamente ao mesmo tempo em que as “contrapartidas do mundo” vão sendo registradas de nova forma. Adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível” (Latour, 2008, p. 40, grifado no original). Aprender a identificar e a registrar as diferenças que antes não podiam ser reconhecidas ocorre através das mediações de arranjos artificiais e materiais dispostos em camadas simultâneas, que afetam e sensibilizam o corpo, a partir da experiência, tornando-o apto para agir pelo contraste. Para falar destas camadas de diferenças, Latour se refere ao termo articulação. Para ele, “a principal vantagem do termo articulação não é a sua associação, em certa medida ambígua, a capacidades linguísticas ou sofisticação; é antes a sua capacidade de trazer a lume os componentes *artificiais* e *materiais* que permitem progressivamente adquirir um corpo” (Latour, 2008, grifado no original p. 43).

Nessa tradição do pensamento, também é comum encontrarmos referências a Nietzsche. Numa postura ácida e crítica ao pensamento de sua época, o filósofo alemão propõe desconstruir a idéia de primazia da razão dos *desprezadores do corpo*, ao sugerir a impossibilidade da codificação do corpo pela consciência. Ao contrário disso, Nietzsche afirma a primazia das intensidades das forças corporais, inconscientes (Nietzsche, 2000 [1883-1884]). Para ele, o corpo é o que produz o pensamento e a consciência é apenas uma forma de expressão dos estados corporais. Nietzsche questiona as várias dicotomias produzidas pela tradição filosófica iniciada com a metafísica de Sócrates e o ideal de verdade, como a separação entre a mente e o corpo e natureza e cultura, na oposição de dois mundos, o sensível e o inteligível, o da aparência e o da essência, o falso e o verdadeiro, em nome de valores pretensamente superiores, como o Divino, o Belo, a Verdade, o Bem. Tradição seguida pelos filósofos modernos, que mantiveram intactos os sagrados domínios da razão (Nietzsche, 2007 [1887], Deleuze, 1976, Klossowski, 2000, Trotta, 2010).

Mais recentemente, em função do aumento do número de pesquisas a respeito do tema, podemos destacar a criação de uma nova linha de estudos, a antropologia e a sociologia das emoções (Khoury, 2014). Os estudos das emoções têm um histórico relativamente recente dentro dessas disciplinas. Eles surgiram nos EUA na década de 70 e se consolidaram na década de 90, quando tiveram início os primeiros estudos brasileiros. Eles abrangem uma série de fenômenos afetivos sociais, presentes nas relações familiares, de amizade, afetivo-conjugais e o comportamento social de um modo geral. Um dos focos dessas pesquisas está na expressão dos sentimentos em espaços públicos e também entre as formas de subjetividade e a cultura emocional, seja ela urbana, rural, regional, metropolitana. As tensões (afetivas) relacionais das sociedades complexas e os diferentes projetos relacionados à formação e à experiência das emoções quanto ao processo de luto, de morte, o medo, ressentimento, humilhação, os laços de confiança e desconfiança nas relações de amizade e trabalho. Vergonha, traição e ciúme, solidariedade, lealdade e insegurança individual. E, ainda, questões de gênero, violência e vitimização (idem). Curioso notar a congruência desses temas de interesse dos estudos da antropologia e da sociologia das emoções com temas que são extremamente recorrentes e relevantes para a experiência clínica.

Assim, diante deste panorama plural, num contexto de explosão dos estudos sobre os afetos em diferentes áreas do conhecimento, consideramos que o desafio atual é o de tentar buscar colaboração, diálogo e troca entre os saberes, contrariando a lógica de compartimentação disciplinar, com o objetivo de avançarmos no entendimento sobre a experiência subjetiva das emoções humanas.

Em busca da aproximação entre ‘duas culturas’

Como já mencionamos, psicanálise e neurociências seguiram (e ainda seguem) caminhos paralelos na constituição de seus campos, criando duas culturas diferentes, com suas próprias tradições. Mas a tentativa de aproximação e articulação entre a psicanálise e as neurociências não é uma novidade, nem mesmo uma proposta original. Além das iniciativas contemporâneas do movimento neuropsicanalítico e de diferentes autores e linhas de pesquisa que vem desenvolvendo trabalhos na aproximação entre os dois campos, considero importante lembrar a proposta *bioanalítica* de Sandor Ferenczi, em *Thalassa*:

ensaio sobre a teoria da sexualidade (1924). A inspiração para esse trabalho, segundo o próprio autor, surgiu quando ele traduzia (em 1914) os *Três Ensaios* de Freud para o húngaro. Em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, (1913), já é possível perceber uma tentativa de composição de suas idéias com uma teoria filogenética e ontogenética, apresentada por ele da seguinte maneira:

com o mesmo direito que nos permite supor a transferência para o indivíduo dos traços mnésicos da história da espécie, e até com mais fortes razões, podemos sustentar que os traços psíquicos intra-uterinos não deixam de exercer influência sobre a configuração do material psíquico que se manifesta após o nascimento. O comportamento da criança imediatamente após o nascimento fala a favor de uma tal continuidade dos processos psíquicos (Ferenczi, 1913, p. 42-43).

Influenciado, com toda certeza, pelas teorias evolucionárias de sua época, Ferenczi sugere a possibilidade de “a ontogênese guardar os resquícios daquilo que foi a herança filogenética e de todos os processos de catástrofes e traumatismos pelos quais passou a vida, até se chegar à espécie humana” (Trotta, 2010, p.40). E sobre a articulação entre psicanálise e biologia, afirma:

Acabei por me convencer, com o passar do tempo, de que a introdução na psicologia de noções colhidas no domínio da biologia e, por outro lado, de noções da psicologia na esfera das ciências naturais é inevitável e pode ser extremamente fecunda. (...) Admiti, por fim, não haver qualquer motivo de vergonha nessas analogias recíprocas, e que podíamos deliberadamente iniciar uma aplicação intensiva deste método, considerando-o uma postura inevitável e sumamente benéfica. Por isso, em meus trabalhos ulteriores, nunca mais hesitei em preconizar esse modo de trabalho, que qualifiquei de “utraquista”; e exprimi a esperança de que esse meio permitirá à ciência fornecer respostas para certas questões que até agora a deixavam impotente (Ferenczi, 1924, p. 256-257).

Do ponto de vista *bioanalítico*, a *evolução orgânica* ocorreria de dois modos, por processos de adaptação autoplástica e aloplástica. “No primeiro caso, é a própria organização do corpo que se adapta às novas circunstâncias, no segundo, o organismo esforça-se por modificar o mundo externo de modo a tornar inútil a adaptação corporal” (Ferenczi, 1924, p. 323). Anos mais tarde, essas idéias foram endossadas por Freud no necrológio que fez para seu amigo e colega psicanalista, ao afirmar que as “características daquilo que é psíquico conservam vestígios de antigas modificações da substância corporal” (Freud, 1933, p. 278). Exaltamos o esforço de Ferenczi ao buscar aproximar a psicanálise da biologia, mas fazemos a ressalva de que não concordamos com a hierarquização que ele

estabelece entre os dois campos, nem com o equívoco de realizar interpretações psicanalíticas sobre o curso da evolução.

Aproveitamos para fazer também as nossas ressalvas em relação às tentativas contemporâneas de aproximação entre as duas abordagens. Em primeiro lugar, por facilmente esbarrarem nos problemas da *falácia mereológica* e do *erro categorial* (Bezerra Jr, 2013), ao associarem de modo apressado e simplificado, por exemplo, o ego ao neocortex, o id a estruturas subcorticais e as pulsões a ativações de determinadas estruturas do sistema límbico e, ainda, ao confundir causalidade com correlação (Winograd, 2013). Em segundo lugar, o problema relativo à infinita complexidade dos fenômenos corporais e ambientais dos quais emergem os afetos e as experiências subjetivas. Ainda que um dia, num futuro provavelmente distante, consigamos mapear todos os processos dos mecanismos cerebrais, nos seus diversos níveis (moleculares, intracelulares, celulares, hormonais, sinápticos...), a quantidade de elementos e variáveis será tão numerosa, a ponto de não termos condições de compreender e manejar tamanha quantidade de informação, dada a nossa limitada capacidade cognitiva. Talvez, isso só venha a ser possível com o auxílio de máquinas, computadores e programas que ainda não foram criados ou desenvolvidos. Apesar disso, colocamos fé no avanço das pesquisas em todas as áreas, pois a imponderabilidade do acaso pode nos brindar com surpresas inimagináveis, e nos ajudar a promover saltos imprevisíveis na produção do conhecimento, como os que estamos testemunhando no momento.

Mas, então, o que estamos propondo exatamente? De forma honesta e direta, propomos que mais do que um novo método (como sugere Mark Solms), a aproximação entre psicanálise e neurociências necessita da invenção criativa de um trabalho teórico, com a força capaz de organizar ideias (de sistemas, equações e conceitos) que sirvam ao manejo clínico e à compreensão dos fenômenos emocionais humanos. Uma trama conceitual que opere de modo explícito e inequívoco no sentido de fazer manter a unidade corpo e mente, que permaneça aberto e flexível para poder se transformar quando necessário e incorporar constantemente os novos conhecimentos provenientes dos mais variados campos.

Assim, em nosso entendimento, o primeiro passo a ser dado é realizar um novo retorno a Freud, à matriz metapsicológica freudiana, e fazer o reexame de suas premissas sobre temas específicos, como condição necessária para o diálogo

efetivo, a construção de pontes e a derrubada de muros entre as disciplinas. A partir deste trabalho, consideramos que o passo seguinte é o de tentar organizar as novas contribuições do campo neurocientífico e fazer dialogar com a teoria psicanalítica, como os sonhos, a consciência, a memória e também para todas as investigações que se julgarem pertinentes, como os processos de deslocamento e condensação, o recalque, a produção de sintomas, os processos de transferências e resistências na clínica, os conteúdos delirantes do pensamento, as alucinações, o desenvolvimento do Eu, o superEu, e assim por adiante.

No caso dos sonhos, por exemplo, cabe a pergunta: será que ainda se justifica estabelecê-los como realização de desejos? De que maneira, então, ou em que nível (Ribeiro, 2003, Cheniaux, 2006)? No caso da relação entre id e consciência, devemos manter do mesmo modo com que Freud a concebeu, ou devemos avançar na proposta de Solms e Panksepp, ao considerar estruturas subcorticias (que executam funções atribuídas ao id por Freud) associadas a uma consciência afetiva, que fornecem a capacidade consciente para as estruturas corticais (funções atribuídas ao ego) desempenharem a cognição (Solms, 2013)? E a memória, com os seus diferentes tipos, como nós podemos estabelecer a relação entre os traços de memória do inconsciente freudiano e os processos de reconsolidação de memória (Alberini, Ansermet&Magistretti, 2013)? E a articulação memória, sonho e consciência? Nosso conhecimento em relação a essas questões ainda é tão reduzido que consideramos um grave erro nos acomodarmos com as explicações insatisfatórias de que dispomos atualmente.

Como inspiração para a nossa proposta, tomamos emprestada a ideia de Bruno Latour sobre o termo *proposições*. De acordo com Latour, este termo conjuga três elementos fundamentais, extremamente importantes para os nossos objetivos: o primeiro desses elementos é que uma proposição denota uma obstinação (a sua posição), mas que esta não se apresenta como uma autoridade definitiva, sendo apenas uma *pro*-posição – seu segundo elemento. Sendo assim, ela pode aceitar negociar-se a si própria para formar uma *com*-posição, sem ter que perder sua solidez – o terceiro elemento (Latour, 2008). É dessa maneira que apresentamos a nossa hipótese de trabalho para a aproximação teórica entre psicanálise e neurociência para o caso do afeto, reafirmando mente e corpo como uma unidade complexa.

Para uma definição da organização (e da relação) mente e corpo, buscamos realizar uma composição com os trabalhos de diversos autores para compreender a mente como primordialmente corporificada (Serpa Jr., 2007), ou ainda como incorporada e situada (Varela, Rosch, & Thompson, 1991). Dessa maneira, entendemos que mente e corpo formam uma unidade indissociável, de duplo aspecto, em sua materialidade física, mas também em sua experiência subjetiva, vivenciada na perspectiva da primeira pessoa (Solms & Turnbull, 2002). Portanto, a mente (como experiência subjetiva) emerge das interações do corpo com o ambiente, ou seja, ela é dependente das interações cérebro-corpo (levando-se em conta sua biologia evolutiva, desenvolvimento e funcionamento atual) com o ambiente físico e sociocultural (Damásio, 1996), a cada momento. É, portanto, dependente da história do corpo, adquirida a partir dos afetos e das experiências que o marcaram e que deixaram registrados em si uma trajetória dinâmica de sensibilidade às coisas do mundo e ao próprio corpo. Acolhemos o termo *MenteCérebro* (ou *CérebroMente*) proposto por Panksepp e Biven (2012) para sublinhar essa noção de unidade indiscernível. Porém, sugerimos que possamos utilizar também as variações *MenteCorpo*, ou *CorpoMente*, dependendo da situação, como forma de enfatizar a idéia com a qual se esteja trabalhando. Ao definirmos a mente dessa maneira, reconhecemos que a definição pode não estar correta, mas, ainda assim, assumimos o risco, por acreditarmos que ela pode nos ser útil, na tentativa de superar a dualidade corpo e mente e manter a transitividade dos sentidos e a unidade da organização *MenteCorpo*.

Como não é nossa intenção *inventar a roda*, consideramos que a visão apresentada por Damásio parece dar conta dessa aproximação inicial, pelo menos no que diz respeito ao modo como ele concebe a organização *MenteCorpo* e alguns de seus termos, como *imagem*, *padrões neurais*, *representações* e *mapas*. Para Damásio, as imagens mentais podem ser conscientes ou inconscientes. Elas podem ser de diferentes modalidades: visuais, olfativas, auditivas, gustativas e somato-sensitivas. Um sinônimo para *imagem mental* é *padrão mental*. “As imagens de todas as modalidades “retratam” processos e entidades de todos os tipos, concretos e abstratos” (Damásio, 2000, p. 402, grifado no original). A produção de imagens nunca cessa, seja durante o sono ou durante a vigília, e esse fluxo de imagens Damásio considera como sendo o *pensamento*. Assim, “o processo que chegamos a conhecer como mente quando imagens mentais se

tornam nossas, como resultado da consciência, é o fluxo contínuo de imagens” (idem).

Já o *padrão neural* é usado para se referir ao aspecto neural de um processo. Quanto à *representação*, Damásio identifica a difícil utilização do termo, mas não se furta de localizá-lo, empregando-o também como sinônimo de imagem mental ou padrão neural, pois, ambos “são criações do cérebro tanto quanto produtos da realidade externa que levou à sua criação” (idem, p. 405). Com a palavra *mapa*, ou padrão neural, acontece o mesmo problema, de acordo com o autor. Sendo o cérebro um sistema criativo, ele está constantemente identificando (mapeando) e construindo os *mapas neurais*.

Em vez de refletir fielmente o ambiente que o circunda, como seria o caso com um mecanismo engendrado para o processamento de informações, cada cérebro constrói mapas desse ambiente usando seus próprios parâmetros e sua própria estrutura interna, criando, assim, um mundo único para a classe de cérebros estruturados de modo comparável (idem).

Assim, resta a nossa frente todo o trabalho (ou hipótese de trabalho) de articulação desses termos com as noções e os usos dos diferentes conceitos em psicanálise, na aproximação entre as duas culturas, que possam se visitar e se influenciar mutuamente, no intercâmbio de hábitos, costumes e *línguas*, na tradução e integração de velhas e novas experiências, para a formação de um novo *híbrido*. Não devemos desanimar diante das dificuldades que se colocam em nosso caminho, pois a construção desse novo campo *trans-inter-disciplinar* requer tempo e muito trabalho. Uma citação de Freud a esse respeito nos *Artigos sobre metapsicologia* é particularmente interessante para o momento de indefinições conceituais:

Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim,

rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções – embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos mais básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. (Freud, 1915, p. 137, grifado no original).

Em seu livro *Psicanálise e Neurociência* (1985), Roberto Rodrigues nos fornece mais algumas pistas para a articulação entre as duas disciplinas. Há trinta anos, portanto, ele já insistia na necessidade de correlacionar os aspectos psicodinâmicos e existenciais com os mecanismos neurais nos mais diversos níveis. Para Rodrigues, diante de uma variada gama de investigações, o ato decisivo é tratar de *encurtar a ponte* entre a neurobiologia e a psicodinâmica, na montagem de um quebra-cabeça para a construção de um modelo único e uniforme, que acolha a imprevisibilidade e a instabilidade na dimensão processual da experiência humana (Rodrigues, 1985).

Encurtando pontes, derrubando muros

Ao longo deste trabalho, deixamos indicado em vários momentos nosso objetivo de tentar buscar uma aproximação entre a abordagem psicanalítica com a abordagem neurocientífica. Como essa é uma tarefa gigantesca, tomamos o caso do afeto como o foco da nossa atenção e uma espécie de exemplo desta proposta. Mas alguns problemas se colocaram em nosso caminho, entre os quais gostaríamos de ressaltar dois. O primeiro seria o de poder contornar, na esfera teórica, o problema da relação mente-corpo, estabelecendo uma abordagem sob uma perspectiva que integre a experiência subjetiva (mente) com a materialidade do corpo, renunciando a investigações que procurem justificar a separação dos fenômenos em termos psíquicos e biológicos.

Já o segundo problema diz respeito ao próprio recorte específico do nosso trabalho, a saber, a circunscrição em torno do afeto. Esse é um defeito e uma limitação auto-imposta, pois, de acordo com nosso objetivo, não apenas mente e corpo devem ser entendidos como pertencentes a uma mesma unidade complexa, mas também a questão afetiva deve ser compreendida como um dos elementos

presentes na complexa cadeia de fenômenos que envolve todas as relações entre o corpo vivo (organismo) e o seu ambiente, como, por exemplo, a memória, a percepção, a consciência e também os fenômenos que regulam a vida dentro deste organismo, em diferentes níveis.

Sendo assim, a discussão sobre a organização *CorpoMente* se tornou um ponto de partida imprescindível para podermos apresentar nossa proposição relativa a uma teoria integradora do afeto. Isso porque muitos dos problemas encontrados nas múltiplas teorias afetivas são devidos a insistirem em diferenciar os estados afetivos entre aqueles que seriam mais *psíquicos*, de outros que seriam mais *somáticos* (Dalgalarondo, 2000). Esperamos ter conseguido deixar claro que, em nossa concepção sobre a organização *MenteCorpo*, essa distinção não faz mais sentido. Alguns autores consideram não ser necessário o esforço para se tentar fazer uma clara distinção entre afetos, emoções e sentimentos (LeDoux, 1994, 1998, Panksepp, 1998, Panksepp&Biven, 2012, Andrade, 2003). Nesse ponto, discordamos, e tomamos a posição dos autores que, pelo menos no plano teórico, decidiram reconhecer o *afeto* como um termo geral, categórico, que compreende todas as nuances da experiência emocional (Freud, 1915, Green, 1982, Damásio, 2003, entre outros). Assim, afeto inclui desde os afetos homeostáticos, os afetos emocionais, passando pela série prazer-desprazer, englobando todas as tonalidades afetivas, as emoções e sentimentos emocionais da experiência subjetiva.

Um ponto delicado diz respeito às diferenças propostas pelos autores ao procurarem definir e diferenciar emoções e sentimentos. Antes de tomarmos posição, vale lembrar o comentário de Damásio de que essas fronteiras são muito porosas, frágeis e, por vezes, inadequadas, não apenas do ponto de vista teórico, mas também no aspecto fugidio de uma emoção, ou mesmo do fluxo do pensamento. Enquanto Panksepp (2012) localiza a experiência dos sentimentos como parte do processo emocional terciário, Damásio a vê como um estado consciente de uma emoção, quando estes se associam a conteúdos de pensamento e a determinadas formas de pensar, em uma *experiência integrada*. Não apenas como uma organização mais sofisticada, mas também por conta de uma dimensão temporal, pois, para Damásio (2011), emoções precedem os estados afetivos a que ele chama de sentimento, a experiência consciente. A solução parece interessante, mas como já apontamos, a divisão entre uma consciência afetiva e outra cognitiva

(Solms, 2003, Panksepp&Biven, 2012) nos obriga a pensar em uma característica específica que distinguiria a consciência de um estado afetivo. Talvez, uma saída seria articular o *sentimento* de Damásio à experiência subjetiva consciente (*consciência cognitiva*) de uma emoção, como *experiência integrada*, considerando todos os níveis da organização emocional. Pois, Damásio e Panksepp concordam que os níveis mais baixos de seus esquemas afetivos, os processos primários ou a regulação homeostática, são parte componente e atuante de operações intermediárias e também das mais complexas, como o processo terciário e os sentimentos. Aqui, vemos com perfeita clareza como todos esses temas estão intimamente relacionados com o funcionamento geral da organização *MenteCorpo*. O estudo dos diferentes tipos e níveis de consciência e memória talvez nos ajude a responder a essa questão de modo mais consistente e possa nos fornecer uma compreensão mais completa sobre os afetos no futuro.

Mais um aspecto a ser considerado seria definir quais, e quantas, são as emoções básicas ou primárias. Sete? Seis? Uma opção seria adotar a lista seguida por Damásio e Ekman, a partir dos trabalhos de Darwin: medo, raiva, nojo, surpresa, felicidade e tristeza. Outra opção seria levar em conta a lista de Panksepp (1998, Panksepp&Biven, 2012): SEEKING (BUSCA), RAGE (RAIVA), FEAR (MEDO), CARE (CUIDAR), PANIC/GRIF (PÂNICO/LUTO/TRISTEZA), LUST (DESEJO) e PLAY (BRINCAR). Neste caso, porém, preferimos não tomar partido, pois, enquanto a primeira lista leva em consideração basicamente as expressões faciais, a segunda faz referência a mecanismos cerebrais subcorticiais. Ambas parecem estar bem embasadas para as suas afirmações. Sendo assim, poderíamos optar pelas nove ou, por exclusão dos elementos diferentes, quatro, enfatizando a concordância entre elas: medo, raiva, alegria e tristeza. Embora não haja equivalência consistente nem mesmo entre as quatro.

Mas há ainda mais um trabalho a ser feito em nossa tentativa de integrar a teoria psicanalítica do afeto com os estudos em neurobiologia das emoções, ou em neurociência afetiva. No estudo sobre o afeto na metapsicologia freudiana, indicamos aquilo que nos parece ser os elementos de impasse para o entendimento mais aprofundado das experiências afetivas: as formulações sobre o conceito de pulsão, a montagem do aparelho psíquico na distinção conceitual muito precisa da idéia e do afeto e sua separação em relação ao corpo, da qualidade e da

quantidade, o misterioso caso das estruturas afetivas inconscientes e a ênfase conceitual sobre a angústia. E foram esses impasses que nos fizeram buscar uma nova forma de estabelecer a relação mente e corpo. Agora, precisamos destacar os aspectos da teoria de Freud que se mantêm atuais. Em primeiro lugar, destacaria a idéia de que as emoções surgem, inicialmente, de um fator quantitativo indeterminado e, ainda, de estruturas afetivas inconscientes, até alcançarem e cruzarem o limiar da consciência, para, enfim, serem sentidas. Haveria mesmo, segundo Freud, uma luta entre o sistema consciente e o sistema inconsciente sobre a primazia do afeto. Segundo aspecto: é importante destacar que Freud não desprezava que as sensações afetivas estavam *visceralmente* associadas a transformações das excitações endógenas (aumento, diminuição, deslocamento e descarga) e também a estímulos externos. E, para ele, as sensações afetivas incluíam em sua equação desde as sensações ligadas à série prazer-desprazer até a experiência subjetiva consciente das diferentes tonalidades afetivas. Além do seu aspecto consciente, Freud considerava que é também da natureza de uma emoção a sua orientação para a descarga, em ato e movimento. Solms e Zellner (2012) consideram que o sistema SEEKING na neurociência afetiva de Panksepp se articula bem ao conceito multi-uso de libido em Freud, podendo esse ser ainda mais um caminho para as pesquisas visando a articulação entre as duas disciplinas.

Considerações Finais

Ao longo do trabalho, realizamos um estudo sobre o conceito do afeto na metapsicologia freudiana e sobre as pesquisas dos neurocientistas António Damásio, Joseph LeDoux e Jaak Panksepp em relação aos afetos, emoções e sentimentos. Nosso objetivo foi buscar as convergências entre as duas abordagens, psicanalítica e neurocientífica, na tentativa de esboçar algumas linhas alternativas para uma teoria integrada a respeito do afeto e das experiências afetivas.

Com o objetivo de assumir uma posição favorável a uma possível futura integração entre as duas disciplinas, tomamos o debate contemporâneo sobre a possibilidade de diálogo entre psicanálise e neurociências para buscarmos legitimar nossa proposta. Consideramos que as aproximações devem ser alcançadas a partir da invenção criativa do trabalho teórico (Assoun, 1996), na construção de uma nova linguagem (Fotopoulou, 2012) capaz de produzir diálogos mais efetivos, renunciando aos posicionamentos que operam na separação entre corpo e mente em favor de uma formulação que trabalhe com a idéia de uma unidade complexa e indissociável, a organização *MenteCorpo*. Para isso, afirmamos junto com muitos autores a necessidade do reexame das premissas do conceito freudiano do afeto e também das relações entre mente e corpo e das teorias das pulsões na metapsicologia. Em seguida, passamos à análise das pesquisas sobre o afeto no campo neurocientífico, buscando extrair as definições sobre o modo de entender as experiências afetivas, emoções e sentimentos.

Ao final, assumimos a *proposição* de que as aproximações atuais devem convergir, em algum momento futuro, para uma teoria integrada para o afeto e um modelo integrado alternativo para a psicanálise e as neurociências. Identificamos autores e trabalhos no campo dos estudos afetivos e da ciência afetiva para nos auxiliar nessa tarefa e, assim, definimos o afeto como o termo-conceito que abrange todas as experiências afetivas subjetivas, desde os processos primários e os mecanismos de regulação da vida até as formas mais complexas, como as experiências integradas, estados conscientes que associam experiências afetivas a conteúdo e forma de um fluxo de pensamento.

Reconhecemos a limitação do nosso trabalho, ao realizar um recorte específico sobre o estudo teórico do afeto na metapsicologia freudiana e nos trabalhos dos neurocientistas Damásio, LeDoux e Panksepp, deixando de lado, tanto quanto foi possível, as suas relações necessárias com a memória, a consciência, a percepção, o *self*, e assim por diante. Porém, acreditamos que o alcance das nossas reflexões é infinito, no que diz respeito a mapear um novo campo de pesquisas a partir das nossas proposições. Por ora, fomos obrigados a nos submeter às imposições do tempo. O desafio a nossa frente é enorme e o seu futuro dependerá da capacidade de agregar mais pessoas em torno dessa proposta, na união de esforços para formar centros multiprofissionais com o objetivo de desenvolver pesquisas integradas. Esperamos, já não mais apenas entre a metapsicologia freudiana e as neurociências, mas também com a inclusão de outros saberes e disciplinas, como a biologia, a sociologia, a filosofia e também outras correntes e autores de dentro do campo psicanalítico e da psicologia clínica.

Reafirmamos, mais uma vez, nossa posição favorável à diversidade de projetos com diferentes estratégias epistemológicas e metodológicas no campo da pesquisa, pois o campo é enorme e nossa ignorância infinita. Mas, apesar disso, precisamos escolher caminhos e tomar posição. Ressaltamos também a importância da releitura dos clássicos para compreendermos melhor os nossos problemas contemporâneos e não perdermos de vista a evolução das idéias ao longo da história, principalmente no campo científico. Darwin já dizia que o grande obstáculo para o desenvolvimento do conhecimento era a postura conservadora dos pesquisadores (1899). E a pesquisa de Darwin é um bom exemplo de como a criatividade empreendedora no campo de pesquisa e a articulação dos diferentes saberes pode ser responsável por verdadeiras revoluções na nossa forma de pensar. Latour (2008) acompanha o pensamento do célebre naturalista em defesa do papel articulador das disciplinas para a superação do dualismo mente e corpo.

Esperamos ainda permanecer abertos à novidade e à experimentação, possibilitando novos entendimentos sobre as experiências afetivas na clínica e na vida cotidiana, capazes de aumentar o nosso repertório emocional, clínico e teórico, para enfrentarmos os desafios sem precedentes em nossa história. Quem sabe assim, num futuro próximo, nós possamos formar as futuras gerações já numa lógica integradora dos saberes e das experiências, favorecendo arranjos que

combatam nosso analfabetismo emocional e nossa insensibilidade cultural e social.

Consideramos que, no caso dos afetos, o diálogo entre a teoria psicanalítica e as teorias neurocientíficas oferece a possibilidade de atualização da nossa compreensão sobre os fenômenos afetivos e a transformação e ampliação das nossas formulações teóricas. Acreditamos que todos esses aspectos são um convite à experimentação técnica e a novas pesquisas clínicas, podendo contribuir para a criação de diferentes abordagens e novas estratégias terapêuticas. As pesquisas em neurobiologia e neurociência trazem de volta a importância do nosso passado evolutivo, ao identificar semelhanças nos processos emocionais no homem e em outros animais e estabelecer certos imperativos biológicos comuns a várias espécies.

As pesquisas sobre o cérebro também trazem o entendimento sobre os sistemas cerebrais responsáveis por gerar diferentes respostas emocionais, mudanças fisiológicas características e tipos específicos de comportamento, enfatizando a necessidade de estudos específicos sobre cada uma das vivências e reações emocionais (tanto na teoria quanto na clínica), que positivam a diversidade e os diferentes matizes afetivos. Elas contemplam ainda a importância de estudos sobre o desenvolvimento, a evolução e o curso característicos das emoções, e a possibilidade de compreender de maneira mais precisa os diferentes perfis emocionais e como eles são vivenciados e expressos pelos indivíduos, como reagem a mudanças, como resistem a elas, como reagem emocionalmente a determinadas situações e como buscam seu controle. Deste novo panorama, surgem várias novas perguntas a respeito da experiência afetiva e das suas relações com a memória, a consciência e o sonho, só para citar alguns. Mas podemos destacar também o desenvolvimento de novas interseções na paisagem transformada pelo surgimento de diferentes campos, como as novas teorias em biologia, as pesquisas sobre plasticidade cerebral e a epigenética.

Para nós, não resta dúvida que o desenvolvimento de novas formas de compreensão sobre a experiência afetiva pode favorecer o surgimento de novas abordagens terapêuticas. E, não é de hoje que constatamos essa nova realidade, de um movimento que ganha mais adeptos e diferentes espaços de formação e assistência. A convergência entre os avanços da ciência cerebral e o conhecimento clínico gerou, nas últimas décadas, algumas técnicas que prometem a liberação de

memórias emocionais através da indução de processos de reconsolidação de memória, na extinção de respostas emocionais, como certos comportamentos, sentimentos e pensamentos (Ecker, Hulley & Ticic, 2012, Fonagy & Luyten, 2012). É necessário mais estudos sobre essas técnicas e um maior intercâmbio e democratização de seus processos, para que elas não se transformem em *modismos* passageiros ou, ainda pior, estratégias comerciais de determinados grupos. Esperamos que elas não fiquem restritas aos consultórios, nem se limitem apenas aos espaços tradicionais de assistência. Ao contrário, desejamos que elas formem parte das estratégias de uma *clínica ampliada*, que possa também pautar uma discussão sobre as formas de organização social, da *reabilitação do social* e ajudar na elaboração de políticas públicas, com ênfase na educação e na prevenção. Pois, afinal, as teorias servem também para renovar e mobilizar nossas esperanças e utopias.

Em uma de suas muitas críticas à educação e à pedagogia, Ferenczi considerou a possibilidade da psicanálise ajudar a sociedade a atingir objetivos profiláticos importantes nos casos de neurose. Ele afirmava que a psicanálise era uma espécie de pós-educação para esses casos. De acordo com Ferenczi, ao obrigar uma criança a mentir para si mesma e a negar o que sabe, pensa e sente (Ferenczi, 1908), sociedade e pedagogia favoreciam o recalçamento de ideias e emoções, agravando a condição neurótica. Ele acreditou que, um dia, a psicanálise seria capaz de ensinar “aos pedagogos e aos pais a tratar suas crianças de modo a tornar supérflua qualquer pós-educação” (Ferenczi, 1928, p. 12). De lá para cá, certamente muita coisa mudou, mas infelizmente ainda estamos muito longe de alcançar essa situação imaginada por Ferenczi. Se é que ela um dia será possível.

Referências bibliográficas

ALBERINI, C.; ANSERMET, F. & MAGISTRETTI, P. (2013) “Memory Reconsolidation, Trace Reassociation and Freudian Unconscious”. Em: ALBERINI, C. (ed.) *Memory Reconsolidation*. London, Elsevier. 293-312.

ANDRADE, Victor Manoel. (2003) *Um diálogo entre a Psicanálise e a Neurociência, A “Psicanálise Maior” prevista por Freud torna-se realidade no século XXI como metapsicologia científica*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

ASSOUN, Paul-Laurent. (1996) *Metapsicologia Freudiana, uma introdução*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

BERCHERIE, Paul. (1984) “L'Oculaire quadrifocal II: épistemologie de l'heritage freudien, les quatre courants fondamentaux de psychanalyse”. *Ornicar? Revue du Champ Freudien*, n. 30, p. 94-125.

BEZERRA Jr, Benilton. (1999) “A diversidade no Campo Psiquiátrico: pluralidade ou fragmentação?”. Em: *Cadernos IPUB/Instituto de Psiquiatria*, n. 14. Rio de Janeiro: UFRJ, p.135-144.

_____. (2006) “O impacto das biotecnologias: um ponto de vista”. *Ide: psicanálise e cultura*. 29(43), 50-56.

_____. (2013) *Projeto para uma psicologia científica, Freud e as Neurociências*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CÂNDIDO, Carla Laino. (2003) “Freud: um monista mentalista?”. Em: *Psicologia: teoria e pesquisa*, v.19, n.2, 127-133.

CASTEL, R. (1978) *O psicanalismo*. Rio de Janeiro, Graal.

CARHART-HARRIS, Robin L. & FRISTON, K. (2012) “Free energy and Freud: an update”. Em: FOTOPOULOU, A., CONWAY, M. & PFAFF, D. *From the couch to the Lab, trends in psychodynamic neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 219-229.

CHENIAUX, Elie. (2006) “Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica”. Em: *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(2), 169-177.

_____ et al. (2011) “Psychoanalytic treatment: a neurobiological view”. Em: *Psychology & Neuroscience*, 4, 3, p.417-427.

_____ & LYRA, C.E. (2014) “The dialogue between psychoanalysis and neuroscience: what does philosophy of mind say?”. Em: *Trends in Psychiatry and Psychotherapy* (no prelo).

COBLENCE, Françoise. (2010) “Rapport et discussion”. Em *Revue Française de Psychanalyse. Entre psyché et soma* 5, tome LXXIV. Paris, PUF, p.1285-1366.

CRICK, F. (1994) *The Astonishing Hypothesis: the scientific search for the soul*. New York, Simon & Schuster.

DALGALARRONDO, P. (2000) *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre, Artmed.

DAMÁSIO, Antonio R. (1996) *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo, Cia das Letras.

_____. (2000) *O mistério da consciência*. São Paulo, Cia. Das Letras.

_____. (2003) *Em busca de Espinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo, Cia. Das Letras.

_____. (2011) *E o cérebro criou o homem*. São Paulo, Cia. Das Letras.

DARWIN, Charles. (1859) *On the origin of species. Or the preservation of favoured races in the struggle for life*. London, Murray.

_____. (1860) *The Voyage of the Beagle. A naturalist's voyage round the world*. London, Murray.

_____. (1899) *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. New York, Appleton and Company.

DAVIDOVICH, M. & WINOGRAD, M. (2010) “Psicanálise e Neurociências: um mapa dos debates”. Maringá: *Psicologia em Estudo* v.15, p. 801-809.

DEJOURS, Christophe. (2007). “Le Travail entre corps et âme”. Em; *Libres Cahiers pour la Psychanalyse. La Pulsion et l'ê destin*. Paris: InPress, p. 115-127.

DELEUZE, G. (1976) *Nietzsche e a filosofia*, Rio de Janeiro, Editora Rio.

DESCARTES, René. (1999) “Descartes, vida e obra”. Em *Os pensadores*, Editora Nova Cultural LTDA, São Paulo.

ECKER, B.; HULLEY, L. & TICIC, R. (2012) *Unlocking the emotional brain: eliminating symptoms at their roots using memory reconsolidation*. New York, Routledge.

EHRENBERG, Alain. (2009) “O sujeito cerebral”. Em: *Psicologia Clínica*, PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. 21.1, p.187-213.

EKMAN, P. (2003) *Emotions Revealed, understanding faces and feelings*. London, Orion Books.

EKMAN, P. & DAVIDSON, R.J. (1994) *The Nature of Emotion, Fundamental Questions*. Oxford, Oxford University Press.

EKMAN, P. & SCHERER, K. R. (eds.). (1984) *Approaches to emotion*. NJ, Lawrence Erlbaum.

ESPINOSA, B. (2008) *Ética*. Belo Horizonte, Autêntica.

FEITOSA, M.A.G. (1999) “Resenha: Darwin, o comportamento humano e as emoções”. Em: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 15, n.3, 265-267.

FERENCZI, Sandor. (1908) “Psicanálise e Pedagogia”. Em: *Obras Completas Psicanálise I*, Martins Fontes, São Paulo, 1991, p. 35-40.

_____. (1913) “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”. Em: *Obras Completas Psicanálise II*, Martins Fontes, São Paulo, 1992, p. 39-53.

_____. (1924) “Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade”. Em: *Obras Completas Psicanálise III*, Martins Fontes, São Paulo, 1993, p. 255-325.

_____. (1928) “A adaptação da família à criança”. Em: *Obras Completas Psicanálise IV*, Martins Fontes, São Paulo, 1992, p. 1-13.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. (1997) *Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

FONAGY, P. & LUYTEN, P. (2012) “The multidimensional construct of mentalization and its relevance to understanding borderline personality disorder”. Em: FOTOPOULOU, A., CONWAY, M. & PFAFF, D. *From the couch to the Lab, trends in psychodynamic neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 405-426.

FOTOPOULOU, Aikaterini. (2012a). “Background, ethos, and content”. Em: FOTOPOULOU, A., CONWAY, M. & PFAFF, D. *From the couch to the Lab, trends in psychodynamic neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 3-11.

_____. (2012b). “Towards a psychodynamic neuroscience”. Em: FOTOPOULOU, A., CONWAY, M. & PFAFF, D. *From the couch to the Lab, trends in psychodynamic neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 25-46.

FREUD, S. (1886) “Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim” (1956[1886]). Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. 1.

_____. (1888) “Brain”. Em SOLMS, M & SALING, M. *A moment of transition: two neuroscientific articles by Sigmund Freud*. Londres, Karnac Books/The Institute of Psychoanalysis, 1990.

_____. (1890) “Tratamiento Psíquico”. Em: *Sigmund Freud, Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1996, vol.1.

_____. (1891) *Contribution à la conception des aphasies*. Paris, PUF. 1986.

_____. (1950[1895]) “Projeto para uma Psicologia Científica”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. 1.

_____. (1900) “A Interpretação dos Sonhos” Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.4 e 5.

_____. (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.14.

_____. (1915) “Artigos sobre Metapsicologia”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.14.

_____. (1917 [1916-17]) “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.15.

_____. (1917) “Uma dificuldade no Caminho da Psicanálise”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.17.

_____. (1920) “Além do Princípio do Prazer”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.18.

_____. (1923) “O Ego e o Id”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.19.

_____. (1927) “Inibição, Sintoma e Ansiedade”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.20.

_____. (1933[1932]) “Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.22.

_____. (1933) “Sándor Ferenczi”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.22.

_____. (1937) “Análise Terminável e Interminável”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.23.

_____. (1940[1938]) “Esboço de Psicanálise”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.23.

_____. (2004) “Escritos sobre a psicologia do inconsciente”. Em: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 1.

GARCIA-ROZA, L.A. (1984) *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (2001) *Introdução à metapsicologia freudiana 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GREEN, André. (1982) *O Discurso Vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

GREGG, M. & SEIGWORTH, G.J. (ed.). (2010) *The affect theory reader*. Duke, Duke University Press.

GUTMAN, Guilherme. (2008) “As novidades da psicopatologia estão no século XIX? O retorno a William James e a sua “teoria das emoções”. Em: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, vol 11, n.4. São Paulo, 2008, p. 661-668.

HANNS, Luiz Alberto. (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, Imago.

HOPKINS, J. (2012) “Psychoanalysis, representation, and neuroscience: the Freudian unconscious and the Bayesian brain. Em: FOTOPOULOU, A., CONWAY, M. & PFAFF, D. *From the couch to the Lab, trends in psychodynamic neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 230-265.

JAMES, William. (2008 [1890]) “As Emoções”. Em: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, vol 11, n.4. São Paulo, 2008, p. 669-674.

JOHNSTON, Adrian. (2010) “Naturalism or anti-naturalism? No, thanks—both are worse!: Science, Materialism, and Slavoj Žižek,” *La Revue Internationale de Philosophie*.

_____. (2010) “The misfeeling of what happens: Slavoj Žižek, António Damásio and a materialist account of the affect”. Em: *Subjectivity*, 3, 76-100.

KANDEL, E.R. (1999) “Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited”. *American Journal of Psychiatry*, 156, 505-524.

KAPLAN-SOLMS, Karen & SOLMS, Mark. (2004) *O que é a Neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise*. São Paulo, Terceira Margem.

KOURY, M.G.P. (2014) “Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil”. Em: *Revista Sociedade e Estado*, vol.29, n.03. Brasília. 841-866.

KLOSSOWSKI, P. (2000) *Nietzsche e o círculo vicioso*, Rio de Janeiro, Pazulin.

KRISTEVA, Julia. (2002) *As Novas Doenças da Alma*. Rio de Janeiro: Rocco.

LAPLANCHE, J. (1998) *Problemáticas I: A Angústia*, São Paulo, Martins Fontes.

_____. & PONTALIS, J.-B. (1970) *Vocabulário da Psicanálise*. Santos, Martins Fontes.

LATOURE, Bruno. (1994) *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34.

_____. (2008) “Como falar do Corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência”. Em: Nunes, J.A. & ROQUE, R. *Objetos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Ed. Afrontamento, p. 39-61.

LEDOUX, Joseph. (1998) *O Cérebro emocional, os misteriosos alicerces da vida emocional*. Rio de Janeiro, Objetiva.

_____. (1994a) “Emotional Processing, but not Emotions can occur unconsciously”. In: DAVIDSON, Richard J. & EKMAN, Paul. *The Nature of Emotions, Fundamental Questions*. New York, Oxford University Press, p. 291-292.

_____. (1994b) “Memory versus Emotional Memory in the Brain”. In: DAVIDSON, Richard J. & EKMAN, Paul. *The Nature of Emotions, Fundamental Questions*. New York, Oxford University Press, p. 311-312.

_____. (1994c) “Emotional experience is an output of, not a cause of, emotional processing”. In: DAVIDSON, Richard J. & EKMAN, Paul. *The Nature of Emotions, Fundamental Questions*. New York, Oxford University Press, p. 394-395.

LEJARRAGA, Ana Lila. (2002) *Paixão e Ternura, um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

LESTIENNE, Remy. (2013a) “Emergência, um novo paradigma indispensável para as ciências e a filosofia?” Em: *Ciência e Cultura*, vol.65, n.4, São Paulo, 2013.

_____. (2013b) “A emergência, uma solução ao problema mente-cérebro?” Em: *Ciência e Cultura*, vol.65, n.4, São Paulo, 2013.

MACHADO, Ângelo. (1993) *Neuroanatomia Funcional*. São Paulo, Atheneu.

MAIA, Marisa Schargel. (2004) “A máquina de expressão: corpo, subjetivação e clínica psicanalítica”. Em PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, p.115-134.

MARCONDES, D. (1997) *Iniciação à História da Filosofia. Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

- MEZAN, Renato. (2006) *Freud: a Trama dos Conceitos*, São Paulo, Perspectiva.
- MORGAN, C.L. (1923) *Emergent Evolution*. Londres, Williams & Norgate.
- MORIN, Edgar. (2004) *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MORRIS, Desmond. (1967) *O macaco nu, um estudo sobre o animal humano*. Rio de Janeiro, Record.
- NETTO DOS REYS, Bruno. (1998) *O problema do afeto em Freud e Lacan*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, PPGTP.
- NIETZSCHE, F. (2000 [1883-1884]) *Assim falou Zaratustra*. São Paulo, Editora Martin Claret.
- _____. (2007 [1887]) *A Genealogia da Moral*, São Paulo, Editora Escala.
- PANKSEPP, Jaak. (1998) *Affective Neuroscience, The foundations of Human and Animal Emotions*. New York: Oxford University Press.
- PANKSEPP, Jaak & BIVEN, Lucy. (2012) *The Archaeology of Mind, neuroevolutionary origins of human emotions*. New York: W.W. Norton & Company.
- PEIXOTO JUNIOR, C.A. (2008) “A clínica da subjetivação como crítica da cultura” Em: PEIXOTO JUNIOR, *Singularidade e subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura*, Rio de Janeiro, 7 Letras/Ed. PUC-Rio.
- PERESTRELLO, Marialzira (org). (1996) *A Formação Cultural de Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- PESSOA JR, Osvaldo. (2013) “Emergência e redução: uma introdução histórica e filosófica”. Em: *Ciência e Cultura*, vol.65, n.4, São Paulo, 2013.
- PLASTINO, C.A. (2001) *O Primado da Afetividade: A crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PONTALIS, J.-B. (1972) *A psicanálise depois de Freud*. Petrópolis, Editoras Vozes.
- PRIBRAM, K. & GILL, M. (1976) *Freud's 'Project' Re-assessed*. New York, Basic Books.
- PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. (1997) *A Nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília, Ed UnB.
- RAVANELLO, T. (2009) *Elementos para uma abordagem discursiva do afeto: estudo de interface entre psicanálise e semiótica tensiva*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, PPGTP.

RIBEIRO, Sidarta. (2003) “Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro”. Em: *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25 (II), 59-63.

RODRIGUES, Roberto. (1985) *Psicanálise e Neurociência, um modelo neurobiológico da personalidade humana*. Porto Alegre, D.C. Luzzatto Editores.

ROSE, Stevens. (2005) *The future of the brain, the promise and the perils of tomorrow's neuroscience*. New York: Oxford University Press.

RUDRAUF, David et al. (2009) “Enter feelings: somatosensory responses following early stages of visual induction of emotion”. Em: *International Journal of Psycho-physiology* 72, n. 1 (2009), p. 13-23.

SANTOS, Milton. (2000) *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record.

SCHNEIDER, M. (1994) *Afeto e linguagem nos primeiros escritos freudianos*. São Paulo: Editora Escuta.

SERPA JR. O. (2007) “Subjetividade, valor e corporeidade: os desafios da psicopatologia”. Em: SILVA FILHO, J. F. *Psicopatologia Hoje*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.

SOUZA, Octavio. (2001) “Nota sobre Algumas Diferenças na Valorização dos Afetos nas Teorias Psicanalíticas”. Em BEZERRA Jr., B. e PLASTINO, C.A. (orgs.) *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, p. 285-298.

SOLLERO-DE-CAMPOS, F. (2001) *Psicanálise e Neurociência: dos monólogos cruzados ao diálogo possível*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC-Rio.

SOLLERO-DE-CAMPOS, F. & WINOGRAD, M. (2009) “Psicologia e Biologia: algumas interseções”. São Paulo, *Psicologia USP* 20(1), p.11-30.

SOLMS, Mark & TURNBULL, Oliver. (2002) *The Brain and the inner world, an introduction to the neuroscience of subjective experience*. London, Karnac.

SOLMS, Mark & ZELLNER, Margaret R. (2012) “Freudian affect theory today”. Em: FOTOPOULOU, A., CONWAY, M. & PFAFF, D. *From the couch to the Lab, trends in psychodynamic neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 133-144.

SOLMS, Mark. (2013) “The Conscious id”. Em: *Neuropsychoanalysis: An Interdisciplinary Journal for Psychoanalysis and the Neurosciences*. 15, 1, 5-19.

STERN, Daniel. (1992) *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre, Artes Médicas.

_____. (2007) *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Record.

TROTTA, Fabrício da C. (2010) *Considerações sobre o afeto em psicanálise*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, PPGP.

VARELA, F.J.; ROSCH, E. & THOMPSON, E. (1991) *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge, MIT Press.

WINOGRAD, Monah. (2004) “Freud é monista, dualista ou pluralista?”. Em: *Ágora*, v.7, n.2, 203-220.

_____. (2013) *Freud e a fábrica da Alma, sobre a relação corpo-psiquismo em psicanálise*. Curitiba: Appris.

_____ & SOLLERO-DE-CAMPOS, F. (2012) “Entre a reação catastrófica e a fúria narcísica”. Em WINOGRAD, M. & SOUZA, Mériti de, *Processos de subjetivação, clínica ampliada e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro, Cia. de Freud, p. 103-123.

WINOGRAD, SOLLERO-DE-CAMPOS & LANDEIRA-FERNANDEZ (2007) “Psicanálise e Neurociências: condições, experimentações e clínica”. Em LANDEIRA-FERNANDEZ, J. e SILVA, M.T.A. (2007). *Intersecções entre psicologia e neurociências*. Rio de Janeiro: Editora MedBook, p. 25-42.

XAVIER, Cesar Rey. (2012) *A psicologia e o problema mente-corpo: uma nova proposta para a imponderável epistemologia da consciência*. Curitiba, Juruá.